



Revista da **AAL**
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS





Revista da ACADEMIA
AMAZONENSE
DE LETRAS



N.º 29, ANO XCII – DEZEMBRO DE 2010

DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Biênio 2010/2011



Presidente: JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente: TENÓRIO NUNES TELLES DE MENEZES

Secretário-Geral: ALMIR DINIZ DE CARVALHO

Secretário-Geral-Adjunto: CARMEN NOVOA SILVA

Tesoureiro: ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

Tesoureiro-Adjunto: DEMOSTHENES RIBEIRO CARMINÉ

Diretor de Patrimônio: MOACIR COUTO DE ANDRADE

Diretor de Promoções e Eventos: CLÁUDIO DO CARMO CHAVES

Diretor de Edições: MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Conselho Fiscal:

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

FRANCISCO GOMES DA SILVA

ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

Suplentes:

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO

Revista da

AAL

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS



Fundada em 1.º de janeiro de 1918

*Filiada à Federação das Academias
de Letras do Brasil*

Tenório Telles

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Rômulo Nascimento

CAPA E PROJETO GRÁFICO

(foto da capa de *Roumen Kouynov*)

Marcus Barros

Jorge Tufic

Almir Diniz

COMISSÃO EDITORIAL

Editora Valer

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL E GRÁFICO

Arthemisa Gadelha

JORNALISTA RESPONSÁVEL

(reg. profissional 0000170)

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. Ano 92, n.º 29
(dezembro de 2010). Manaus: Editora Valer e Academia
Amazonense de Letras, 2010.

Fundada em 1918

152 p.

1. Literatura – 1. Título: Revista da Academia Amazonense de Letras

CDU 82+061.137 (05)

LOCALIZAÇÃO:

Av. Ramos Ferreira, 1.009

Centro, CEP 69010 120

TEL / FAX: (92) 3234 0584

acadam@ig.com.br

Manaus – Amazonas

Quadro de Patronos e Acadêmicos Efetivos da Academia Amazonense de Letras

CADEIRA	PATRONO	TITULAR
1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
2	Euclides da Cunha	Moacir Couto de Andrade
3	Gonçalves Dias	
4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
8	Torquato Tapajós	Euler Esteves Ribeiro
9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro Neto
11	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
13	Estelita Tapajós	Abrahim Sena Baze
14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
15	Graça Aranha	Almino Álvares Affonso (eleito)
16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
17	Francisco de Castro	Demosthenes Ribeiro Carminé
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
21	Tenreiro Aranha	Luiz Franco de Sá Huet-Bacellar
22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Sousa	Joaquim de Alencar e Silva
24	Joaquim Nabuco	
25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
26	Rui Barbosa	José Roberto Tadros
27	Tavares Bastos	José Maria Pinto de Figueiredo

28	Aníbal Teófilo	Maria José Mourão Gomes (eleita)
29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
32	Bernardo Ramos	
33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
34	Ermano Stradelli	Antonio José Souto Loureiro
35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
37	Benjamin Lima	Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto
38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
40	Paulino de Brito	

Sumário



Nossa edição · 11

A ACADEMIA E OS SEUS FUNDADORES

Gaspar Gruimarães · 15
– *Cláudio Chaves*

Generino Maciel · 23
– *Mário Ypiranga Neto*

Aurélio Pinheiro · 29
– *Marcus Barros*

Paulo Eleuthério · 37
– *Zemaria Pinto*

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL PÉRICLES MORAES – 2007

Abertura da Sessão Solene · 53
– *José Braga*

Memorial · 55
– *Francisco Gomes da Silva*

Discurso de agradecimento · 57
– *Milton Hatoum*

Saudação aos homenageados · 61
– *Zemaria Pinto*

CICLO DE PALESTRAS – LEITURAS ESSENCIAIS

Uma viagem pela viagem de Euclides
da Cunha à Amazônia · 73
– *Narciso Lobo*

ALGUMA POESIA

Os Andes, *José Santos Chocano* · 85

Já faz tempo que escolhi, *Thiago de Mello* · 86

Romance, *Alencar e Silva* · 87

Busca, *Tenório Telles* · 88

Natal das Letras, *José Braga* · 90

Maloca, *Priscila Maisel* · 92

Rua Formosa, *Francisco Evangelista* · 93

Uma Canção, Manaus, *João Cândido
Rodrigues* · 94

ENSAIOS ACADÊMICOS

Terra Imatura – ensaio ou ficção? · 97
– *Elson Farias*

Inquietação literária e realizações – notas
sobre a poltrona n.º 4 da Academia · 109
– *Newton Sabbá Guimarães*

DISCURSOS ACADÊMICOS

Homenagem a Oyama, Armando
e Thiago · 145
– *Zemaria Pinto*

RESENHAS

Edições da Academia – Clássicos
da Academia · 149
– *Elson Farias*



AMAZONENS

Estamos entregando quase simultaneamente as edições 28 e 29 da *Revista da Academia*, num esforço para superar o descompasso no tempo, desafio imposto a todas as administrações diante da escassez de recursos, que tanto nos aflige.

Esteio e luz, a *Revista da Academia* registra os nossos fazeres e projeta para o amanhã o pensamento acadêmico, culto à beleza e à verdade. Ela nos diz do persistente labor das letras na Casa de Adriano Jorge, chama que incendiou a selva nos idos de 1918 e se mantém acesa no ideal que nos une e move.

Obra de muitos autores, a *Revista da AAL* conta nesta edição com a presença dos Acadêmicos Cláudio Chaves, Elson Farias, Francisco Gomes, José Braga, Luiz Bacellar, Mário Ypiranga Neto, Marcus Barros, Narciso Lobo, Newton Sabbá Guimarães, Tenório Telles, Thiago de Mello, Zemaria Pinto e dos escritores Milton Hatoum, José Chocano e Francisco Carvalho, além dos poetas agraciados no concurso “Manaus e Poesia”: Priscila Maisel, Francisco Evangelista e João Cândido Rodrigues.

Este número registra a continuidade do ciclo de palestras *A Academia e seus fundadores*, tributo a Gaspar Guimarães, Generino Maciel, Aurélio Pinheiro e Paulo Eleuthério.

Reproduzidos os pronunciamentos feitos por ocasião da entrega da *Medalha do Mérito Cultural Pericles Moraes 2007*, homenagem ao escritor Milton Hatoum, à pianista e professora

Iviete Ibiapina e ao mecenas José Roberto Tadros, líder empresarial comprometido com o desenvolvimento cultural de nossa terra.

No ciclo de palestras *Leituras Essenciais*, um estudo sobre a viagem de Euclides da Cunha à Amazônia.

A seção *Alguma Poesia* está enriquecida com um poema do escritor peruano José Santos Chocano em tradução esmerada de Luiz Bacellar, três poemas e uma prosa poética ofertados por nossos escritores, além dos poemas classificados no concurso “Manaus e Poesia”, promovido pela AAL em 2010.

Dois *Ensaio Acadêmicos* emprestam, também, erudição às nossas páginas. Nos *Discursos Acadêmicos*, a repercussão, ainda, das homenagens aos confrades Oyama Ituassú, Armando de Menezes e Thiago de Melo pelos caminhos percorridos.

A seção *Resenhas* encerra com o registro da publicação de obras da Academia numa reafirmação do compromisso com a construção, preservação e difusão do conhecimento amazônico por meio da memória acadêmica, da qual somos fautores e guardiões nesta Casa.

Que a *Revista* continue a cumprir o seu papel como fonte de consulta nas escolas, bibliotecas, mesas de trabalho, onde quer que possam suas centelhas iluminar novos caminhos!

José Braga, Presidente

A ACADEMIA & *seus fundadores*

2.^a série





GASPAR GUIMARÃES



• *Cláudio Chaves*¹

Lisonjados com a incumbência de dissertar sobre a vida e obra de Gaspar Guimarães, figura emblemática e um dos ícones da nossa sociedade, na última década do século XIX e nas quatro primeiras do século XX, e uma personalidade que prestou indelével serviços em diferentes atividades (magistratura, política, serviço público, magistério, imprensa, literatura, vida acadêmica e maçonaria – sua maior dedicação), faremos a nossa descrição de cada uma dessas etapas sobre a vida e obra desse conceituado e versátil homem de letras.

I – BIOGRAFIA

Nome: Gaspar Antônio Vieira Guimarães

Nascimento: 20/9/1874, Recife, PE

Pais: Comandante Gaspar Antônio Vieira Guimarães e Senhora Maria Brígida de Abreu Vilar (ambos portugueses)

Formação Superior: Faculdade de Direito do Recife em 1892

Emigração para o Amazonas: Saiu do Recife /PE no pacote Brasil em 16/12/1892 com destino a Belém /PA tendo optado, durante a viagem, por Manaus e aqui chegando em 31/12/1892.

Matrimônio: Srta. Maria Amethysta Rodrigues de Campos, natural do Pará, em 25/5/1895, que passou a assinar Maria Amethysta de Campos Guimarães.

Descendente: Doutor Ivan de Campos Guimarães

Residência em Manaus: Imóvel situado na rua 24 de Maio, n.º 700, Centro, entre as avenidas Getúlio Vargas e J. Nabuco, depois moradia da família de Armando Abecassis.

1. MÉDICO OFTALMOLOGISTA E PESQUISADOR, AUTOR DE INÚMEROS TRABALHOS DE CUNHO CIENTÍFICO, OCUPA A CADEIRA N.º 14, DO BARÃO DE SANT'ANNA NERY. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 13 DE MAIO DE 2006.

Residência no Rio de Janeiro: Av. Portugal, n.º 24, Urca.



* PROPRIEDADE E RESIDÊNCIA DO SR. GASPAB GUIMARÃES,
RUA 24 DE MAIO, N.º 700 – CENTRO, MANAUS – AM.

II – O MAGISTRADO

13/1/1893 – Promotor de Justiça do 2.º Distrito da Capital, nomeado por Eduardo Gonçalves Ribeiro, tomou posse no dia seguinte;

Em 20/2/1894, ainda no governo de Eduardo Ribeiro, foi transferido para o 1.º Distrito da Capital assumindo em 1.º de março de 1894;

Em 13/2/1895, também na administração de Eduardo Ribeiro, foi nomeado juiz municipal do 2.º Distrito da Capital e assumiu no dia seguinte;

Em 7/3/1898, no governo de Fileto Pires, foi nomeado juiz de Direito da comarca do município de Rio Branco (hoje Cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, assumindo em 14 de julho do mesmo ano);

Em 10/2/1900, no governo de Ramalho Júnior, foi removido para a comarca de Coari, tendo assumido no dia 23 do mesmo mês;

Em 9/5/1900, ainda no governo de Ramalho Júnior, voltou a ser juiz de Direito do 1.º Distrito da Capital permanecendo no cargo até 21 de julho do mesmo ano quando se licenciou para concorrer ao mandato de senador estadual ao Congresso dos Representantes do Estado;

Em de 30/10/1903, no governo de Silvério Nery, voltou ao cargo de juiz de Direito do 1.º Distrito da Capital, assumindo na mesma data;

Em 4/1/1905, por revezamento, no governo de Constantino Nery, foi removido para o 2.º Distrito da Capital;

2/1/1907 – Na administração de Constantino Nery, é transferido para o 3.º Distrito da capital, assumindo na mesma data;

Pelo sistema de revezamento, voltou ao 1.º Distrito da Capital em 1.º/1/1909 e a partir de 2/1/1911 passou a servir na 2.ª Vara da Capital até 30/4/1913, no governo de Jonathas Pedrosa, quando se licenciou para ocupar o cargo em comissão de chefe de Polícia;

Teve assento no tribunal como Juiz convocado no quadro de desembargadores nos períodos de

9 de maio de 1900 a 21 de julho de 1900
e de 3 a 23 de maio de 1911;

1913 – No governo de Jonathas Pedrosa, figura como juiz de Direito do 3.º Distrito e juiz municipal do 4.º Distrito;

13/8/1921 – Na gestão do também desembargador Cezar do Rego Monteiro, já então juiz de Direito da capital, é nomeado desembargador do então Egrégio Superior Tribunal de Justiça do Amazonas (entidade que teve essa denominação desde a sua fundação em 13/3/1891 a 1.º/6/1935), tendo assumido em 16 do mesmo mês;

Ainda no governo de Rego Monteiro, por força de disposição constitucional, por ato foi aproveitado na composição do Superior Tribunal de Justiça no cargo de desembargador e ratificado o seu aproveitamento nesse cargo, por ato de 24/5/1922, de acordo com as disposições transitórias da Constituição promulgada em 14 de fevereiro desse mesmo ano;

1931 e 1932 – Durante a época da intervenção de Getúlio Vargas, ocupou a vice-presidência do Tribunal de Justiça, nos mandatos de Hamilton Mourão.

Foi um dos protagonistas do episódio de 24/6/1931, em que ocorreu o julgamento do colombiano Abdon Villareal, acusado de defloração da jovem Antônia Maia de Arruda, funcionária da Sapataria Leal, filha da senhora Idalina Maia de Arruda, viúva, residente na rua Paes de Andrade, n.º 25, hoje

rua Tarumã, desta capital, cuja decisão em absolver o réu ensejou o Acto n.º 699, de 25/6/1931, em que o interventor-geral no Estado do Amazonas – Doutor Álvaro Botelho Maia – e o secretário de Estado Francisco Pereira da Silva dissolveram o Superior Tribunal de Justiça do Amazonas e concomitantemente aposentaram todos os seus integrantes – desembargadores Antero Coelho de Rezende, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, Gaspar Guimarães, Hamilton Mourão e Raimundo Vidal Pessoa. Nesse episódio o advogado de defesa foi o doutor Análio de Mello Rezende.

Por causa desse fato, a entidade maior da justiça amazonense fora alcunhada, de forma jocosa, de “Tribunal da Eneida”, certamente por ter sido essa senhora a líder do movimento em defesa da vítima que comandou o comício em frente à residência do governador – o Palácio Rio Negro –, e que foi o estopim desse triste episódio. Nessa página infeliz de conflito executivo com o Judiciário no Amazonas, também figura o nome de um indivíduo denominado Fraga Cruz que, em conjunto com outras pessoas solidárias a essa causa, certamente influenciou o interventor Álvaro Maia a tomar a decisão de dissolver o Tribunal de Justiça do Estado e concomitantemente aposentando os seus membros, conforme carta de repúdio que o desembargador Hamilton Mourão endereçou ao interventor federal no dia seguinte à edição do Ato 699 antes referido.

Os Actos 1.248 e 1.249, ambos editados em 15/1/1932, da lavra do interventor-geral no Amazonas Antônio Rogério Coimbra e do

secretário-geral do Estado doutor Waldemar Pedrosa, fizeram com que os cinco desembargadores exonerados retornassem às suas funções. Dentre esses estava Gaspar Guimarães que inclusive retornou à vice-presidência da Corte ao lado de Hamilton Mourão na presidência do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas.

1933 – Ainda no período da intervenção Vargas, foi eleito presidente do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas, ano em que se aposentou em decorrência de acidente.

III – O HOMEM PÚBLICO

Em 21/1/1907, por nomeação de Antônio Constantino Nery, ocupou o cargo de Prefeito de Segurança permanecendo nele até 8 de setembro do mesmo ano;

Em 30/4/1913, no governo de Jonathas Pedrosa, ocupou o cargo de chefe de Polícia em substituição ao doutor João Lopes Pereira, licenciado, tendo permanecido na função até 8 de setembro do mesmo ano.

IV – O POLÍTICO

Em 15/11/1900 foi eleito senador estadual ao Congresso dos Representantes do Estado para o triênio 1901-1903 tendo cumprido integralmente o mandato de parlamentar. Essa fora a sua única experiência no campo político.

V – O DOCENTE

Foi um dos fundadores da Escola Universitária Livre de Manáos, instituída em 17/1/1909, sucedendo a Escola Livre de Instrução Militar, criada em 22/11/1908, pelo Club da Guarda Nacional, a qual teve a sua inauguração em 15/3/1910, em sessão solene que contou com o discurso do professor Simplício Coelho de Rezende e aula inaugural proferida pelo professor Pedro Regalado Epiphanyo Baptista.

Essa instituição foi depois denominada de Universidade de Manáos, em 13/7/1913 e teve suas atividades funcionando regularmente até o ano de 1926.

Foi Gaspar Guimarães docente da disciplina Direito Internacional Público e Diplomacia, vice-diretor da primeira administração da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, gestão de Simplício Coelho de Rezende e também o seu sucessor, nesse estabelecimento de ensino superior.

VI – O ARTICULISTA

Há citações de que tenha colaborado como articulista voluntário em quatro periódicos amazonenses na época em que aqui viveu (1893 a 1935): *Jornal do Comércio*, *Jornal do Amazonas*, *Jornal d'A Capital* e *Jornal d'O Tempo*.

VII – O COMENDADOR

Por ter sido um aliado fervoroso do pensamento em prol da Tríplice Entente da Primeira Guerra Mundial (Inglaterra, França, Rússia –

e da Itália que aderiu a esse movimento), noticiando e comentando diariamente os acontecimentos da guerra como um crítico militar, recebeu condecorações dos governos italiano, belga, francês e inglês. Foi condecorado com os louros de *Cavaleiro da Coroa* pelas ordens italiana e belga. Do governo francês recebeu a comenda *Legião de Honra* e da nação inglesa foi honrado com mensagens de agradecimento da lavra do rei Jorge V.

Em 1916, por ocasião de seu aniversário, foi homenageado pelos cônsules dos países aliados com uma Polianteia, composta por um conjunto de textos resumidos de sua lavra.

VIII – O ESCRITOR

De sua autoria encontramos citações sobre nove livros:

- 1 – *Primeiros Voos*, 1892;
- 2 – *As nossas Fronteiras e a reorganização do Exército Nacional*, 1900;
- 3 – *Dados Descritivos do Município de Coari*, 1900;
- 4 – *O Vínculo entre o Estado e o Funcionário*, 1914;
- 5 – *História do Logar da Barra*, 1914;
- 6 – *Direito Internacional Público e Diplomacia*, 1914;
- 7 – *A Evolução Histórica da Divisão Judiciária e Administrativa do Estado do Amazonas*, 1922;
- 8 – *A Vida*, 1930;
- 9 – *Noções Teosóficas*, 1934.

IX – O ACADÊMICO

Como um dos trinta fundadores da *Sociedade Amazonense de Homens de Letras* em 1.º de

janeiro de 1918, mais tarde, em 29 de março de 1920, *Academia Amazonense de Letras*, Gaspar Guimarães foi o fundador da cadeira 17 – atualmente poltrona 13, para a qual escolheu o patronato de Alfredo Maria Adriano D'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay) –, na qual permaneceu como ocupante até o momento de seu falecimento ocorrido em 23/6/1938.

Em 18/1/1942, para ocupar a vaga de Gaspar Guimarães na atual cadeira 13, ex-17, foi eleito o também desembargador e pernambucano Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, desta feita tendo o patronato de Tobias Barreto de Menezes em substituição ao patrono original Visconde de Taunay, o qual tomou posse em 22/2/1943 na presidência de Adriano Jorge, com recepção de Huascar de Figueiredo. Arthur Virgílio permaneceu como ocupante dessa poltrona até o seu falecimento em 14/9/1956.

Em 27/1/1967, assumiu como ocupante dessa cadeira, agora sob o patronato de Estelita Tapajós, o intelectual amazonense Arthur César Ferreira Reis, que tomou posse neste Sodalício, sob a presidência de Álvaro Maia, recebendo a saudação do verbo de Djalma Batista. Arthur Reis permaneceu como titular da Academia Amazonense de Letras até o seu falecimento, ocorrido no dia 7/2/1973.

Na ordem sucessória, para a atual cadeira 13, ex-17, fundada por Gaspar Guimarães, foi eleito, em 6/5/1994, o professor Jauary Guimarães de Sousa Marinho que assumiu em 14/10/1994, na presidência de Oyama Ituassú

e recepcionado por Newton Sabbá Guimarães, estando como ocupante dessa poltrona até a presente data.

X – O MAÇON

Iniciação: Loja Amazonas, em 2 de dezembro de 1893 (Grau 1 – Aprendiz).

Elevação: 15 de fevereiro de 1894 (Grau 2 – Companheiro).

Exaltação: 5 de maio de 1895 (Grau 3 – Mestre).

Cargos: Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente Estadual do Amazonas de 1917 a 1923, na gestão do Grão-Mestre senador Silvério José Nery; Grão-Mestre do Grande Oriente Estadual do Amazonas de 1923 a 1927; Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre de 1927 a 1935;

24 de junho de 1927 – Comunicou, na sessão do Grande Oriente Estadual do Amazonas, realizada na Loja Maçônica Amazonas, o recebimento de um telegrama do soberano grande comendador doutor Mário Behring, narrando a ruptura ocorrida em 16.6.1927 entre o Grande Oriente do Brasil e o soberano Supremo Conselho do Rito Escocês antigo e aceito a criação de Corpos Soberanos nos Estados, sob os auspícios dessa nova entidade. Nessa mesma sessão, proclamou a soberania do Grande Oriente do Amazonas e Acre (denominação esta que permaneceu até 1945), separando do então Grande Oriente Estadual do Amazonas, instituído em 1904;

7 de agosto de 1927 – Promulgou a primeira Constituição dessa nova potência maçônica;

Gaspar Guimarães pronunciou nos templos maçônicos muitos discursos de sua lavra, dentre os quais destacam-se:

Primeiro Centenário da Fundação do Grande Oriente do Brasil (17.6.1922) no qual destaca os relevantes serviços prestados pela Maçonaria nos momentos mais solenes e graves da nossa evolução histórica;

Em 10.9.1922, em alusão ao Primeiro Centenário da Independência do Brasil, fez um retrospecto histórico da nacionalidade, tendo ao final enaltecendo que “a liberdade frutifique eternamente no solo brasileiro”;

No ano de 1923, registrou o falecimento do insigne jurista e irmão maçônico Rui Barbosa, destacando ter o Brasil perdido o mais ilustre dos seus filhos e que essa triste notícia abalou profundamente o coração da pátria, que tinha no grande morto a mais legítima glória na tribuna, na literatura e na jurisprudência.

Em 1924, referente ao falecimento do irmão maçônico, Grão-Mestre Honorário do Grande Oriente do Amazonas e ex-presidente da República, Nilo Peçanha, Gaspar Guimarães enalteceu as grandes virtudes públicas e privadas do extinto, que soube fazer-se grande maçom e grande cidadão.

Em 4.2.1926, suspendeu os trabalhos maçônicos em face da epidemia de varíola que assolou nossa cidade.

Na sua administração à frente do Grão-Mestrado, foram fundadas as seguintes lojas maçônicas:

- *Templários do Deserto* – 18.4.1923, em Rio Branco, AC;
- *Fraternidade Acreana* – 18.4.1923, em Cruzeiro do Sul, AC;
- *Tereza Cristina* – 29.9.1923, em Brasileia, AC;
- *Fé e Confiança* – 23.7.1926, em Guajará-Mirim, RO;
- *Fraternidade Coariense* – 21.6.1931, em Coari, AM;
- *Arautos do Bem* – 10.8.1932, em Lábrea, AM;
- *Sentinela da Ordem* – 5.2.1933, em Boca do Acre, AM;
- *Glória de Hiram* – 17.4.1934, em Itacoatiara, AM;
- *Rio Mar* – 29.7.1934, em Codajás, AM.

Gaspar Guimarães foi, na Maçonaria Amazonense, o 5.º Grão-Mestre do Grande Oriente Estadual do Amazonas e, após a cisão, o 1.º Grão-Mestre do Grande Oriente Amazonas e Acre.

Em face a sua capacidade de liderança, sua palavra e seus ensinamentos constituíam para os maçons um verdadeiro evangelho.

Tido como maçom disciplinado e determinado, usando sempre a máxima “se não encontro o caminho, abro-o, custe o que custar” – lema que ratificava a sua inteligência e perseverança como ingredientes para solucionar os obstáculos que por acaso se interpunham em seu caminho. Era também possuidor de um verbo eloquente e brilhante, e detentor de uma erudita cultura sobre a história da nossa pátria.

Para ele, a maçonaria era a única associação que reunia, na ordem física, a expressão do equilíbrio universal; na ordem intelectual, a suprema inteligência que a tudo rege e prevê; e na ordem moral, a justiça imanente.

Em 1935, aposentado e doente, transfere seu domicílio para o Rio de Janeiro (Av. Portugal, n.º 24, Urca) e lá permanece até o seu falecimento ocorrido, em sua residência, em 23/6/1938, às 21h, naquela cidade, tendo sido atestado como Causa Mortis: “Colapso no curso de arteriosclerose generalizada”, da lavra do médico Dr. Pedro da Cunha.

Foi sepultado no dia 24/6/1938 no Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro, conforme Certidão de Óbito n.º 1.309, fl. 215, livro n.º 127 – C, 5.ª Circunscrição do Registro Civil das Pessoas Naturais e Tabelionato da Cidade do Rio de Janeiro.

Ele deu provas concretas de que escolheu o Amazonas para morar e participar da construção de sua história.

Foi um exemplo de pessoa de erudição cultural e de humildade engrandecendo todos os cargos que ocupou e jamais buscou nenhum tipo de promoção pessoal frente das funções que exerceu.

Foi também modelo de pessoa de caráter íntegro, honesto, honrado, leal e probo.

Gaspar Guimarães, no seu correr de vida, escreveu uma das mais bonitas histórias para o engrandecimento cultural do Amazonas

e deu provas de que escolheu este Estado para viver, diferentemente da grande maioria dos que para cá imigram (inclusive muitos dos dias atuais) apenas com o espírito de garimpar prestígio e dinheiro.

AGRADECIMENTO

Acadêmico Bernardo Cabral, em não medir esforços para a obtenção da certidão de óbito de Gaspar Antônio Vieira Guimarães na 5.^a Circunscrição do Registro Civil das Pessoas Naturais e Tabelação da Capital do Estado do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- 1 – Bittencourt, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias: Vultos do Passado*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1973.
- 2 – Brito, Rosa Mendonça de. *Da Escola Universitária Livre de Manaus à Universidade Federal do Amazonas: 95 anos construindo conhecimentos*. Manaus: Edua, 2004.
- 3 – Cabral, José Bernardo. *Comunicação Pessoal*. Manaus, 2005.
- 4 – Garcia, Etelvina. *O Poder Judiciário na História do Amazonas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2002.

- 5 – Diniz, Almir. *Acadêmicos Imortais do Amazonas: Dicionário Biográfico*. Manaus: Editora Uirapuru, 2002.
- 6 – Figliuolo, Humberto. *Comunicação Pessoal*. Manaus, 2005.
- 7 – Governo do Estado do Amazonas. *Anuário de Manaus*. Lisboa: A Editora Limitada, 1913.
- 8 – Ituassú, Oyama. *História do Tribunal de Justiça do Amazonas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2000.
- 9 – Lins, Rui. *Comunicação Pessoal*. Manaus, 2005.
- 10 – Péres Sobrinho, Leopoldo. *Comunicação Pessoal*. Manaus, 2005.
- 11 – Universidade Federal do Amazonas. *Guia Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas*. Manaus: Editora Valler, 2001.
- 12 – Valle, Rodolpho. *Centenário Maçônico*. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1972.
- 13 – Verçosa, Mário. *Mosaicos do Judiciário Amazonense*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1983.
- 14 – Verçosa, Mário. *Registros Maçônicos*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1985.

GENERINO MACIEL



• *Mário Ypiranga Neto*¹

A perspectiva do tempo fornece-nos a medida exata para o julgamento dos homens. O meu objetivo, no entanto, é menos audacioso, mais limitado, porém, não menos nobre, adjetivo cabível para consagrar Generino Maciel, um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras e personagem de um rico episódio histórico, marcante para o Estado do Amazonas, no início do século XX, quando intelectuais, que atuavam com coerência, fidelidade e coragem, modificavam a paisagem intelecto-social deste verde Estado, razão porque é importante às novas gerações conhecerem o espírito de renovação de um tempo, fiéis à responsabilidade intelectual, às heranças culturais e cívicas, prospectivas para a visão do nosso futuro.

Generino Maciel, conforme informação de nosso confrade Almir Diniz, em seu dicionário biográfico sobre os imortais do Amazonas, nasceu no Piauí e deslocou-se, ainda moço, para o Amazonas, como tantos outros intelectuais, no fim do século XIX e início do século XX, atraídos pela febre da borracha.

Foi jornalista e emprestou o brilho de sua inteligência à imprensa manauense. Trabalhou por algum tempo no Jornal *O Tempo*, no governo de Jonathas Pedrosa. Posteriormente, deu nova feição ao *Jornal do Comércio*, quando o secretariou.

Foi professor e diretor da Escola de Aprendizes Artífices (Escola Técnica Federal do Amazonas), hoje Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas, criada em 1909 por Nilo Peçanha.

Por ocasião da Fundação da Academia, foi convidado para integrá-la, tendo sido o fundador da Cadeira n.º 22, antes 30, patrocinada por Farias Brito.

Permaneceu por longos anos em Manaus. O combativo jornalista retornou ao Piauí,

• • •

1. CRONISTA E JURISTA, OCUPA A CADEIRA N.º 10, DO BARÃO DO RIO BRANCO. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 2 DE SETEMBRO DE 2006.

tendo sido eleito deputado ao Congresso e passado a integrar o quadro de correspondentes da Academia Amazonense de Letras. Em 8 de abril de 1920, o doutor Achilles Beviláqua foi eleito para substituí-lo no quadro de membros efetivos. Os demais sucessores na Cadeira foram o desembargador Manoel Anísio Jobim e o historiador Robério Braga (atual ocupante). Há pouca biografia sobre Generino Maciel, fato que nos enseja situar-nos no contexto histórico da época em que viveu este grande homem.

No final do século XIX, Manaus já era uma cidade cosmopolita. Mário Ypiranga Monteiro, em artigo publicado na Revista da Academia Amazonense de Letras, n.º 12, julho de 1968, rechaçava a ideia erroneamente divulgada por alguns de que Manaus era uma “aldeia” e salientava que, mesmo antes de Eduardo Ribeiro, outros homens, civis e militares, dotados de capacidade administrativa e de boa vontade, haviam iniciado o aterro de Igarapés e providenciado a abertura e o alargamento de ruas, levantaram edifícios e deram impulso à cultura, com museus, bibliotecas, escolas e opções de lazer à população.

Mário Ypiranga Monteiro cita obras que antecederam a fundação da Academia, ainda no final do século XIX, como o Asilo Orfanológico, criado pelo Dr. Teodureto de Farias, e o Palácio da Justiça, concluído por José Cardoso Ramalho Júnior, criador também do monumento da praça de São Sebastião, além dos Nery, que protegeram as ciências e as artes.

Em 7 de janeiro de 1918, inaugura-se a Sociedade Amazonense de Homens de Letras,

na residência do escritor Benjamin Lima. Faziam parte, como membros efetivos, Adriano Jorge, Benjamin Lima, Péricles Morais, Aurélio Pinheiro, Paulo Eleuthério, Jonas da Silva, Araújo Filho, Heliodoro Balbi, Carlos Chauvin, Jorge de Morais, Genésio Cavalcante, Huascar de Figueiredo, Generino Maciel, Alcides Bahia, Octávio Sarmiento, Gaspar Guimarães, Coriolano Durand, Taumaturgo Sotero Vaz, Benjamim de Souza, Araújo Lima, Raimundo Monteiro, Raul de Azevedo, Dorval Pires Porto, Mendonça Lima, Álvaro Maia, Nunes Pereira, João Leda, Virgílio Barbosa, José Chevalier Carneiro de Almeida e Odilon Lima.

Generino Maciel compunha a paisagem intelectual da época em que vertentes do conhecimento humano se difundiam, direcionando o rumo político-social do Amazonas, com a verve cultural de cada um deles, que, antes da formação da sociedade, faziam parte de outras entidades culturais, como a Crisálida Literária (1887), a Sociedade Euturpe Rio Negro (1874), a Imperial Sociedade Benfícete Artística Nacional do Amazonas (1883), a Sociedade União e Progresso (1891), a Academia de Belas-Artes (1899), a Associação Literária (1906), cujo nome mudaria depois para Núcleo Amazonense de Letras, em 25 de dezembro de 1906, e a Assembleia Literária (1912).

Generino Maciel brilhou na imprensa amazonense. De fato, a colaboração jornalística da época, conforme as palavras do historiador Mário Ypiranga Monteiro, era expansiva, tanto é que a maioria de letrados daquela faixa cronológica deixaram, pelos jornais, suficiente

cópia de material, como artigos de crítica literária ou teatral, polêmicas estrondosas, anedotas e outras, enfim, tudo quanto para a história moderna pode servir de fonte honesta à reconstituição do nosso passado.

De fato, Generino Maciel e os demais Homens de Letras influenciaram este território encravado na selva, em seu tipo característico de cultura, como fator de crescimento sociocultural e força propulsora do que somos hoje. Generino buscou a verdade e fez o caminho da poesia, na pugna pelo desenvolvimento da paisagem cultural do Amazonas. Cumpriu uma missão, valorizou a cultura, estimulou a criatividade e protegeu a dignidade da palavra verdadeira.

Generino Maciel, em junho de 1916, em prefácio ao livro de Furtado Belém, elogiava a série de artigos publicados pelo polemista armado a paladino com os erguidos méritos do talento incomum, que ele, Generino, também tinha em seus escritos na imprensa amazonense.

Generino Maciel, ao prefaciá-la obra da coletânea de artigos publicados por Furtado Belém na imprensa, especialmente no jornal *O Tempo*, em que ele próprio trabalhou, expressa ser o livro uma clava de combate adestrada pelo punho vigoroso de um polemista reto, de cujo patriotismo impoluto fala eloquentemente a tradição melhor de honradez e patriotismo. Dizia ele, poeticamente, que lê-lo, pois, era penetrar-lhe o ânimo, apreender-lhe as razões – é talhar no mármore branco da gratidão amazonense o monumento moral a que seu autor faz jus, como um dos

mais intrépidos e varonis apóstolos da causa do Estado, a de sua inteireza territorial, com a resultante lógica do respeito à sua autonomia.

Era uma época de muita ideologia. As ideias fluíam e resolviam-se em termos de colaboração jornalística. Mário Ypiranga, em artigo antes mencionado, informa que, aparentemente, a vida literária do Amazonas de ontem se resolvia em termos de colaboração jornalística, quando em voga o pseudônimo, informando, ainda, que o grande número de jornais da época era insuficiente para a evasão literária em qualquer das suas funções, daí não se pode aferir a vida literária amazonense apenas pelos livros produzidos. A maioria dos letrados, porém, deixou pelos jornais suficiente material para uma avaliação mais justa, ou seja, a contribuição jornalística era intensa e respeitada, com artigos de crítica literária e teatral, artigos sobre o lado político e social do Amazonas e do Brasil, polêmica intelectual, anedotas e tudo quanto para a história contemporânea pode servir de honesta fonte à reconstituição da memória.

Uma época de intelectuais, jornalistas e políticos que se reuniam nos “cafês” para falar de política, poesia, questões sociais. Nessa plêiade de intelectuais, estavam, em uma época ou outra, Adriano Jorge, Heliodoro Balbi, Genésio Cavalcante, Huascar de Figueiredo, Generino Maciel, Alcides Bahia, Dorval Porto, Mendonça Lima, José Chevalier, Odilon Lima, Carlos Eugênio Chauvin, Raul de Azevedo, Péricles Moraes, João Leda, Álvaro Maia, Araújo Filho, Benjamim de Souza, Benjamim Lima, Coriolano Durand, Taumaturgo Vaz e

Raimundo Monteiro. O jornalismo atraía os intelectuais e era comum ver vários deles publicando artigos nos periódicos da cidade. Era uma etapa histórica de um jornalismo culto e respeitado. Araújo Filho falava, em conferência, sobre uma poesia do direito. A cidade respirava intelectualidade.

A Sociedade Amazonense de Homens de Letras não possuía bancos, como cita Mário Ypiranga, reunindo-se onde se achassem vários sócios, ora na casa de Benjamim Lima, ora na casa de Péricles Morais, ora, ainda, no Instituto Universitário Amazonense, no colégio de José Chevalier, ou no palacete de Alcides Bahia.

A Academia Amazonense de Letras consegue seu prédio pelo Ato n.º 3.708, de 5 de junho de 1935, por doação, e nele instala-se definitivamente em 6 de janeiro de 1935, época em que a Academia já completara seu quadro em prol da cultura amazonense.

A festa de instalação foi grandiosa, com esplendor de uma verdadeira consagração social, conforme palavras introdutórias publicadas na *Revista da Academia Amazonense de Letras* (1935). Discursaram Adriano Jorge, na qualidade de presidente, Araújo Lima, Huascar de Figueiredo, Leopoldo Péres e o homenageado, capitão Nelson de Melo, a quem foi concedido, com justiça, o título de presidente de honra, por ter realizado, como interventor federal, o ato de doação do prédio.

Huascar de Figueiredo dizia, em seu discurso, sobre seu intuito de homenagem, cuja dificuldade se resumia em falar da saudade em

nome dos companheiros mortos, associando-se ao esplendor da gratidão, naquele momento de festa para a Academia. Dizia ele: “Imortalidade é lembrança, tanto mais ilustre como carinhosa, tanto mais afetiva, quanto mais ligada aos motivos sentimentais do passado comum, que são as letras do patrimônio espiritual das gerações. Indo buscar o nome dos nossos amigos no repouso da eternidade em que se demoram, agitando-os com a força evocativa da gratidão ou do entusiasmo, para os realçar com o brilho enternecido das nossas homenagens, a tristeza da saudade terá de ceder a uma outra espécie de recordação, na qual a dor amarga se transfigura na suavidade confortável e menos colorida da simples lembrança, reconstituindo-se passageiramente as horas de convivência e os seus momentos gloriosos para os traduzir nos arrebatamentos iluminados dos nossos sentimentos atuais”. Essas palavras encaixam-se perfeitamente no momento atual, quando a pessoa do intelectual Generino Maciel é homenageada.

Leopoldo Péres saúda o capitão Nelson de Melo e faz uma excelente avaliação sobre o contexto político-social da época, ao dizer: “A crise atual da nossa civilização encontra nesse estado de coisas as suas raízes profundas. E o fenômeno brasileiro enquadra apenas uma face da desordem contemporânea. Mas uma transmutação radical nos valores éticos e sociais já se verifica em prognósticos animadores. Há uma nova concepção da existência e do mundo. Há um novo sentido da vida. Há uma nova filosofia da cultura e uma compreensão mais transcendente dos destinos do homem no universo (...) E essa renovação

formidável de rumos e perspectivas, de ideias e diretrizes, é evidente que se opera, e com uma rapidez prodigiosa, para o centro de equilíbrio de que nos desgarram as forças desapoderadas do individualismo rousseauiano, a culminar na gigantesca saturnal da criação, de destruição e de liberdade, que foi o século passado, segundo um escritor moderno”.

Adriano Jorge exaltou a figura de Nelson de Melo e aquele momento histórico, quando disse: “O Amazonas, locupletando-se nas reservas da felicidade, que ainda sobrepair a consternadora, angustiada expectativa dos brasileiros de hoje, ampliou o seu patrimônio de alegria cívica, incorporando aos seus destinos históricos esta personalidade singular: Nelson de Melo. Homem de governo, vibrando no seu dinamismo poliédrico e, por isso mesmo, capaz de enfrentar tudo com o garbo sereno dos que se habituaram às influências dos magnetismos, do triunfo, o último interventor do Amazonas realizou um programa luminosamente fecundo, dentro do qual couberam as preocupações administrativas gerais, as financeiras, as políticas, as pedagógicas, as higiênicas, as intelectuais, as morais, as estéticas, outros tantos problemas complexos e sutis, que a argúcia resoluta do homem de ação, o espírito de justiça do aristocrata mental e a firme boa vontade do patriota concretizaram no monumento imperecível que foi a sua obra de administrador”.

Minhas senhoras e meus senhores - trazer à lume a vida e obra de um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras é tarefa

nobre e dignificante, visto que esta Academia representa a difusão de vertentes do conhecimento humano. E não se há de esquecer que a tarefa do intelectual é também política, não a política partidária dos governantes, mas a da cultura, política extraordinária, cujo escopo é ajudar o Estado a trilhar a senda do progresso, de modo a romper, assim, o isolamento tradicional dessa classe de pessoas, popularizar a paixão pelas coisas do espírito, dedicar-se à causa pública, influenciar decisões políticas pelo prestígio intelectual e pela importância dos argumentos expendidos e contribuir para despertar a consciência moral do povo, como já disse algures.

Generino Maciel também buscou a verdade indeclinável para fazer o caminho da poesia e da beleza, na pugna de um mundo melhor, assim como diversos membros efetivos o fizeram e como fazem também, atualmente, Bernardo Cabral, Cláudio Chaves, Moacir Andrade, Anísio Mello, Newton Sabbá Guimarães, Almir Diniz, Rosa Mendonça de Brito, Aldisio Filgueiras, Jefferson Péres, José Braga, Marcus Barros, Elson Farias, Jauary Marinho, Narciso Lobo, Tenório Telles, Demosthenes Carminé, Jorge Tufic, Lafayette Vieira, Francisco Gomes, Luiz Bacellar, Robério Braga, Alencar e Silva, Áderson Dutra, Márcio Souza, Oyama Ituassú, Zemaria Pinto, Aníbal Beça, Thiago de Mello, Armando Menezes, Max Carpentier, Ruy Lins, Carmem Novoa, Antonio Loureiro, Arlindo Porto, Dom Luiz Soares Vieira, Luiz de Miranda Corrêa, William Rodrigues, Mário Moraes e Waldemar Baptista de Sales.

Devo concluir. E faço-o dizendo que Generino Maciel não buscou apenas o desfrute de glórias ou méritos na Academia, nesta instituição cultural, que é uma das mais respeitadas do país, mas sua inteligência resplandeceu, procurou e envidou esforços pela democracia, participação, produção literária e convivência saudável entre homens comprometidos com as causas sociais, com as dores humanas e com os sacrifícios em nome do respeito ao pluralismo de ideias.

Generino Maciel cumpriu sua missão.

AURÉLIO PINHEIRO



• *Marcus Barros*¹

Esgotado, esquecido, recolhido a poucas prateleiras de raros estudiosos da literatura de sua própria terra, em 1983 o jornal “A Tribuna do Norte” (de Natal) dava espaço a Dorian Jorge Freire que, em uma de suas crônicas, indagava em jeito bem natural: “Quem diabo é esse Aurélio Pinheiro?”.

Robério Braga In: *A Cadeira 3 da Academia Amazonense de Letras*. Manaus: Fundação Lourenço Braga, 1999.

Talvez sem a mesma expressão fortemente nordestina e apressada – mas, confesso, constrangido – fiz semelhante indagação ao receber o convite da presidência de nossa Academia para palestrar sobre a vida e obra de Aurélio Pinheiro.

Meu desconhecimento acerca do autor deixou-me menos aflito quando percebi que não estava sozinho. Ao iniciar um levantamento bibliográfico, constatei que apenas os acadêmicos desta Casa e uns poucos estudiosos da literatura regional tinham ciência deste

médico-escritor norte-rio-grandense que se “embrenhara” no Amazonas em 1910.

A condição de recém-empossado na Academia talvez justificasse o embaraço por mim vivenciado. De todo modo, tal lacuna serviu como um estímulo para que eu tentasse, entre o Rio Grande do Norte, o Amazonas e o Rio de Janeiro, entender parte da trajetória e da produção literária e científica do escritor. Para atingir meu objetivo, contei com a colaboração da professora Edneia Dias, presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), do acadêmico Robério Braga e do professor Renan Freitas Pinto, que me auxiliaram na coleta do material bibliográfico.

Nem mesmo no Rio Grande do Norte, onde nasceu, Aurélio Pinheiro tem o reconhecimento

• • •

1. MÉDICO ESPECIALIZADO EM DOENÇAS TROPICAIS, PESQUISADOR, AUTOR DE INÚMEROS TEXTOS CIENTÍFICOS, OCUPA A CADEIRA N.º 11, DE JOSÉ VERÍSSIMO. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 30 DE SETEMBRO DE 2006.



na proporção em que merece, ainda que seja o Patrono da Cadeira 27 da Academia de Letras.

Diante do desafio que me foi proposto, e após pesquisar o escritor e com ele travar meu primeiro contato, posso afirmar: “Que diacho de grande homem foi esse Aurélio Pinheiro!!!”.

A VIDA

Natural de São José do Mepibu, no Rio Grande do Norte, Aurélio Waldemiro Pinheiro nasceu em 28 de janeiro de 1882, filho do major Manoel Onofre Pinheiro e de dona Maria Barbosa Pinheiro.

Enquanto cursava Humanidades no Ateneu, exercia as funções de praticante (estagiário) no Tesouro do Estado. A essa altura de sua formação, colaborava em jornais de estudantes, demonstrando desde cedo interesse pelas letras.

Por volta de 1900, integrou a Sociedade Literária “Le Monde Marche” e dois anos depois ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, após concluídos os estudos de Humanidades, colando grau em 1907 e tendo como primeira área de concentração a Pediatria. Primeiramente, exerceu suas atividades médicas em Macau, depois em Areia Branca, de onde veio para o Amazonas, em 17 de maio de 1910.

Ao mesmo tempo em que clinicava em Macau, escrevia para o jornal “O Mossoroense” (da cidade de Mossoró), dedicando-se ao gênero

das novelas, e para “A República”, de Natal. Em Mossoró valia-se do pseudônimo de Estanislau Pamplona, e na seção “Crônicas”, do mesmo jornal, assinava apenas a letra “A”. Já no jornal “Oásis”, de Natal, assinava “Aurélio Pinho”.

A despedida do médico e articulista em sua vinda para o Amazonas foi registrada pelo jornal de Mossoró: “Com destino a Itacoatiara, no Pará, onde aguarda uma colocação, seguiu no dia 17 de maio o nosso prezado amigo Dr. Aurélio Waldemiro Pinheiro, distinto e humanitário clínico, que há bem pouco tempo exercia em Areia Branca as funções de médico da saúde do porto”. Porém, sua permanência em Itacoatiara foi curta, passando a exercer atividade clínica na Farmácia Braule Pinto e na Farmácia Econômica, em Manaus.

Um ano após chegar ao Amazonas (Manaus), deslocou-se para Parintins, onde se casou com Isabel de Medeiros Pinheiro, aos 29 anos, em 30 de setembro de 1911. Trabalhou como médico por mais sete anos no município, retornando a Manaus em 1918. A atividade clínica então se dava na farmácia Cesário & Pasteur, e paralelamente contribuía no “Jornal de Manaus” e no “Tempo”, além de ser inspetor sanitário comissionado pelo Governo do Estado.

Outro fato a destacar é o concurso público para diversas cadeiras na Escola Normal (hoje Instituto de Educação), aberto em 26 de janeiro de 1926. De acordo com Robério Braga, em seu estudo sobre a história daquela casa de ensino, Aurélio Pinheiro pretendia concorrer

à cátedra de Psicologia, Higiene e Primeiros Cuidados Médicos, pertencente ao curso de formação de professores, para o qual produziu a tese “Personalidade Consciente”, que não chegou a defender, saindo aprovado, então, o único candidato: Dr. Sabbas Telles da Rocha, com a defesa da tese “Da Linguagem Interior”.

Na Santa Casa de Misericórdia foi médico suplente em 1928, quando o Dr. Alfredo da Matta dirigia a Instituição. Foi ainda inspetor sanitário rural do posto rural Eduardo Ribeiro, no antigo bairro do Girau.

Em Manaus, residia na avenida Silvério Nery número 22, atual Constantino Nery, no trecho entre a rua Ramos Ferreira e o boulevard Álvaro Maia, e trabalhava na Farmácia Pasteur, na rua Dorval Porto número 14, de propriedade de Miranda & Companhia, em consultório particular.

A OBRA

Sua primeira publicação entre nós foi *O Desterro de Umberto Saraiva*, pela livraria Clássica, em 1926, com a qual obteve o prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria romance. No ano seguinte, também em edição amazonense, lança uma de suas obras mais importantes: *Gleba Tumultuária*, com doze estórias regionais, algumas delas destacadas pela crítica de João Ribeiro.

A respeito de “À Margem do Amazonas” (1945), Genolino Amado manifestou-se assim: “constitui, na verdade, uma preciosa

contribuição ao conhecimento da ampla região brasileira do Extremo Norte, destacando-se tanto pelo mérito literário quanto pelo valor científico. É a obra de um estudioso, apaixonado pelo assunto, sabendo tudo ver e tudo exprimir em forma correta, elegante, precisa nos elementos informativos, saborosa nas ilustrações eruditas, colorida na descrição impressionista dos cenários. O autor terá de ser incluído entre os que mais compreenderam a grandeza amazônica”.

O romance *Macau*, considerado uma de suas grandes obras, foi reeditado em 1985 em Natal, cinquenta anos após a primeira edição. É visto como o primeiro grande romance do autor a alcançar, por dentro e por fora, como trabalho e criação literária, uma dimensão universal. No ano de sua reedição, ocorrida em Natal, Franklin Jorge observou ser este “um romance, embora construído segundo o espírito de uma época pré-industrializada, que se afirma como um referencial do gênero, repleto de insinuações e de verdades candentes. Uma narrativa ágil, feita de pequenos dramas, enfim, um *picolo mondo* de misérias e grandezas, de seres humanos dilacerados, de seus defeitos, de esperanças mal vislumbradas por seres acossados por um destino absurdo...”.

Robério Braga, por sua vez, analisa a obra sob uma ótica mais racional, afirmando lhe parecer um romance “feito de fases bem construídas, originais e com humor, chegando a ser sóbrio, com linguagem rigorosa e rica”.

Após cerca de 20 anos na Amazônia, o escritor mudou-se para o Rio de Janeiro, estimulado

pelo amigo Coelho Neto, com quem mantinha frequente correspondência. Na capital, escreveu para jornais e revistas, entre os quais “O Malho”, “Ilustração Brasileira”, “Eu Sei Tudo”, “Carioca”, “Revista da Semana”, “Tico-tico”; e do Rio para Natal ainda colaborou com o jornal “A República”. Eram crônicas, narrativas regionais e até histórias em quadrinhos sobre grandes estadistas brasileiros.

Na sua bibliografia inserem-se obras regionais sobre a Amazônia, romances, contos, crônicas, política, traduções, estudos médicos e notas de viagem. Textos que ainda precisam ser catalogados e novamente divulgados ao grande público.

O AUTOR E A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Desde a fundação da Academia, Aurélio Pinheiro destacou-se como um dos primeiros trinta escolhidos para sua composição, inaugurando a Cadeira número 3, patrocinada por Raul Pompeia, a qual, em razão de sua transferência para o Rio de Janeiro, passou a ser ocupada pelo professor Agnello Bittencourt, cuja posse deu-se em 10 de outubro de 1932.

Com a aprovação do Estatuto de 24 de novembro de 1934, sob a presidência de Adriano Jorge, a Academia ainda mantinha o patrono original, e Aurélio Pinheiro figurava

A CRÍTICA

A respeito do autor, algumas análises foram feitas por renomados críticos contemporâneos, transcritas a seguir.

– *Vê-se que o senhor Aurélio Pinheiro sabe transmitir a vida sem desfigurá-la, sem o horrendo vício do exagero. Os entusiastas dos suprarrealistas e quejandos devem passar de largo, porque lendo este homem se sentirão evidentemente roubados, uma vez que entenderão tudo* (Agrisipino Grieco).

– *É um atilado observador das cousas amazônicas, servido por uma análise e aguda, e por uma técnica de indiscutível propriedade. Cria tipos, desenrola cenas, descreve fenômenos, desfibra almas, sem perder de vista os lagos límpidos, os rios rumorosos, as borrascas tremendas, as rajadas impetuosas, a fosforescência dos relâmpagos, a alegria das várzeas cultivadas e a exaustiva e tenaz lida do seringueiro* (Anísio Jobim).

– *A Amazônia tem um sabor novo de fruto ácido e delicioso nas páginas do Sr. Aurélio Pinheiro. Mas esse escritor não se limita a fotografar os panoramas do ambiente tropical. Reproduz, também, em tonalidades vigorosas, os aspectos da vida e das inquietações do homem amazônico, que não é apenas o caboclo nativo, adaptado às anomalias geológicas e às crueldades do ambiente físico, mas o emigrante nordestino, cuja capacidade orgânica e cujas resistências morais desfalecem, exauridas, na luta pela aquisição da fortuna ilusória* (Péricles Moraes).

como um dos sócios correspondentes na capital da República.

Sobre suas obras, a *Revista da Academia Amazonense*, edição de 1935, faz a seguinte menção: “Os livros de Aurélio Pinheiro vêm merecendo, por igual, encomiásticos conceitos da crítica, especialmente o seu último romance, *Macau*, retratando o que de fato se passava entre nós e em outros centros”.

Em sua terra, foi patrono da Cadeira número 27 da Academia de Letras, da qual um dos ocupantes, o escritor Américo de Oliveira Costa, tornou-se grande entusiasta da divulgação de suas obras. No discurso de posse, em 22 de dezembro de 1949, disse o acadêmico: “Nesse novelista formidável da Amazônia, convém não esquecer, porém, aquele referido lastro de cultura letrada e humanista. Mesmo aí, nessas páginas agrestes, com uma força e uma vibração de linguagem autenticamente telúricas, de frêmitos euclidianos, sente-se que ele bem leu o seu Anatole e é um sutil *intermezzo* ouvi-lo aludir ao espírito geométrico de Pascal ou ao severo ceticismo de Montaigne... E, o que é mais paradoxal, sem parecer pedante ou ridículo”.

Atento à necessidade de uma revisão histórica da literatura de Aurélio Pinheiro, Américo de Oliveira deixou posto no título de seu discurso de posse acadêmica a convicção de que reabria o interesse pelo estudo da obra e da vida do escritor: “Aurélio Pinheiro – tentativa de estudo crítico e biográfico”, uma vez que, sobre ele, rareavam informações e estudos dignos de nota.

Mais tarde, em 1987, os pesquisadores Josetine Vasque e Vingit-Um Rosado reuniram a produção jornalística do escritor no trabalho “Aurélio Pinheiro e Mossoró”, onde se percebe que os temas das matérias são de interesse bastante amplo, passando pelas questões políticas, como a campanha de Hermes da Fonseca e a luta dos campistas; a proibição do uso do automóvel no Império Russo; crônicas da vida e do amor; o Rio de Janeiro, que ele iria conhecer somente muitos anos depois; fé e crença; Voltaire e sua obra; reforma da língua portuguesa; e até sobre divórcio.

Caso nossa Academia tenha a possibilidade de recuperar esta tão diversificada produção jornalística de Aurélio Pinheiro, provavelmente o fará sair do isolamento; e o Amazonas, que o acolheu e o reconheceu como escritor e erudito, permitirá que ele, de fato, integre o seletivo grupo de fundadores da Academia Amazonense de Letras.

A MORTE

Aurélio Pinheiro morreu súbita e precocemente em 17 de novembro de 1938, aos 56 anos, quando lecionava literatura no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. A notícia foi publicada em “O Jornal”, de Manaus: “...o médico e escritor Aurélio Pinheiro era um espírito brilhantíssimo que devotava particular amizade ao Amazonas, onde vivera longos anos, sempre estimado e admirado pelos dotes de sua inteligência radiante e por suas qualidades retilíneas e caráter (...). Aurélio Pinheiro era o encantado da planície, dos

homens e das coisas do vale que ele aprendera a amar, medindo-lhes as alegrias e as mágoas quando, vezes sem conta, percorreu o hinterland (...) exercia a medicina como verdadeiro sacerdócio. O traço predominante de seu caráter era a bondade (...) desaparece em plena atividade fecunda”.

Organizar os textos de Aurélio Pinheiro e reeditar sua obra significa, antes de uma homenagem ao ilustre escritor, um dever de todos os intelectuais que, de uma forma ou de outra, esforçam-se para registrar a história e a cultura do Brasil e legá-las à posteridade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias – Vultos do Passado*. Rio de Janeiro: Editora Conquista/Academia Amazonense de Letras, 1973.

BRAGA, Robério. *A Cadeira 3 da Academia Amazonense de Letras*. Manaus: Fundação Lourenço Braga, 1999.

DINIZ, Almir. *Acadêmicos Imortais do Amazonas: Dicionário Biográfico*. Manaus: Editora Uirapuru, 2002.

PINHEIRO, Aurélio. *Macau*. Rio de Janeiro: Andersen Editores. Sem data.

_____. *À Margem do Amazonas*. Rio de Janeiro: Editora Universal, 1945.

_____. *Dicionário de Sinônimos da Língua Nacional*. Rio de Janeiro: Brasileira Editora. Sem data.

_____. *Personalidade Consciente – Estudo sobre as Theorias Filosóficas e Psicológicas da Sua Evolução*. 1926. Tese de concurso à cadeira de Psicologia, Higiene e Primeiros Cuidados Médicos. Escola Normal do Amazonas. Manaus: Livraria Clássica.



● *Bico de pena: Guilherme Leite*

PAULO ELEUTHÉRIO¹• *Zemaria Pinto*

Por ocasião do estudo sobre o fundador da cadeira n.º 21, Octávio Sarmiento, já nos ocupamos dos aspectos históricos relevantes que antecederam a fundação da Academia Amazonense de Letras, com um foco específico no ano de 1917 – o que acontecia no mundo, no Brasil e cá, entre nós. Por isso, ao falar de Paulo Eleuthério, fundador da cadeira n.º 24, atualmente ocupada pelo eminente professor Áderson Dutra, vamos direto aos dados biográficos, sempre escassos, concluindo com breve análise de sua obra. Antes, porém, uma informação que poderá ser de utilidade para o que se escrever no futuro sobre a história da nossa Academia.

SUBSÍDIOS PARA UMA HISTÓRIA DA AAL

No ensaio sobre Octávio Sarmiento, chamei a atenção para o desencontro de informações quanto à data de fundação da Academia Amazonense de Letras. Três datas aparecem de diferentes fontes, todas elas nomeadas naquele trabalho: os dias 1.º, 7 e 17 de janeiro de 1918.

Tendo como fonte as edições de 6, 9, 10 e 11 daquele ano do jornal diário *A Capital*, podemos afirmar que a instalação solene de nossa Academia deu-se a 9 de janeiro de 1918, uma quarta-feira.

Pela importância do acontecimento e por se tratar de uma fonte primária sobre a qual não pairam dúvidas – nem quanto à veracidade nem quanto à possibilidade de erros de interpretação – transcrevo a seguir a notícia principal, integralmente, veiculada na edição de 11 de janeiro. As demais edições têm o seguinte conteúdo, lembrando que todos os registros foram feitos na primeira página do citado diário:

6/1/1918 – registra o recebimento do convite para a instalação da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, às 20 horas do dia 9 de janeiro, no salão da Assembleia Legislativa;

• • •

1. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 21 DE OUTUBRO DE 2006

9/1/1918 – notícia a fundação da SAHL, a ocorrer naquela noite, e dá alguns detalhes da programação a ser desenvolvida;

10/11/1918 – em nota breve, informa sobre a solenidade, prometendo para a edição seguinte todos os detalhes do acontecimento.

Com o título *Sociedade Amazonense de Homens de Letras – sua brilhante inauguração*, foi assim noticiado o fato:

Foi inaugurada, em Manaus, uma Sociedade de Homens de Letras. É oportuno registrar que a realização dessa tentativa é devida ao esforço e principalmente à energia moral de intelectuais de prestígio, vencendo à resistência do meio, notadamente hostil, senão às belezas da Arte e das Letras, ao menos às organizações semelhantes a que se inaugurou auspiciosamente na noite de anteontem, no principal salão da Assembleia Legislativa do Estado.

Foi pelo menos isso que deixou transparecer em seu bellissimo discurso de abertura da sessão, o ilustre presidente da Sociedade, Adriano Jorge, um dos espíritos mais cultos dos nossos círculos intelectuais.

À sessão compareceu o que Manaus possui de mais seleta em todos os ramos da atividade pública e o mundo oficial, pela representação dos seus mais notáveis elementos. À mesa da direção, por exemplo, tomaram lugar, ladeando Adriano Jorge, os drs. Alfredo da Matta, presidente da Assembleia Legislativa; Hamilton Mourão, secretário-geral do Estado, representando o sr. dr. governador do Estado; Ayres de Almeida,

superintendente municipal; padre dr. José Thomaz, secretário do bispo diocesano, d. João Irineu Joffely.

Na bancada destinada aos membros da Sociedade, viam-se os srs. Jorge de Moraes, Benjamin Lima, Alcides Bahia, Thaumaturgo Vaz, Araújo Filho, Dorval Porto, Araújo Lima, Benjamin de Souza, João Leda, Generino Maciel, Raymundo Monteiro, Vurgílio Barbosa, Odilon Lima, Carlos Chauvin, José Chevalier, Álvaro Maia, Aurélio Pinheiro e Paulo Eleuthério, ocupando o conferencista do dia, Péricles Moraes, um lugar de destaque à frente do auditório, onde se destacavam também, exmas. senhoras e senhorinhas de nossa alta sociedade. Ali vimos: Madames Agapito Pereira, Raymundo Monteiro, Brito Pereira, Agnello Bittencourt, Carlos Chauvin e senhorinhas Maria Luíza Saboya e Zulmira Cruz.

Às 20 horas e poucos minutos, após a execução de várias peças pela banda de música da Força Policial do Estado, foi aberta a sessão, proferindo o presidente o seu magnífico discurso inaugural, a que antes nos referimos.

Teve a palavra, em seguida, o sr. Péricles Moraes, que ocupa a cadeira patrocinada por Gonzaga Duque, iniciando a sua brilhante peça literária sobre O Tolstoísmo e a verdadeira concepção da beleza, ocupando a atenção de todos numa dissertação que mereceu os mais justos e calorosos aplausos.

Antes, Péricles Moraes fizera a apologia do seu patrono, o admirável escritor dos Graves e frívolos. Fez, ainda, o estudo crítico da obra de Gonzaga

Duque e salientou a característica de sua arte. No desenvolvimento da tese que constituiu a parte mais importante de sua conferência, o orador foi imaginoso e fecundo, fazendo a longa e torturada psicologia artística de Tolstoi, o incomparável solitário de Yosnaia Poliana, misto de demagogo e de artista, cujo nome atravessou as fronteiras da Rússia e causou a admiração do mundo, como o filósofo mais singular do seu tempo.

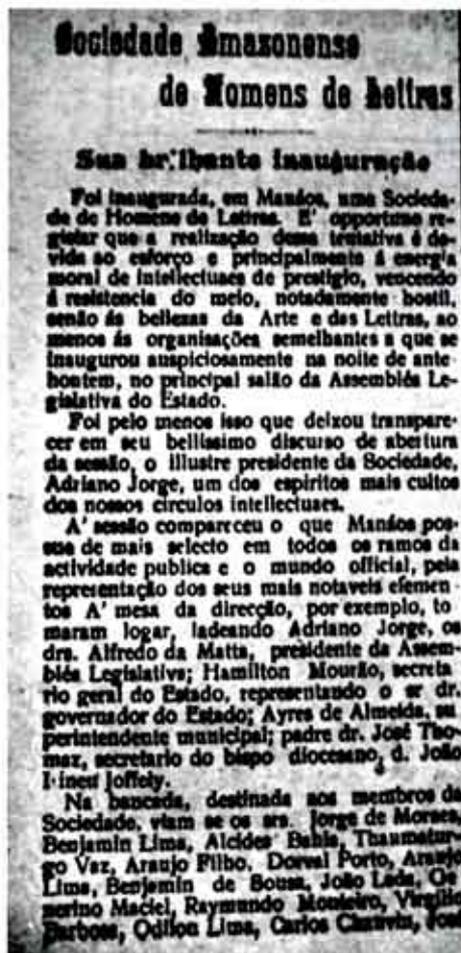
A sessão terminou perto das 22h, retirando-se toda a assistência muito bem impressionada pela Sociedade de Homens de Letras.

Além dos intelectuais que citamos acima, são ainda membros da Sociedade, constituindo um total de 30, os srs. Raul de Azevedo, Coriolano Durand, Jonas da Silva, Octávio Sarmento, Nunes Pereira, Heliodoro Balbi, Genésio Cavalcante, Huascar de Figueiredo, Gaspar Guimarães e Mendonça Lima.

São patronos das trinta cadeiras: Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Raymundo Corrêa, Oswaldo Cruz, Francisco de Castro, Cruz e Sousa, Martins Júnior, Affonso Arinos, Sylvio Romero, Gonzaga Duque, Joaquim Nabuco, Rio Branco, Annibal Theophilo, Euclides da Cunha, Escragnolle Thauanay, Eduardo Prado, Thomaz Lopes, Adolpho Caminha, Raul Pompeia Tito Lívio de Castro, Torquato Tapajós, B. Lopes, José Veríssimo, José do Patrocínio, Souza Bandeira, França Júnior, Lafayette, Farias Brito e Maranhão Sobrinho.²

Nota-se que foram enumerados apenas 29 patronos. Faltou o nome de Tenreiro Aranha. Acrescente-se ainda que, contrariando versão

amplamente divulgada, de que na noite da instalação todos os acadêmicos estiveram presentes, apenas vinte deles compareceram, sendo nomeados claramente os ausentes.



• *A Capital*. DETALHE DA PRIMEIRA PÁGINA. MANAUS, 11 DE JANEIRO DE 1918. ARQUIVO DO IGHA.

• • •
2. *A Capital*. MANAUS, 11 DE JANEIRO DE 1918. ARQUIVO DO IGHA.

NOTAS BIOGRÁFICAS.

Paulo Eleuthério Álvares da Silva nasceu a 4 de setembro de 1886 em Pau D'Alho, Pernambuco. Professor e jornalista, acumulou diversos títulos como o de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Amazonas, engenheiro agrônomo pela antiga Universidade de Manaus e engenheiro rural "Honoris Causa" pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro. Agnello Bittencourt nos informa que "o professor Paulo Eleuthério viveu em Manaus por mais de 35 anos, desde o começo do século". Notabilizou-se como professor catedrático de História Universal e do Brasil no Colégio Estadual do Amazonas, o antigo Ginásio Amazonense Pedro II, para onde fora concursado em 1920. Mas ocupava-se também de Geografia e Economia Política. Foi um dos fundadores da Universidade Livre de Manaus, em 1909. Foi membro das academias de Letras do Amazonas, Pará, Acre e Pernambuco – e de mais 15 institutos históricos, tendo sido um dos fundadores do IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, em 1917.

Opositor do governador Rego Monteiro (1920-1924), foi espancado em plena praça S. Sebastião. "Exilado" em Belém, vingou-se distribuindo pessoalmente o folheto "Regolândia", quando o ex-governador por ali passara, a caminho da Europa. Em data imprecisa, mas, certamente, após 1936, fixou residência em Belém, trabalhando como redator de *O Liberal*, apoiando Magalhães Barata.

Anísio Jobim testemunha que Paulo Eleuthério trabalhava sem descanso, a serviço de suas ideias:

A faina do jornal tem para ele atrativos irresistíveis. Por isso vemo-lo figurar sempre na imprensa, batalhando, sem descanso. Mas não fica a sua atividade só no jornal. A tribuna tem em Paulo Eleuthério um grande realizador, um forte e brilhante espírito. Seus artigos e ensaios refletem especial cultura de História, Economia e Pedagogia. Não se restringe, porém, a estes ramos. Aborda outros assuntos com garbo. De vez em quando, a sua mentalidade atira ao mundo literário e científico um livro, sempre cheio de ideias e de coisas úteis. É um elemento de ação pela pertinácia e entusiasmo com que defende seus temas doutrinários.

A sua pena corre febrilmente sobre o papel. Ama o ruído das máquinas tipográficas. Só está bem lutando.³

Em 1950 foi atingido pela tragédia do assassinato, por motivos políticos, de seu filho mais velho, Paulo Eleuthério Filho (1914-1950), também jornalista, membro da Academia Paraense de Letras. Sua esposa, Amélia, não resistiu e faleceu dias depois. Eleuthério retornou a Manaus, mas já não encontrou a paz necessária. Faleceu a 11 de setembro de 1959, em Belém, segundo Carlos Rocque,⁴

•••

3. JOBIM, ANÍSIO. *A Intelectualidade no Extremo Norte*. MANAUS: CLÁSSICA, 1934.

4. ROCQUE, CARLOS. *Antologia da Cultura Amazônica* – VOL II. BELÉM: AMADA, 1970.

Alexandrinos perfeitos como moldura para imagens de uma força poética extraordinária. O primeiro quarteto poderia ser da lavra de qualquer um dos três mestres parnasianos – Correia, Oliveira, Bilac: o ciúme, metaforizado como uma entidade maligna, e o pedido de clemência ao pequeno demônio, que tanto mal faz ao amor: que a amada Lúcia tenha por ele a comiseração do mar pela jangada... Embora ideologicamente romântico, pois coloca a idealização do romance (solenemente pura, ambicionada alvura) acima dos desejos inconfessáveis e tão carnavais, o poema de Paulo Eleuthério é um exemplo daquilo que João Ribeiro apontava, não sem uma dose de maldade, em maio de 1917:

*A poesia parnasiana entre nós já se tornou fatigante em retardatários, imitadores provincianos, que aprenderam as excelências técnicas dos seus mestres, igualaram quase a sua perfeição, e, por assim dizer, banalizaram, até o fastio, a sua estética. Daí o desencanto de antigos segredos, o excesso de sonetos perfeitos e inúteis, aos milhares, aos milhões.*⁸

Mas se Paulo Eleuthério não era um inventor, um criador de novas formas, manteve-se fiel aos cânones da poesia antiga até o fim de seus dias. Em palestra na Academia Amazonense de Letras em março de 1958, onde falou sobre “a velha e a nova poesia”, ele foi aparteado pelo jovem Jorge Tufic, que recorda ainda hoje os termos pouco cordiais com que o velho mestre tratou poetas e poemas da nova estética que se anunciara com o Modernismo.

PAULO ELEUTÉRIO

Paulo Eleuthério, o venerando educador de várias gerações amazonenses, está, desde ontem, em Manaus, onde viveu por tantos anos, exercendo atividade incessante e magistério e no jornalismo. Sócio fundador da Academia Amazonense de Letras, o contraste eminente veio revê-lo a terra dos seus filhos diletos e dos seus amigos e discípulos. Honro-me de ter sido seu aluno no Ateu de Pedro II. Matriculei-me, por insistência sua, na antiga Escola Agronômica, que abandonei no primeiro ano. E ainda pelas suas mãos fui levado à Faculdade de Direito, que receivi não cursar. Em ambas as ocasiões, contrariei os seus planos de me fazer «deutor».

Mas não fugi ao fascínio de me fazer jornalista, em cuja classe ele, o meu presado professor, sempre foi um mestre consumado. Já diretor da A TARDE, ao passar por Belém, saudou-me o homem erudito, pelas colunas da «Falsa do Norte», que então secretariava. Disse, na sua bondade de sempre, que não era ao aluno que se dirigia, mas ao colega que hienqueria, desobediando-se em adjetivações à minha pessoa. Depois disso, nunca mais nos vimos, até que ele, sem aviso prévio, aqui chegou, há uns três anos, para matar saudades da sua Manaus. Saudei-o, por minha vez, destas colunas, prestando-lhe as minhas homenagens, a quaisquer títulos merecidas.

Ontem, tive a satisfação de abraçá-lo de encontro ao curso. Paulo Eleuthério vem realizar uma conferência literária na Academia Amazonense de Letras. Falará sobre a velha e a nova poesia, poeta primoroso que sempre foi e continua sendo. Defenderá o antigo metro, o clássico, para arremeter, furioso, contra os que, amontoando vocabulário, se consideram novos. Está disposto a enfrentar a onda contrária, dos chamados renovadores, os modernistas, cujos estrotes capangas lhe causam náuseas e lhe tristem os nervos. Tudo para manter, no seu lugar insuplantado, a dignidade da poesia. E, orgulhoso, dirá como Martins Fontes nos que o contemparam:

rude e tãto rugir, sanguiscedento,
pode increspar-se o mar, arguer-se o vento,
coinar, ferver a fúria da maré...

Só, incerg, impassível, resolutu,
quero encurar o temporal que escuto,
quero à borrasca resistir de pé.

Aristophano Antony

* A TARDE. MANAUS, 22 DE MARÇO DE 1958. ARQUIVO DE ANTÔNIO DINIZ

O EDUCADOR

Em dois textos analisados – *Solenizando o centenário do Brasil e Campanha de Reeducação* – fica evidenciado o estofado reacionário do venerável professor. O primeiro texto celebra

•••

8. CITADO POR BRITO, MÁRIO DA SILVA. *A Literatura no Brasil – Vol V*. ORG. AFRÂNIO COUTINHO, 3.^a EDIÇÃO RIO DE JANEIRO/NITERÓI: JOSÉ OLYMPIO/EDUFF, 1986.

o centésimo aniversário da Independência do Brasil, passado “num trecho da zona rural do Município de Manaus”. Dirigindo-se a seus filhos, no melhor estilo porque me ufano do meu país, Eleuthério compõe uma ode à beleza e à riqueza da terra brasilis, da perspectiva amazônica:

Extasiamo-nos na contemplação quase religiosa dos exemplares gigantescos da nossa flora única e, à sombra, da copa dessa enorme sumaumeira sob que estamos, parece-nos ouvir o pulsar do extraordinário coração da terra fecunda, na salmodia das folhas que estremecem ao perpassar das brisas do sul. Olhando o interminável lençol das águas do Solimões, como que temos a visão da imensidade a rolar perto de nós, em caminho dos oceanos sem limites, depois do banho eterno de nossas margens ensombradas de uma vegetação luxuriosa, inigualável.⁹

Talvez por dirigir-se a dois meninos – o mais velho, Paulo Filho, teria à época não mais que oito anos – Eleuthério poupa-os de qualquer visão negativa sobre o aniversariante. O que não acontece no segundo texto, datado de março de 1936, onde ele fala de “acontecimentos que encheram de luto a alma nacional, nos últimos dias de novembro passado”, referindo à fracassada intentona comunista, esmagada pelo governo do ditador Vargas, apoiado pelos integralistas, pelo quais Eleuthério cultivava indisfarçável simpatia. No aludido texto, a “insânia dos conjurados de Moscou” seria combatida com uma “campanha de reeducação das massas, quem sabe se ainda duvidosas dos seus verdadeiros destinos sob o regime que assegura a manutenção integral da ordem

e da paz, sob os estímulos de Deus, da Pátria e da Família”. Referia-se, claro, ao governo de Vargas. Seu plano de reeducação é bastante ambicioso:

Educar as crianças e reeducar os adultos, de molde a que todos possam sentir a gravidade das promessas, que o comunismo envolve em malhas de seda, eis um dos trabalhos que não deve ser adiado e deve percorrer o Brasil todo, como quando se faz uma campanha sanitária contra qualquer endemia, que enche de horror as populações incautas e ignaras.¹⁰

Conservadorismo estético, reacionarismo político. O professor Paulo Eleuthério era um homem coerente. Talvez por isso fosse escolhido quando o assunto era uma pilhéria com a Academia:

Note-se que Sadoc Pereira fora empossado em lugar de Eleuthério em 1952; logo, em 1958, este era correspondente da Academia. Mesmo assim, foi o escolhido...

O PUBLICISTA

O talento de Paulo Eleuthério não se limitava à poesia e à educação. A economia também era área em que não se furtava de opinar. No texto

• • •

9. IN: *Revista Amazonense*. 1922. ARQUIVO DE ANTÔNIO DINIZ.

10. IN: *Revista de Educação*, ANO III, N.º 21. MANAUS: TIR. REIS, JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO DE 1936. ARQUIVO DE ANTÔNIO DINIZ.

Imortais

Usarão Fardão

A PARTIR DA PRIMEIRA SESSÃO SOLENTE DA ACADEMIA, OS INTELLECTUAIS ENVERGAM-SE A VESTIMENTA DE GALA

A exemplo de que ocorre na metrópole do país, acadêmicos de letras do novo Estado decidiram seguir o exemplo da tradicional "tarde", vestimenta de grande gala que, não há muito, comparece aos "imortais" em momentos de maior crédito e de maior respeito.

DESCORDANCIA INTERNA

Quando se cogita no futuro das academias de letras do novo Estado, há de se considerar a possibilidade de uma divisão interna, seria discriminada entre seus membros, que agrupando-se em facções e lobbies se lutam para que o próprio nome se mantenha no estatuto. No entanto, depois de passados os prós e os contrários, decidiram finalmente os imortais usar o "fardão" que tanto caracterizou os acadêmicos de letras.

DEU MAL O CRUZEIRO O CUSTO

Vestem a lã, escrevem e inventam de

uma única vez o "fardão" do mesmo tipo que a adotou por exemplo Francisco de Lima, do período anterior do Brasil e das grandes facções à parte, estão na metrópole do país, onde está criada uma ordem de 15 membros.

REFERENCIO E COLA

A notícia, como era de esperar, chamou a atenção de todos os membros do Amazonense que logo se deu conta de que existiam no país diversos grupos acadêmicos, apesar de não se conhecerem os nomes de alguns.

FARDÃO A PARTIR DA PRIMEIRA SESSÃO SOLENTE

A partir da primeira sessão solene da Academia, os acadêmicos adotaram o tradicional fardão, empregando-o tanto na sua reunião quanto de noite em recepções e festas.



PROF. PAULO ELEUTERIO SENIOR, uma das traças categorizadas expressões da cultura amazônica. O seu depoimento para este jornal é altamente valioso.

• *A Crítica*. MANAUS, 25 DE MARÇO DE 1958. ARQUIVO DE ROBERTO MENDONÇA.

Ouro Branco, Ouro Negro e Ouro Verde..., de 1924, ele tece considerações sobre o "momento amazonense", o entorpecimento da economia em face dos "dias improdutivos que passam": Em todas as fisionomias, uma interrogação muda que se não responde; em todos os lares, a dolorosa ameaça de uma, de muitas necessidades insatisfeitas; em quase todas as consciências um resquício de culpa dessa era de fausto que passou... Eis, num esboço rápido e cruel, o quadro do Amazonas de hoje, que ressalta aos olhos de todos.

Eleuthério faz uma crítica ácida àqueles que, passados mais de dez anos da debacle, nada fizeram para mudar a situação de penúria da economia outrora pujante e perdulária. Ele

• *A Crítica*. MANAUS, 31 DE MARÇO DE 1958. ARQUIVO DE ROBERTO MENDONÇA.

defende o uso da agricultura, pois acreditava na força da natureza amazônica. O ouro negro a que se refere é a cultura e exploração racionais da seringueira, pois entende que, embora o Amazonas não possa concorrer em preço e quantidade, a qualidade da nossa borracha, dádiva da natureza, torna-a imprescindível em alguns segmentos da indústria, pois na confecção de "determinados produtos cuja matéria-prima é a borracha, não pode ser dispensada uma percentagem da de melhor origem, que é a da Amazônia". Ele defende também a cultura do algodão, o ouro branco, e o "aproveitamento regular das nossas exuberantes florestas", o ouro verde.

Mas enquanto o milagre aurífero não ocorre, Eleuthério defende que o governo da República abra estradas e organize "os serviços rurais

indispensáveis e urgentes. (...) A execução de tais medidas tem os dois excelentes intuitos de dar-nos trabalho e dotar-nos com melhoramentos utilíssimos”. Eleuthério não tem o mínimo pudor de comparar o governo federal aos “pais que socorrem aos filhos, gastadores impenitentes, ou que os acolhe sob o teto protetor da casa que os viu um dia partirem para o grande mundo com as algibeiras cheias e a cabeça vazia...”.

O arremate do texto é precioso, misturando, num pequeno parágrafo, o sonho da economia soerguida com a fantasia poética, o delírio, a ilusão:

O ouro negro, o ouro branco e o ouro verde, tríplice conjunto das nossas riquezas, poderão um dia fazer ressurgir entre nós, em plena florescência do século, o antigo País do Eldorado, hoje esquecido da própria memória dos poetas...”

O HISTORIADOR

O texto *Portugal na Amazônia*¹¹ é o mais completo entre os que nos chegaram às mãos, não só quanto ao volume, cerca de quarenta páginas, mas também quanto à qualidade literária, ainda que se trate de um ensaio histórico. Eleuthério descreve, com elegância e concisão, os fatos da colonização portuguesa na Amazônia, desde a descoberta da rota das Índias até a Independência do Brasil – mais de três séculos de uma história em que o herói, da perspectiva de quem a escreve, é o colonizador. Herói, não: heróis.

O texto, dividido em exatos 20 capítulos, começa com uma louvação à “vocação, fé de ofício e pregão das glórias portuguesas”, o épico de Camões:

Ao delinear as primeiras páginas desta Memória histórica, em que tentarei relembrar e reivindicar as glórias da atuação portuguesa na Amazônia, a maior parcela topo-geograficamente autônoma do Brasil, ergo a minha emoção cívica em “sursum corda” para as grandes eminências do pensamento, num gesto comovido de louvor e de exaltação:

Glória a Luís de Camões, glória aos Lusíadas!

No segundo capítulo, comenta-se a criação da Capitania do Maranhão, onde se localizava a Amazônia do rio Maranhão ou de Santa Maria de la mar Dulce, como o chamou Pinzón.

E louva-se o primeiro donatário dessas terras:

Glória a João de Barros, historiador eminente, prosador magnífico, primeiro e ilustre donatário das terras férteis da Amazônia Brasileira!

O terceiro capítulo, já sem louvaminhas, conta o malogro e a ruína financeira daquele João de Barros. E daí em diante, se alguém pensava que eu estava fazendo blague, pode-se apreciar o estilo de Paulo Eleuthério ao contar o sucesso

• • •

11. IN: *Revista Redenção*. MANAUS: DEZEMBRO DE 1924. ARQUIVO DE ANTÔNIO DINIZ.

12. IN: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas* – ANO V, VOL V, NÚMEROS 1-2. MANAUS:

TIPOGRAFIA PHENIX, 1935-1936. ARQUIVO DE ANTÔNIO DINIZ.

português contra a tentativa de expansão de franceses, ingleses e holandeses, e a “posse definitiva dos imensos latifúndios ignorados do extremo setentrional do Brasil”. Rico de citações de historiadores que avalizam suas palavras, Eleuthério vai enumerando outros heróis, como Jerônimo de Albuquerque, Francisco Caldeira e Pedro Teixeira. A este dedica o capítulo XI, intitulado “Um dos maiores feitos da raça: a jornada de Pedro Teixeira”. A passagem do padre Antônio Vieira também merece a atenção do autor, que lhe dedica o capítulo XIV, “A civilização, a fé e o seu grande apóstolo: o padre Antônio Vieira”. Vieira é um herói, não das armas, mas das palavras, da persuasão:

Nessa memorável viagem, cimentou Vieira a amizade entre os portugueses e os silvícolas mais aguerridos da região; subordinados à sua palavra, mais que às vozes de comando de seus capitães, os soldados portugueses se exaltavam ao seu serviço; mais que às manifestações da natureza, únicas que temiam, os Nheengaibas renderam-se à tamanha força moral que o padre Vieira envolvia num gesto.

Sob o pretexto de salvar almas, o jesuíta promoveu um verdadeiro genocídio; é o que noticia Eleuthério:

Quarenta mil filhos das selvas juraram então fidelidade a Deus e ao Rei de Portugal, prometeram e cumpriram a paz perpétua, que fez a maior glória de Vieira na Amazônia.

Vieira cai em desgraça, juntamente com sua Ordem, por não concordar com os métodos do

poderoso marquês de Pombal. As rebeliões estouram, aqui e ali, na imensidão do vale, muitas vezes com o apoio de missionários, que não aceitam os métodos violentos para a “salvação” dos nativos. Paulo Eleuthério, num exercício de extremada concisão, reduz esses fatos a um parágrafo de minguadas meia dúzia de linhas:

Não deixou de haver lutas, sustentadas muitas vezes pelos próprios missionários, aliados aos nativos. Houve a incursão nas águas do rio Negro, que defendiam invencíveis a entrada do Amazonas, escrevendo o indígena o comovente episódio de Ajuricaba. Já então os paraenses e maranhenses, fazendo causa comum com os portugueses, alargavam as conquistas da terra e reduziam o gentio à obediência.

Aquelas lutas lançaram a semente da fundação do Estado do Amazonas, com a criação da Capitania de São José do Rio Negro. Curiosamente, num relato de feitos heroicos da história da Amazônia, é a única menção ao nome de Ajuricaba.

Os feitos se sucedem até 11 de agosto de 1823, quando o Pará rompe definitivamente com Portugal, mais de 11 meses após a declaração de Independência, quando, num paralelo com Camões, Eleuthério interpreta o dístico lusíada – “e entre gente remota edificaram / novo reino, que tanto sublimaram”, citado de forma truncada – como um vaticínio das glórias amazônicas que estavam por vir. E arremata:

E desde 1823, mesmo separada politicamente de Portugal, a Amazônia Brasileira é ainda hoje o

maior centro de atração das atividades portuguesas no Norte do Brasil, onde se forja a prosperidade da maior nação americana, sob as revelações da energia nativa e os estímulos da gente, do esforço e das verdadeiras tradições portuguesas, que foram o cimento e o alicerce dos monumentos da nossa civilização, por estas paragens do mundo.

O POLEMISTA

Quase intitulo os comentários seguintes como “o humorista”. Faltam subsídios, para que se afirme essa face da obra jornalística de Eleuthério. Quanto ao dom da polêmica, não faltam testemunhos históricos para tal. Mas o texto que vai nos ancorar é muito engraçado. Tristemente engraçado, especialmente vindo do sisudo Paulo Eleuthério. Intitula-se “Profilaxia do jornalismo” e trata do grande mal da época: o adjetivo...

Discorrendo inicialmente sobre o papel social da imprensa, o autor faz um paralelo com as necessidades profiláticas do ser humano – uma novidade à época – e propõe que o jornalismo, numa medida humanitária e civilizadora, se deixe também tomar pela profilaxia, propondo na regulamentação da lei de imprensa, que então se discute, “um simples parágrafo ao artigo das proibições terminantes”:

§ – Fica abolído o abuso dos adjetivos na imprensa, quotidiana ou periódica.

Ele poderia acrescentar que a proibição se estendia aos poetas, aos ficcionistas, aos

historiadores, enfim... Mas seu objetivo era sanear a imprensa. Transcreverei todo o terço final do artigo, como única forma de fazê-los sentir a profunda ironia das palavras de Paulo Eleuthério:

Porque, evidentemente, não sei que maior mal tenha causado a imprensa ao mundo senão pelo emprego desordenado e exuberante dos adjetivos, principalmente aqueles encomiásticos das virtudes e das misérias humanas, possíveis e impossíveis.

Proibido o abuso do adjetivo, que exprime a sintomatologia das doenças do jornal, estaria de fato morta outra alarmante epidemia da imprensa: o elogio inveterado aos que podem e mandam, em detrimento dos que sofrem e obedecem. E, em consequência, seria uma realidade o saneamento do jornalismo somente pela proclamação do adjetivo como indesejável.

Se, por outro lado, fosse inviável a adoção do parágrafo que proponho, lembraria então às academias que promovem a organização do novo dicionário da língua, principalmente à brasileira, que omitissem do léxico alguns adjetivos, como sejam, dentre muitos, honrado, benemérito, culto, inteligente, virtuoso, patriótico, tolerante, enérgico, ilustrado, honesto, destemido, talentoso, íntegro, magnânimo, e outros que tais.

Seria o primeiro passo para a profilaxia moral do jornalismo; o segundo não demoraria a anunciar-se, com a falência dos jornalistas que fazem profissão do elogio aos que estão de cima e atiram apodos aos que não batem palmas às instituições de que tais jornais são o reflexo do momento e o pesadelo do futuro.

E assim teríamos naturalmente a imprensa esclarecida pela verdade e saneada pela ausência do adjetivolouvaminheiro e dos seus grandes fetichistas inveterados: os empreiteiros do elogio, mercenários da imprensa.

*Completem os legisladores a regulamentação da imprensa, punindo severamente, como delito de lesa moralidade, o abuso da adjetivação bombástica e contraproducente, pelos jornalistas que, esquecidos da nobreza de sua grande missão social, envilecem e desnorteiam a profissão, confundindo-se com a dos acólitos, de todos os templos e mesquitas, de turíbulo em punho, incensando os altares dos deuses ou dos calungas...*¹³

Registre-se ainda o pseudônimo João da Selva, com que assinava alguns de seus textos. Os dois exemplares que me chegaram às mãos trazem um assunto polêmico – *A um pai* – e outro, sob o título geral “Ephémeras” (seria uma coluna fixa?), louva a passagem de aniversário da *Folha do Norte*, jornal paraense. *A um pai* – publicada sob o título geral “Cartas Aéreas” (uma coluna fixa?) – comenta sobre um amigo que caíra em desgraça, por motivações políticas, no emprego público ao qual devotara 23 anos. Sobre a possibilidade de colocar a filha para trabalhar, com o intuito de reforçar o orçamento, João da Selva aconselha a esse amigo:

Pergunta-me você se deve aceitar um lugar que ofereceram à sua filha. Você procederá como quiser, mas, se a filha fosse minha, eu não aceitaria essa espécie de compensação. Era escusado até que você me consultasse sobre o assunto, quando é certo que você conhece minhas

ideias a respeito. Eu sou contra, por princípio, ao exercício da mulher fora do lar, onde ela deve ter o seu grande mundo de afetos e de angústias.

A última frase é reveladora do pensamento de Eleuthério sobre o papel social da mulher: o seu mundo devia ser circunscrito ao lar – uma prisão permanente, portanto, para a função de reprodutora. Mas o seu humanismo, forjado no positivismo, não deixava de perceber que esse mundo tão restrito, longe de ser pleno de afetos, era também fonte de “angústias”.¹⁴

CONCLUSÃO

Eis Paulo Eleuthério como o vi. Talvez outros pudessem ser mais claros e mais profundos. Talvez, mais condescendentes com suas ideias envelhecidas. Mais tolerantes com suas intolerâncias. O que me alegrou na elaboração deste trabalho foi descobrir um velho companheiro, daqueles que, quanto mais discordamos, mais dele nos aproximamos, pois nos completam, nos complementam. O professor Paulo Eleuthério escreveu seu nome a fogo na história da intelectualidade amazonense da primeira metade do século xx. Foi um homem do seu tempo: consciente, coerente, íntegro. A homenagem que lhe prestamos, na Academia Amazonense de Letras, trazendo-o ao nosso convívio nesta

• • •

13. IN: *O Republicano*. MANAUS, 1923. ARQUIVO DE MARITA MONTEIRO.

14. SEM REFERÊNCIA DE ORIGEM, DATA OU LOCAL. ARQUIVO DE MARITA MONTEIRO.

manhã de outubro, simboliza, a Paulo Eleuthério, a imortalidade acadêmica, pois a sua lembrança se pereniza entre nós.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças à colaboração dos amigos Antônio Diniz, Marita Monteiro e Roberto Mendonça. A eles é dedicado. Dedico-o também ao eminente mestre Áderson Dutra, ocupante da cadeira fundada por Paulo Eleuthério, desculpando-me por não me ter saído melhor da empresa, mesmo dando o melhor de mim. A todos, muito obrigado.



Medalha do Mérito Cultural
Péricles Moraes

2007



Solenidade ocorrida a 28 de abril de 2007



ABERTURA DA SESSÃO SOLENE



• *José dos Santos Pereira Braga*¹ – *Vice-Presidente*

É uma pura alegria receber as senhoras e os senhores em nossa Casa nesta noite de evocação e homenagens. Súbita enfermidade, felizmente passageira, impediu que o presidente Elson Farias aqui estivesse para receber a todos e a todos acolher com carinho e amizade, cabendo-me a mim esse prazeroso encargo.

A exemplo dos gregos, que cultuavam a Virtude e a Beleza, a Academia Amazonense de Letras reúne-se hoje, na companhia de tão amáveis presenças, para a entrega da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes a Ivete Ibiapina, Milton Hatoum e José Roberto Tadros.

Arte e Mecenato. Beleza e Virtude. Estas as dimensões da Medalha do Mérito Cultural instituída com a finalidade de perenizar para além dos umbrais da Academia o nome do imortal Péricles Moraes e homenagear aqueles que, cultivando os valores do Bem e do Belo, hajam contribuído significativamente, em nossa terra, para o enriquecimento da existência humana.

As cidades não são apenas a sua geometria, suas ruas e esquinas, suas praças, prédios e calçadas. As cidades possuem um espírito vivo, uma alma que lhes dá significação. Uma cidade é a sua gente, seus habitantes, as mulheres e os homens, as crianças e os velhos que nela realizam o milagre da vida. Testemunhas de um tempo, companheiros de destino, Ivete, Milton e Tadros projetam com os seus fazeres e dons de humanidade luzes sobre a cultura, sobre a vida de nossa cidade.

Para que não faltassem beleza e erudição nesta noite, a Academia Amazonense de Letras elegeu para dizer da sua homenagem aos ilustres agraciados o confrade José Maria Pinto, expressão singular do nosso silogeu. Cumprida a parte protocolar da homenagem, o abraço de reconhecimento e amizade. É para esse abraço,



1. JURISTA E ENSAÍSTA, OCUPA A CADEIRA N.º 9, DE MACHADO DE ASSIS. NA OCASIÃO, COMO VICE-PRESIDENTE DA AAL, PRESIDIU A SESSÃO NO IMPEDIMENTO DO TITULAR, ELSON FARIAS, QUE SE ENCONTRAVA ENFERMO.

querida professora Ivete Ibiapina, que estamos todos aqui nesta noite, à sua volta, antigos e novos alunos e apreciadores da sua arte; é para esse abraço, meu caro Milton Hatoum, que comparecemos, seus leitores e amigos, orgulhosos da sua brilhante trajetória; é para esse abraço, caríssimo Roberto Tadros, que a sociedade amazonense, que tanto o estima e preza, reúne-se hoje na Casa de Adriano Jorge.

Declarando aberta esta sessão solene, tenho a honra de agradecer a presença dos ilustres acadêmicos, autoridades, representantes de entidades culturais, familiares e amigos dos agraciados, e a todos que nos vêm prestigiar nesta noite memorável de luzes e de inteligência.

Convido à tribuna, para falar em nome dos homenageados, o consagrado escritor amazonense Milton Hatoum.

MEMORIAL



• *Francisco Gomes da Silva – Secretário-Geral*

Pelo terceiro ano consecutivo, a Academia Amazonense de Letras confere a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes a personalidades que se destacaram nos estudos e na interpretação da Amazônia brasileira, nas modalidades de Letras, Artes e Mecenato. Essa iniciativa se respalda na Resolução n.º AAL – 02/2004, desta Casa, instrumento enaltecedor dos valores locais que, anualmente, são escolhidos em escrutínio secreto, ao mesmo tempo em que honra o patrono da distinção, figura de escol que presidiu a Academia e entre nós exerceu o magistério e funções político-administrativas de alto relevo.

Neste momento, dando curso ao que foi deliberado pelos senhores acadêmicos em sessão democrática realizada no dia 31 de janeiro último, agradecemos os excelentíssimos senhores abaixo nomeados.

Modalidade de Letras: MILTON HATOUM, escritor e professor, ensinou literatura nas Universidades Federal do Amazonas e do Estado americano da Califórnia. Autor dos

romances: *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos e Cinzas do Norte* (todos ganhadores do Prêmio Jabuti de melhor romance), cujos enredos se passam em Manaus, sua terra natal, obras que, além de ganharem largo espaço na literatura brasileira, têm sido traduzidas em diversos países. A imposição, em favor desse ilustre intelectual amazonense, da medalha denominada Péricles Moraes representa um preito de justiça.

Modalidade de Artes: IVETE IBIAPINA, fundadora da Escola de Música que, desde 1954, tem formado várias gerações de pianistas em nossa capital. Por muitos anos à frente do Núcleo Artístico do Amazonas, tem sido grande incentivadora dos jovens músicos de Manaus. A distinção que lhe é conferida neste momento representa o coroamento de uma vida dedicada integralmente à Arte.

Modalidade de Mecenato: JOSÉ ROBERTO TADROS, amazonense de Manaus, bacharel em Direito e empresário nos segmentos hoteleiro e imobiliário, foi contemplado com a honraria

da Academia Amazonense de Letras por vir, na presidência da Federação do Comércio do Amazonas, contribuindo com o funcionamento do Teatro Experimental do Sesc, a realização de salões de Artes Plásticas e feiras de livros e diversos outros eventos culturais.

A Academia Amazonense de Letras, ao proclamar e enaltecer os citados homenageados merecedores da *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*, versão 2007, cumpre o seu papel de incentivadora da Cultura e externa o alto apreço que devota aos ilustres fomentadores das Letras, das Artes e do Mecenato no Estado do Amazonas.

DISCURSO DE AGRADECIMENTO



• *Milton Hatoum*

Senhores acadêmicos:
Senhoras e senhores:

Quero agradecer sinceramente ao poeta e acadêmico Elson Farias e a todos os membros da AAL a indicação do meu nome para a homenagem de condecoração da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes. Penso que é também uma homenagem ao Amazonas, às mulheres e homens que, de alguma maneira, estão envolvidos com o trabalho artístico e com a produção e viabilização deste trabalho.

A professora e pianista Ivete Ibiapina e o empresário José Roberto Tadros são, há décadas, amigos de minha família. Dona Ivete lecionou piano à minha irmã nos anos 50. A impressão que tenho é que dona Ivete foi professora de milhares de jovens e crianças, se considerarmos mais de meio século de vida dedicada ao ensino, à criação e à divulgação da música nesta cidade.

Roberto Tadros é um empresário com sensibilidade para as artes e a literatura, fato

incomum neste país de poucos mecenas. Sua atuação como dirigente do Sesc é notável. Sem as atividades culturais dessa instituição, Manaus e o Amazonas seriam mais pobres. Refiro-me ao Teatro Experimental, dirigido por Márcio Souza, à Feira do Livro, ao apoio às artes plásticas, à música e às atividades de lazer.

Em dezembro de 1967, quando saí daqui para estudar em Brasília e depois em São Paulo, não pensava que ia ser escritor. Talvez influenciado por minha mãe, que queria, mas não pôde estudar arquitetura, ingressei na Fau-USP, onde me formei. Durante alguns anos, trabalhei com projetos de arquitetura e lecionei História da Arquitetura numa faculdade no interior de São Paulo. No entanto, a literatura era uma paixão mais forte. E também uma atividade escondida, ocultada, que, aos poucos tomou conta da minha vida.

Lembro do dia em que minha mãe comprou as obras completas de Machado de Assis. Com esse gesto, estava me oferecendo, talvez inconscientemente, uma outra escolha

profissional. Aos 13 ou 14 anos, li os primeiros contos de Machado, sem saber que a obra desse escritor brasileiro era tão consistente quanto o que havia de melhor na Europa da segunda metade do século XIX: a Europa dos grandes romancistas, contistas, poetas. Também aqui em Manaus, ainda jovem, li no Colégio Estadual do Amazonas alguns romances brasileiros relevantes. Era uma época em que o ensino da rede pública ainda era razoavelmente digno e eficiente. E isso eu também pude constatar quando estudei no Colégio de Aplicação da UnB e, nos anos 70, na USP. Menciono alguns lances da minha trajetória porque ela foi importante na minha formação de leitor. E não há literatura sem leitor. O leitor antecede o escritor e está inscrito no texto de ficção. E o bom leitor justifica a literatura. Eu percebi isso quando escrevia os primeiros contos, depois um romance, todos abandonados, para não dizer: queimados. Textos fracos, fracassados. Afinal o fracasso faz parte da vida, não há nada mais humano do que o fracasso. Nem tudo significa medalhas e prêmios. Por isso devemos ter consciência do fracasso para, então, recomeçar. Essa consciência, que é também um exercício de paciência e autocrítica, foi fundamental para que eu encontrasse minha própria voz narrativa. Numa das tantas passagens notáveis do romance *Grande sertão: veredas*, o narrador Riobaldo diz: “Aprender a viver é que é o viver mesmo”. De modo análogo, penso que aprender a escrever é que é o escrever mesmo.

Publiquei meu primeiro romance aos 36 anos de idade, e o segundo, onze anos depois. Nesse longo intervalo publiquei contos,

ensaios, crônicas, traduções. De 1984 a 1999 lecionei literatura na Ufam, e esse trabalho foi uma aprendizagem. Ter morado tanto tempo em Manaus – depois de uma longa ausência – foi importante para refletir e escrever sobre a nossa cidade. Manaus é um dos centros simbólicos dos meus romances. Uma cidade reinventada pela ficção, que deve ser lida como uma ponte entre o imaginário e o real. Porque é isso o que a leitura constrói: um espaço entre o imaginário e o real. Como assinalou o escritor argentino Ricardo Piglia (*O último leitor*): “Não existe nada simultaneamente mais real e mais ilusório do que o ato de ler”.

Essa ambiguidade é uma das coisas mais fascinantes da literatura de ficção. O leitor transita em dois mundos, ele lê a ficção e depois vive a realidade, e em algum momento uma se sobrepõe à outra. Lembro que num debate sobre o *Dois irmãos* na USP, uma jovem leitora, com ar de decepção, me disse: Fui a Manaus para conhecer o porto e os lugares do seu romance, mas não encontrei os gêmeos Omar e Yacub.

Pensei que ela estava brincando, mas falava sério, tão sério que eu disse: Volte a Manaus daqui a algum tempo, quando os gêmeos terão saído das páginas do livro para a realidade.

Nos meus romances, a visão que os narradores têm de Manaus não é pacificadora, nem edulcorada, muito menos conformista. É uma visão crítica, ou melhor: uma invenção que passa pela crítica, pois nossa cidade – o quarto PIB do Brasil –, poderia ser mais humana. A riqueza e a opulência da Zona Franca de

Manaus não correspondem à precária qualidade de vida da maioria de seus moradores; no entanto, a visão crítica da literatura pouco tem a ver com a objetividade descarnada da denúncia social ou política.

O romance moderno, desde D. Quixote, nasce sob o signo do desencanto, que pode ser amargo, irônico ou sarcástico. O desencanto pode se expressar por meio de vários registros, desde que seja mediado, construído pela linguagem literária, capaz de explorar uma dimensão mais subjetiva, mais simbólica, que oculta os fatos para insinuar uma verdade mais profunda. Daí a dificuldade de se construir um romance que transcenda os limites do seu lugar. Este foi o maior desafio que enfrentei. Um desafio que não significa afirmar ou negar uma identidade regional, e, sim, aprofundar as questões e os conflitos locais, visando a um alcance social e simbólico mais geral. Para um escritor, para qualquer intelectual, e eu diria para qualquer ser humano, a abertura para outras culturas é fundamental. Exemplo disso é o Patrono desta Casa, Péricles Moraes, leitor, professor e crítico de literatura francesa. Como assinalou Jorge Luis Borges, o nosso patrimônio é o universo.

Quando um autor publica livros que conquista leitores, elogios críticos, prêmios e medalhas, ele pode se levar muito a sério e, de medalha em medalha, virar um medalhão. Pode também ser tentado a morder duas iscas perigosas: a da vaidade e a da arrogância. A vaidade – que remete ao étimo latino de vacuidade e vazio – não me toca tanto. Muito menos a arrogância, um atributo dos intolerantes, dos enclausurados

em verdades absolutas, dos que se recusam a ver no Outro – nas outras culturas – uma possibilidade de aprender e trocar ideias.

No entanto, a vida nos dá em alguns momentos e em doses frugais um sopro de alegria e orgulho. Confesso que fiquei muito orgulhoso e contente em receber esta homenagem. Tenho certeza de que este é o sentimento dos dois amigos homenageados nesta noite. É um pouco deprimente para um autor, um artista ou um incentivador da cultura não ser reconhecido em sua própria cidade. Quanto a isso, não posso lamentar. Desde a publicação do primeiro romance tive bons leitores em Manaus: professores, estudantes e o público que gosta de literatura. Vários poetas, críticos e narradores, inclusive alguns membros desta Academia, como Thiago de Mello, Márcio Souza, Tenório Telles, Zemaria Pinto, Narciso Lobo e Ruy Lins, entre outros, expressaram, com gestos generosos, seu apreço ao meu trabalho.

Esta homenagem coincide com a publicação do livro *Arquitetura da Memória*: uma coletânea de ensaios de críticos brasileiros e estrangeiros sobre os três romances que publiquei. Foi organizada por Maria da Luz Pinheiro de Cristo – ex-aluna da Ufam – e publicada por essa mesma Universidade, em parceria com o Uninorte. O professor Renan Freitas Pinto e sua equipe têm feito um belíssimo e consistente trabalho editorial na Ufam, e isso é motivo de orgulho para todos nós.

João Guimarães Rosa dizia que certas pessoas não morrem, ficam encantadas. Gostaria de

dedicar essa medalha à memória de meu pai,
um libanês que adotou o Brasil e foi adotado
por esta sociedade e esta terra, onde morou
grande parte de sua vida. E à minha mãe,
Naha, presente de corpo e alma nesta Casa.

Muito obrigado.

SAUDAÇÃO AOS HOMENAGEADOS



• *Zemaria Pinto*

Sr. presidente, acadêmico José Braga, na pessoa de quem saúdo os demais membros da mesa. Sras. acadêmicas; Srs. acadêmicos; minhas senhoras e meus senhores:

I

Em sua terceira edição, a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes ainda suscita algumas dúvidas curiosas. Quais os critérios para a escolha dos nomes? Por que um mecenas entre dois artistas? Quem foi mesmo esse Péricles Moraes? Este ano, me perguntaram se a Ivete homenageada era filha daquela que dá nome à Casa Ivete Ibiapina, na 10 de Julho... Também me perguntaram se o Milton Hatoum era mesmo amazonense...

À primeira pergunta, com relação aos critérios, tenho respondido que, além de ser amazonense ou aqui militar em sua área, a Academia leva em consideração para a escolha dos homenageados o conjunto da obra. Hoje temos aqui três amazonenses, manauaras, de sucesso: um empresário que aposta nos artistas locais, uma pianista que fez história como professora

de várias gerações e um romancista consagrado pela crítica e pelo público.

À pergunta sobre o mecenas, digo que acho que deveríamos homenagear não um, mas dois, pois assim talvez estimulássemos o aparecimento de outros, pois os artistas e a arte precisam deles.

Sobre o velho Péricles Moraes, respondo que eu mesmo até há pouco tempo, ignorante, não o conhecia. Esta festa anual em sua memória tem o objetivo de tornar sua lembrança perene entre nós, pois, não à toa, os mais antigos metaforizam a Academia como a “Casa de Péricles Moraes” – aqui ele esteve por 48 anos, tendo sido um de seus fundadores e, além do presidente Adriano Jorge, o único a discursar – duplamente, inclusive – na memorável noite de 9 de janeiro de 1918, quando se deu a instalação da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, da qual esta Academia é legítima sucessora. Naquela ocasião, Péricles Moraes fez a apologia do seu patrono, o romancista e ensaísta Gonzaga Duque, tecendo um breve

estudo crítico de sua obra e salientando as características de sua arte, conforme noticiou um jornal da época.¹ Gonzaga Duque, autor de *Mocidade Morta*, era o profeta daquela religião que tinha deuses franceses e um mártir brasileiro, jamais canonizado, dito João da Cruz, também chamado de Cisne Negro e Dante de Ébano.

Na sequência, o orador discorreu sobre “O Tolstoísmo e a verdadeira concepção da beleza”. O mesmo jornal arremata que “no desenvolvimento da tese que constituiu a parte mais importante de sua conferência, o orador foi imaginoso e fecundo, fazendo a longa e torturada psicologia artística de Tolstoi, o incomparável solitário de Yosnaia Poliana, misto de demagogo e de artista, cujo nome atravessou as fronteiras da Rússia e causou a admiração do mundo, como o filósofo mais singular do seu tempo”. É claro que o sentido que o jornal dava para a palavra demagogo não era o mesmo que damos hoje para classificar certos tipos públicos.

Parece-me que aquela jornada dupla do bom Péricles, na noite de 9 de janeiro de 1918, falando em nome dos 30 fundadores da nossa Academia, inoculou-nos para sempre esse pendor pelos discursos acadêmicos.

II

A história da família Tadros confunde-se com a história do Amazonas nos últimos 130 anos. O empresário José Roberto Tadros, a quem a Academia Amazonense de Letras tem a honra de homenagear nesta noite na categoria mecenas, representa a quarta geração dessa

família, cuja primeira iniciativa comercial, a Tadros & Cia., remonta ao longínquo 1874.

Advogado, professor, cônsul honorário da Grécia, co autor do livro *Incentivos Fiscais para o Progresso do Amazonas*, membro de diversas associações culturais – entre elas o nonagenário Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, José Roberto Tadros amecenas até esta data mais de 80 comendas (estrangeiras, nacionais e locais), nas mais diversas áreas, que o credenciam como uma das mais importantes personalidades do nosso Estado. A essas honrarias, soma-se hoje a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes, como reconhecimento ao seu trabalho, especialmente à frente do Sesc, incentivando a música popular, a dança, as artes plásticas, a literatura e o teatro.

Mecenas, o fiel conselheiro de Otávio Augusto, preservou para a posteridade a imagem de desinteresse no apoio que deu a Virgílio, Horácio, Propércio e Vário. Se é verdade que ele sugeriu a Virgílio o tema das *Geórgicas*, também é verdade que não censurou ou interferiu no trabalho de seus protegidos. A liberdade de criação está, pois, atrelada ao mecenas. Tadros não faz diferente: delega, gerencia, exige, confia. Ou não seria possível

• • •

1. *A Capital*. MANAUS, 11 DE JANEIRO DE 1918. ARQUIVO DO IGH. NÃO TEMOS ELEMENTOS PARA AFIRMAR COM PRECISÃO, MAS NO LIVRO DE PÉRICLES MORAES *Intérpretes da Amazônia* (MANAUS, VALER, 2001) HÁ UM ENSAIO INTITULADO “PELA GLÓRIA DE GONZAGA DUQUE”, QUE PODERIA SER O MESMO TEXTO DE 1918.

multiplicar-se em tantos para dar conta dos múltiplos afazeres. Administrar cultura é administrar egos, muitas vezes explosivos – é preciso pulso firme para não deixar o interesse individual sobrepor-se ao coletivo. Mas assim testemunham aqueles que lhe estão mais próximos, a carapaça esconde uma sensibilidade refinada e uma visão de futuro privilegiada. Tadros acredita que todos têm direito e devem ter acesso à arte e à cultura.

Alguns dos projetos do Sesc já atravessam décadas, como a Feira de Livros, que vai para a vigésima primeira edição, formando leitores e promovendo a literatura – e da qual muitos dos aqui presentes, eu inclusive, participamos ativamente. Um projeto singelo como o Festival de Calouros vai para sua 27.ª edição tendo revelado vários dos talentos que hoje brilham nos palcos da cidade. Outros deixaram saudade, como o Zonarte, que reunia música, dança, teatro e artes plásticas; e Nosso Mercado, que teve como foco a revitalização do Mercado Grande como espaço cultural. O desfecho, com a Noite Tribal – eu estava lá –, foi inesquecível. Aliás, há uma tendência a transformar os antigos mercados em amostras da vocação cultural de uma cidade, refletindo seus vários matizes. O Projeto Nosso Mercado passava essa mensagem, que, parece, não foi escutada.

Tenho em mãos a *Antologia de Contos* do Sesc, publicada no final do ano passado. Eis um belo exemplo do trabalho de Tadros. Conforta-me encontrar nomes conhecidos de ex-alunos, mas, principalmente, alegra-me vislumbrar naquele pequeno livro o futuro acontecendo: ali estão,

saindo do casulo, alguns dos nossos vindouros companheiros de ofício.

Não deixo de registrar a Galeria Moacir Andrade, palco de incontáveis exposições. Aliás, o nosso querido confrade Moacir vai ganhar agora do Sesc um Memorial, o que só enfatiza a preocupação de Tadros com a valorização do artista amazonense. O interior começa também a ser contemplado, com a restauração de uma casa antiga em Manacapuru, onde funcionam projetos de cinema, leitura e atividades ligadas à música e ao teatro. Todos esses projetos contam com o apoio integral e o acompanhamento direto de José Roberto Tadros.

Tendo iniciado suas atividades nos anos 60, o Tesc, o Teatro Experimental do SESC, ficou um longo tempo emudecido, retornando às suas atividades há cinco anos, com o apoio incondicional de Tadros. Os bons tempos voltaram, com Márcio Souza à frente, enchendo de criatividade aquele iluminado espaço da Henrique Martins. Aos balzaquianos *A Paixão de Ajuricaba*, *Dessana Dessana* e *As Folhas do Látex* juntaram-se os novos *Hamlet*, *Marx na Zona* e *Sábados Detonados* – irreverentes, antropofágicos, escrachados, mas, sobretudo, críticos e independentes.

Música, dança, artes plásticas, teatro, literatura. Essa tem sido a ação – discreta, mas determinada; simples, mas ousada – de José Roberto Tadros em favor da cultura e das artes do nosso Estado. A justa homenagem que hoje lhe prestamos é um pedido para que faça mais e mais: o Amazonas, penhorado, agradece.

III

O ano de 1954 é significativo para a arte amazonense. A 22 de novembro – provavelmente, noite alta –, um grupo de jovens insatisfeitos com a mediocridade da vida provinciana fundava o Clube da Madrugada, que viria a fazer história. Inicialmente, como um movimento de cunho político, visando romper o marasmo e o anacronismo econômico, ideológico e ético em que a cidade mergulhara após a crise da borracha, havia cinco décadas, e combater a falta de perspectiva de uma juventude que só via saída nos poucos navios que chegavam até o porto. Não foi à toa que a maioria dos fundadores do Clube da Madrugada enveredou por caminhos não ligados às artes, especialmente o da Economia. Com o tempo, entretanto, aquele movimento de jovens idealistas da mais diversificada formação metamorfoseou-se na maior manifestação cultural vista por esta cidade, mudando os rumos da nossa poesia, da nossa ficção e das nossas artes plásticas.

Mas nem só da revolução madrugadense fez-se o ano de 54. A 26 de abril daquele ano, uma jovem de apenas 21 anos, quase uma adolescente, fundara um curso de música que, se não pretendia fazer revoluções e nem mesmo balançar as debilitadas estruturas da província, viria também a fazer história. Era a Ivete. A tia Ivete, como passou a ser chamada depois, com o fluir inexorável do tempo. Era a Ivete Ibiapina, que viria a ser referência no cenário musical erudito de Manaus. Era a menina Ivete Freire Ibiapina, que fundava não apenas mais um curso de música, pois havia outros bons cursos na cidade; a menina Ivete criava um

novo conceito para cursos de música: uma escola total, que ensinaria seus alunos de música a amar a Arte, a discernir a Beleza, a buscar a Harmonia. Numa palavra, embora poucos se lembrem disso, ensinar Arte é ensinar Ética: é formar cidadãos para o confronto com a vida. E se vivíamos, na década de 1950, uma época em que as mulheres tinham pouquíssima liberdade, o Curso de Música Ivete Freire Ibiapina estimulou a liberdade do conhecimento, do saber, da aprendizagem, da busca incessante, da inquietação intelectual naquelas oito alunas² fundadoras, que mais tarde se multiplicariam por dezenas, às quais se juntaram também muitos e muitos rapazes. Ivete se nos afigura hoje como uma mulher à frente de seu tempo, fazendo-se sacerdotisa dessa inquietação, dessa busca pela liberdade. Muitas foram as dificuldades encontradas; mas muito mais foram as vitórias alcançadas.

Abro um parêntese para lembrar que Ivete em muitas ocasiões brilhou nesta Casa, aqui mesmo, nesta sala. Mas a primeira vez, novembro de 1949, ficou gravada em fogo na memória. Para uma apresentação no velho piano de armário da Academia, pediram a Ivete que esperasse na antessala; ao anúncio de seu nome, ninguém menos que o mitológico Dr. Péricles Moraes iria entronizá-la. A menina Ivete, com apenas 17 anos, imaginava que o príncipe Péricles parecesse mesmo com um príncipe, de cuidadas madeixas, cavanhaque bem apanhado e perfil atlético. Ao ser convidada a entrar na sala por

• • •

2. MARLY HATOUM, IRMÃ DE MILTON, ERA UMA DAQUELAS OITO ALUNAS.

um gentil senhor curvado ao peso dos anos, ela agradeceu delicada, mas avisou que aguardava pelo Dr. Péricles. Com um sorriso enigmático, o gentil senhor, que em nada lembrava um príncipe dos contos de fadas, tomou-lhe a mão e disse: muito prazer, senhorita, eu sou o Péricles...

Tendo se dedicado ao estudo do piano desde os sete anos, Ivete buscou sempre aprimorar-se: estudou teoria da música, solfejo e harmonia, além de canto e história da música. Esse detalhe, aliás, jovens que me ouvem, é de fundamental importância. Qualquer que seja o seu talento, ele só poderá aflorar plenamente sobre dois pilares: a Teoria e a História. Ninguém se desenvolve além da medianidade, em qualquer área do conhecimento humano, se não se tornar íntimo dessas duas senhoras. Ivete Ibiapina tinha, além do talento inato, a formação necessária para seguir em frente e brilhar, com o seu trabalho incansável, que seria, desde muito cedo, reconhecido por todos.

Mas a professora Ivete Freire Ibiapina não foi só da escola de música que leva o seu nome. Antes mesmo da fundação da escola, desde os dezesseis anos, a menina Ivete já exercitava seu dom (e sua paciência) como professora do Jardim da Infância e do Primário. Mais tarde, senhora do seu ofício, além de piano, em diversas escolas, foi professora também de Canto Orfeônico.

Formada em Filosofia, em 1974, quando recebeu o Anel Simbólico como a melhor aluna do curso, pela universidade que hoje chamamos Ufam, Ivete foi também professora, entre

outras matérias, de História das Artes, Museologia, Filosofia da Educação, História da Educação e História da Filosofia.

Fiz questão de mencionar o currículo da professora Ivete para mostrar a vocês que, mesmo conhecendo-a como eu a conheço, há mais de 20 anos, sempre a relatei com a música, com o piano. E, no entanto, aí está o seu talento sendo explorado em outros ramos do conhecimento. Pois querem mais? Além de colaborar regularmente na imprensa local, com inúmeros artigos sobre música, artes e cultura, Ivete Ibiapina escreveu quatro peças de teatro. Todas encenadas, sendo duas delas em pleno Teatro Amazonas, um palco reservado a poucos...

Mas o espírito inquieto da professora Ivete sempre esteve em busca do novo. Assim é que, após 30 anos da fundação da Escola de música que leva o seu nome, Ivete, juntamente com jovens alunos e já não tão jovens ex-alunos, fundou o Nuam – Núcleo Artístico do Amazonas, a 17 de novembro de 1984.

Pessoalmente, essas quatro letras me trazem gratas recordações. Dos três espetáculos *Manaus, poema e canção* – uma história da música e da poesia em nossa cidade, que eu roteirizei e apresentei, no Teatro Amazonas. E dos encontros ArtLivres, realizados todo primeiro sábado do mês, na casa de número 451 da 10 de Julho: foram 78 palestras, ilustradas com música, dirigidas, entre outros, pelo saudoso Nelson Porto, o mais frequente, e por Paulo Afonso Pereira, Pedrinho Sampaio, Suzi Corso, Viviane Afonso, Priscila Coelho

e Carla Petruccelli, além deste que vos fala. Entre os frequentadores constantes, vestido com seu paletó de brumas e seus sapatos de musgo, o poeta-maestro Luiz Bacellar. Quando a noite ensaiava estender seu manto sobre a cidade, o espírito dos saraus pousava suavemente sobre a Casa de Ivete Ibiapina e assistíamos, graças às mais recentes tecnologias, às óperas trazidas pelo cel. Paulo Afonso; e, em CD ou ao vivo, ouvíamos de Bach a Ernesto Nazaré; de Mozart a Gershwin; de Beethoven a Arnaldo Rebello, de Wagner a Pedro Amorim, de Stravinsky a Lindalva Cruz.

Querida Ivete: você recebeu, ao longo de sua carreira de mestra e de artista, dezenas de homenagens – votos de louvor, de congratulações, de aplauso, diplomas, medalhas, placas. Seu nome está no *hall* da fama do nosso glorioso Teatro Amazonas, onde você tantas vezes brilhou, especialmente por intermédio de seus alunos. A medalha que você está recebendo hoje não é melhor nem mais sincera que as outras. E você a está recebendo não apenas porque gostamos imensamente de você. A Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes está lhe sendo imposta porque você é merecedora dela. Aceite-a como uma honra para nós, que a concedemos.

IV

Autor de três romances que caminham para formar entre os clássicos da literatura brasileira, Milton Hatoum tem desnordeado a crítica literária, não pela dificuldade imposta aos seus leitores, como entendeu ser a finalidade da literatura durante muito tempo

uma certa vanguarda, mas, sim, pela simplicidade narrativa – simplicidade que é, no entanto, apenas aparente. Na verdade, Milton Hatoum radicaliza o significado primordial da palavra texto: urdidura, tecido, teia, trançado, entrelaçado.

Tantas são as nuances na arquitetura narrativa de *Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*³ que preferi, preterindo o autor, falar de suas obras, ou melhor, de um aspecto muito especial de suas obras: o narrador. Mas não quero entrar em matéria acadêmica; antes, quero recuperar a vida que pulsa nesses personagens-narradores: a moça sem nome de *Relato de um certo Oriente*, Nael, o neto bastardo de *Dois irmãos*, e Lavo, o memorialista de *Cinzas do Norte*. Pretendo demonstrar, nesta alocução, que há algo em comum entre essas criaturas; ou, tecnicamente, examinar a poética da narrativa no romance de Milton Hatoum.

Os três romances têm como matéria principal a vida na cidade de Manaus, a cidade que viu seu autor nascer há 54 anos. É claro que não é da sua experiência pessoal que ele fala, mas de histórias inventadas, que poderiam ser as histórias de sua família, de seus conhecidos, ou que ele simplesmente ouvira contar, na Pensão Fenícia da sua infância. Histórias criadas a

• • •

3. HATOUM, MILTON. *Relato de um certo Oriente*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1989.

HATOUM, MILTON. *Dois irmãos*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2000.

HATOUM, MILTON. *Cinzas do Norte*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2005.

partir da matéria-prima que a vida lhe oferece: a história pessoal do autor puxa a história da família, que se liga à história da cidade, que converge para a história do país, que deságua na história do nosso tempo...

Há muitos tipos de narradores. Simplifiquemos, dividindo-os em dois grandes grupos: os que participam da história diretamente e os que contam a história sem dela haver tomado parte. A este grupo pertence o narrador onisciente, que o leitor desavisado, muitas vezes, confunde com o autor. Os narradores de Milton Hatoum pertencem ao primeiro grupo, são personagens, embora secundários, têm nome (até, com certeza, a moça sem nome do *Relato de um certo Oriente*) e envolvem-se diretamente na trama.

Os três narradores distanciam-se no tempo, com relação aos acontecimentos narrados. A narradora do *Relato*, a partir de agora nominada Moça Sem Nome, depois de quase vinte anos de ausência, recolhe depoimentos sobre acontecimentos muito anteriores, e transcreve-os com a sua própria voz, que plana “como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes”. Nael, o narrador de *Dois irmãos*, organiza sua narrativa, o material que colhe durante toda a vida, buscando uma resposta inalcançável, somente na maturidade. Lavo começa a escrever suas memórias apenas “uns vinte anos depois” da culminância dos acontecimentos divulgados em *Cinzas do Norte*.

Mas o ponto essencial a observar sobre as três narrativas é que elas são construídas sobre as ruínas de três casas: a casa de Emilie, a casa de Zana e Halim e a casa de Jano e Alicia. Essa

alegoria benjaminiana da construção da narrativa fundada nas ruínas da memória é arquitetada a partir de estratégias narrativas que envolvem a memória do próprio narrador e de seus informantes, gravações, entrevistas, cartas, depoimentos, relatórios e até, em *Cinzas do Norte*, uma narrativa paralela, feita pelo personagem Ranulfo, que Lavo integra ao seu relato.

Mnemósine, a mãe das nove musas, preside a narrativa hatouniana, sem prescindir, entretanto, do auxílio das filhas Melpómene, Calíope e Clio: a memória da tragédia deixa-se envolver num halo de poesia, infiltrando-nos na história, para lembrar-nos, que essas tragédias fazem parte do nosso cotidiano. Se da Grécia passarmos ao Oriente e pensarmos em Sherazade como arquétipo de narrador, teremos um narrador-artesão, que tece, uma a uma, cada narrativa. O narrador moderno, entretanto, não se limita a contar histórias: a linguagem é, em si mesma, uma aventura. Ele tem consciência da fragmentação e do caos que ordenam a paisagem ao seu redor – de Manaus a Beirute, passando por Londres, Barcelona ou São Paulo. Os narradores de Milton Hatoum seguem a máxima benjaminiana: “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo”.⁴ Isto quer dizer preservar a memória em relatos que não são apenas histórias contadas, mas tramas arquitetadas em limites

• • •

4. BENJAMIN, WALTER. *O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. IN: *Magia e Técnica, Arte e Política*. TRAD. DE SÉRGIO PAULO ROUANET. 2.ª ED. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1986, P. 205.

de espaço e de tempo marcados por uma historicidade clara e definida.

O professor Marcos Frederico Krüger Aleixo, referindo-se a *Dois irmãos*, metaforiza a narrativa de Nael e concebe uma estrutura em afluência: o rio Nael recebe a matéria de vários narradores-afuentes, como Domingas, Halim, Adamor, Rânia e Zana e alguns destes recebem informações de outros subafuentes. Marcos Frederico identifica ainda o tempo, a Amazônia e a cidade de Manaus como narradores que influem diretamente no trabalho de Nael.

Állison Leão, referindo-se também a *Dois irmãos*, diz que Nael manipula arquivos diversos para montar sua narrativa. O mesmo pode ser dito da Moça Sem Nome, do *Relato*, e de Lavo, em *Cinzas do Norte*. O narrador hatouniano monta seu *puzzle* narrativo a partir de arquivos bastante diversificados. A Moça Sem Nome trabalha com sua própria memória e com as memórias gravadas de Hakim, Dorner, Hindié Conceição, e do marido de Emilie, que Dorner registrara em um caderno, montando a narrativa em forma de mosaico, para usar uma expressão de Marcos Frederico. Lavo constrói sua narrativa a partir de cartas, cartões-postais e um diário de Mundo, utilizando também o relato de Ranulfo, mas seu principal arquivo é sua memória, onde ele recupera o contato com outros personagens da trama, como Jano, Alicia e a tia Ramira. Neste caso, a narrativa funde as duas técnicas: mosaico e afluência.

Em plena temporada de ópera,⁷ não é impróprio afirmar que os narradores

hatounianos orquestram a polifonia de vozes dos subnarradores que se espraiam pelas narrativas.

O próprio Milton Hatoum traça um paralelo entre Euclides da Cunha e Walter Benjamin: enquanto o filósofo alemão identifica dois tipos de narradores muito comuns – o do viajante, que vem de longe, e o do camponês, fixado à terra, – Euclides, em *A margem da História*, fala do “observador errante que percorre a bacia amazônica” e do “homem sedentário”, postado à margem do rio.⁸ De muito longe vem boa parte dos personagens de Hatoum, e são os que têm mais histórias a contar. O próprio Milton, em entrevista, afirmou que nos primeiros anos de sua infância, ele escutava os mais velhos conversarem em árabe, “a ponto de pensar que essa língua era falada pelos adultos e o português pelas crianças”.⁹ Mas os enraizados também têm muito a contar, estabelecendo uma conexão permanente entre a tradição e as suas histórias pessoais. Em certo

• • •

5. ALEIXO, MARCOS FREDERICO KRÜGER. *O mito de origem em Dois irmãos*. IN: *Intertextos n.º 3*, MANAUS: EDUA/VALER, 2002, P. 203-214.

6. LEÃO, ÁLLISON. *A narrativa poética em Dois irmãos: lugar de intercâmbio entre suportes arquivísticos*. IN: *Somanlu: revista de estudos amazônicos*. ANO 5, N.º 1. MANAUS: EDUA; FAPEAM, 2006, P. 21-34.

7. O FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA, EM SUA 11.ª EDIÇÃO, OCORRE DE MEADOS DE ABRIL ATÉ O FINAL DE MAIO.

8. HATOUM, MILTON. *Escrever à margem da História*. 1993. PUBLICADO NO SITE WWW.HOTTOPOS.COM/COLLAT6

9. ENTREVISTA A AIDA RAMEZÁ HANANIA. 1993. PUBLICADA NO SITE WWW.HOTTOPOS.COM/COLLAT6

ponto, os papéis se invertem: os viajantes se fixam na terra e os nativos erram a esmo.

Equacionando: os três romances representam a construção (via linguagem) das ruínas (da memória, da linguagem), que se organizam a partir de arquivos diversos, dispersos.

A Moça Sem Nome, Nael e Lavo escrevem a história da fundação, apogeu e destruição de três famílias. Quase escrevo o lugar-comum “saga” em vez do genérico história. Mas não há nada de heroico nas três narrativas. Trata-se de pessoas comuns, que andam pelas ruas de uma Manaus que ainda arranca suspiros saudosos de uns poucos sobreviventes. Mas são vidas absurdamente verossímeis, que evocam paisagens varridas pelo tempo, como a fantástica cidade-flutuante, que eu-menino olhava de longe, com um misto de encanto e de medo.

Assim, temos caracterizados três tipos diferentes de narradores na obra de Milton Hatoum: em *Relato de um certo Oriente*, uma narradora-repórter, a Moça Sem Nome; em *Dois irmãos*, Nael é um narrador-investigador; em *Cinzas do Norte*, Lavo é um narrador-confidente, tanto do amigo Mundo quanto de Alicia e do tio Ran. Esses três narradores têm muito em comum. A proximidade afetiva com a casa, por exemplo: a Moça Sem Nome, abandonada pela mãe, é adotada pela matriarca Emilie; Nael é filho da empregada Domingas e neto de Zana e Halim; Lavo é o melhor amigo de Mundo, filho de Jano e Alicia. Os três têm uma paternidade problemática: a Moça Sem Nome é adotada, como já disse; Nael não sabe

quem é seu pai, embora conviva com as duas alternativas, Omar e Yaqub; Lavo ficou órfão de pai e mãe ainda muito cedo, num acidente, sendo criado pela tia Ramira. Construindo suas narrativas a partir das ruínas da memória e das casas, os narradores sobrevivem, em relação aos protagonistas Emilie, Zana, e Mundo – e só após a morte destes divulgam seus relatos.

Aliás, *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte* abrem com a informação da morte de Zana e Mundo, respectivamente, embora ainda não saibamos direito quem são eles. No *Relato*, também no texto de abertura, sabemos da iminência da morte de Emilie por uma frase dirigida à narradora: “dizem que tua avó há muito tempo não dorme”. Na verdade, não são apenas os protagonistas que desaparecem: as ruínas pontuam toda a narrativa – e onde a morte não alcançou prevalece a decadência. Não à toa, o próprio Milton Hatoum designa essa característica do narrador-sobrevivente como “síndrome de Sherazade”: narrar para não morrer.¹⁰

Nos três romances há uma paternidade a ser revelada, mas somente em *Cinzas do Norte* isso acontece, quando descobrimos, ao final da trama, quem é o pai biológico de Mundo. No *Relato*, desconhecemos a paternidade de Soraya Ângela; em *Dois irmãos*, não ficamos sabendo qual dos irmãos, afinal, é o pai de Nael.

10. ENTREVISTA A JÚLIO DAIO NORGES. 2006. PUBLICADA NO SITE WWW.DIGESTIVOCULTURAL.COM

Outro ponto em comum nas três narrativas é o conflito familiar travado entre irmãos ou entre pai e filho. Esse conflito não é a causa da dissolução familiar – antes, é consequência dela. A causa é atemporal e intangível, muito além do alcance do narrador e, mais ainda, do leitor. A família é um núcleo econômico antes de ser afetivo; afeto é consequência do convívio. A falência econômica leva à desagregação afetiva. Da mesma forma, a falência afetiva, se acontecer antes, leva à degradação econômica – ou à separação de bens. Tudo desmorona diante dos impasses ditados pela competição instalada no ambiente familiar – seja entre irmãos ou entre pais e filhos.

Em *Relato de um certo Oriente*, Samara Délia, filha da matriarca Emilie, é perseguida pelos irmãos identificados simplesmente como “inomináveis”. A guerra declarada entre Yaqub e Omar é o tema central de *Dois irmãos*, mas a desavença entre o mesmo Omar e seu pai Halim é também muito marcante. Em *Cinzas do Norte*, o conflito principal dá-se entre Jano e Mundo, pai e filho. O conflito irmão versus irmão termina após a morte dos pais, pois sem pais não há irmãos: rompe-se o elo hierárquico que mantém e justifica o embate. Sem pais, a hierarquia se parte e a família dissolve-se. Mas o conflito filho versus pai só pode terminar com a morte de um ou de ambos, pois não há outra forma de romper os liames que os unem. Em ambos os casos – reproduzidos na ficção de Milton Hatoum –, a família faz-se em ruínas.

Se *Relato de um certo Oriente* é o romance da reconstrução da memória e *Dois irmãos*, o romance da procura pela identidade negada,

Cinzas do Norte mostra o dilaceramento a que se entrega o artista no ato criador: é o romance da dor – a dor da transgressão, da opressão e da incompreensão – “a dor de todas as tribos”. Três romances cuja recepção ainda está em curso, mas três obras que o tempo, esse arquiteto de ruínas, certamente irá fortalecer, cristalizando a paisagem por onde passeiam os personagens imaginados por Milton Hatoum. *Háyat tauíli!* Longa vida a Lavo, Nael e à Moça Sem Nome!

Meu caro Milton: você já recebeu alguns dos principais prêmios e distinções que um escritor brasileiro almeja. E como você ainda é jovem (e isso me faz sentir-me jovem também!), ainda há muitas e muitas honrarias a receber, especialmente na sua carreira internacional. Não vamos espantar a concorrência – mas, para quem já ganhou o Jabuti por três vezes, não será nada esperar por um Camões... E quem sabe a Academia de Literatura da Suécia lembra-se que no Brasil... Por enquanto, queremos agradecer por você ter vindo aqui, congratular-se conosco, aceitando nossa singela, porém, sincera homenagem. As portas desta Casa – que foi de Péricles Moraes e hoje é de Elson Farias, de Thiago de Mello, José Braga, Francisco Gomes, Luiz Bacellar, Márcio Souza, Tenório Telles, Narciso Lobo, Rosa Mendonça de Brito, Carmen Novoa, Max Carpentier, Ruy Lins, Anísio Mello, Moacyr Andrade, Demosthenes Carminé, Mário Ypiranga Neto¹¹ e tantos outros grandes

• • •

11. ACADÊMICOS PRESENTES À SOLENIDADE, COM EXCEÇÃO DO PRESIDENTE ELSON FARIAS E DO DECANO THIAGO DE MELLO, ENFERMOS.

companheiros –, as portas desta Casa, Milton, estarão sempre abertas a você.

v

Meus caros Tadros, Ivete e Milton. Cumprimos mais uma etapa em nossa caminhada. Daqui a pouco mergulharemos todos de volta às singularidades de nossas vidas particulares. Mas esse tempo em que aqui estivemos reunidos se eternizará em nossos corações e mentes como um momento de ternura recíproca – dos acadêmicos para com vocês, de vocês para conosco, e de todos aqui presentes para com a memória de Péricles Moraes.

A salamo a-leikon. A paz esteja com todos.

CICLO DE PALESTRAS

leituras essenciais

UMA VIAGEM PELA VIAGEM DE EUCLIDES DA CUNHA À AMAZÔNIA



• *Narciso Lobo*¹

INTRODUÇÃO

Em agosto de 1904, Euclides da Cunha foi nomeado chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, logo após os resultados da ação diplomática do Barão do Rio Branco, na questão envolvendo o conflito entre Brasil e Bolívia, no que tange ao território do Acre. As negociações entre o Brasil e a Bolívia tinham envolvido a compra de terras em que este país mantinha disputas com o Peru. Dessa forma, encerradas as negociações com a Bolívia, restava uma outra etapa diplomática: o Itamaraty precisaria negociar com os peruanos as questões que ficaram pendentes, envolvendo áreas que antes reclamavam da Bolívia e que este país havia negociado com a diplomacia brasileira.

Eleito, ainda em 1903, para a Academia Brasileira de Letras, depois do sucesso de *Os Sertões*, Euclides da Cunha havia conquistado o prestígio e a notoriedade que o capacitavam para aquela que seria a grande ambição de sua vida: conhecer a Amazônia. Até mesmo a posse na Academia ficou para depois de seu regresso,

que só ocorreu em 1906. Partiu, portanto, do Rio de Janeiro, em dezembro de 1904, e, depois de alguns meses em Manaus, no dia 5 de abril de 1905, iniciou a viagem em direção às nascentes do Purus. Ao se habilitar para a missão, era, reconhecidamente, um conhecedor profundo da região; havia consultado documentos e mapas do Itamaraty e, também, já conhecia suficientemente aspectos da história e da geografia peruana. O que lhe faltava, na verdade, era a vivência, a experiência prática da Amazônia; vê-la com os próprios olhos inquietos e críticos. Senti-la, em síntese.

Com apenas 38 anos, chegou a Manaus, trazendo, além da cultura de alguém que frequentou a Escola Militar, a vocação natural do jornalista, que já havia sido posta em prática na Guerra de Canudos, encerrada em 1897, quando tomou contato com a terra e o homem



1. ENSAÍSTA E POETA, OCUPOU A CADEIRA DE N.º 15, DE GRAÇA ARANHA. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 19 DE MAIO DE 2007.

do Nordeste. A ambição desse jovem intelectual era produzir uma obra bem mais vasta sobre a Amazônia; no entanto, cinco anos depois da partida de Manaus, morreria, em circunstâncias trágicas, no Rio de Janeiro. Apesar de tudo, a leitura de seus escritos sobre a região, inseridos em *Contrastes e Confrontos* (1907) e *À Margem da História* (1909), revela a densidade de seu pensamento: seja como pesquisador atento, seja como o humanista com tintura socialista, que já se esboçava, em 1899, quando participou, em São José do Rio Pardo, em S. Paulo, da elaboração do jornal *O Proletário* e da *Mensagem aos Trabalhadores*.³

O presente texto tem como proposta destacar alguns aspectos da percepção de Euclides da Cunha sobre a região; mesmo não trabalhando com tudo o que ele produziu sobre a Amazônia, procurei flagrar impactos, sustos e revolta. Por um lado, está Euclides a serviço da diplomacia brasileira, procurando argumentos que, de certa forma, desqualificassem a colonização hispânica e as elites políticas peruanas; de outro, o humanista, imbuído de ideias reformistas e socialistas, denunciando as condições de vida dos migrantes nordestinos no próprio território brasileiro.

Como ilustração dessa sensibilidade, está Judas-Asvero, um dos textos mais bonitos da literatura brasileira, expondo a tragédia do nordestino que veio para a Amazônia fugindo da seca e da fome. O errante.

I

A posse na Academia Brasileira de Letras, postergada por três anos, veio com um discurso¹

em que a Amazônia apareceu logo nas primeiras frases. Ali, Euclides narrava as primeiras impressões de sua chegada à região, onde ficou de dezembro de 1904 a dezembro de 1906:

Há dois anos entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, "que já é rio e ainda é oceano", tão ineridos estes fâcies geográficos se mostram à entrada da Amazônia.

Mas contra o que esperava não me surpreendi...

Afinal, o que prefigurara grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundura. Uma superfície líquida, barrenta e lisa, indefinidamente desatada para o norte e para o sul, entre duas fitas de terrenos rasados, por igual indefinidos, sem uma ondulação ligeira onde descansar a vista.

• • •

2. NO MENCIONADO PROGRAMA, DIVULGADO EM 1.º DE MAIO DE 1899, CONSTAM 21 PONTOS, CONTEMPLANDO DESDE A PROIBIÇÃO DO TRABALHO INFANTIL, COMO A REIVINDICAÇÃO DE ENSINO LEIGO E OBRIGATÓRIO PARA TODOS, DIREITOS IGUAIS PARA AS MULHERES, SUBSTITUIÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS PELO FOVO ARMADO, SALÁRIOS DIGNOS PARA OS TRABALHADORES E, ATÉ MESMO, REIVINDICAÇÃO DOS BENS DO CLERO PARA A COMUNHÃO SOCIAL. ESTE TRABALHO TOMOU COMO REFERÊNCIA A OBRA COMPLETA, EM DOIS VOLUMES, DA COMPANHIA JOSÉ AGUILAR EDITORA, RIO DE JANEIRO, 1966; DAÍ QUE AS INDICAÇÕES DE PÁGINAS, NAS CITAÇÕES, ESTÃO CONFORME ESTA EDIÇÃO.

3. CF. HUMBERTO DE CAMPOS, NA OBRA *Antologia da Academia Brasileira de Letras*, A POSSE OCORREU NO DIA 18/12/1906. O DISCURSO EM QUESTÃO FOI PUBLICADO PELA REVISTA DA ABL, VOLUME IV E FECHA O LIVRO *Contrastes e Confrontos*, PUBLICADO EM 1907.

De permeio baixios indecisos, varridos das maretas, mal desenhando-se grosseiramente, à tona, à maneira de caricaturas ilhas; ou ilhas rasas, meio servidas pelas marés, encharcadas de brejos – uma espécie de naufrágio da terra, que se afunda e braceja consulsivamente nos esgalhos retorcidos dos mangues... Por cima os céus resplandecentes e vazios, recortando-se perfeito dos horizontes como em pleno Atlântico. Nada mais.

Depois de relembrar brevemente seu encontro com Emílio Goeldi e Jacques Huber, em Belém, narra a sequência da viagem, Amazonas adentro:

Deletrei-me a noite toda: e na antemã do outro dia – um daqueles glorios days de que nos fala Bates, subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis.

II

Havia razão especial para a preocupação de Euclides da Cunha para com os peruanos porque sua missão, como mencionamos, tinha o objetivo de resolver pendências que resultaram da negociação anterior entre Brasil e Bolívia. Preocupava-o sobretudo o fato de existirem, à margem direita do Ucayali, e das terras onduladas, onde se formam os mananciais do Javari, do

Juruá e do Purus, há aproximadamente 50 anos, uma sociedade dedicada à extração do caucho. Eram os caucheros, dedicados à produção, no dizer de Euclides, de “pranchas pardo-escuras de uma outra goma elástica concorrente com a seringa às exigências da indústria”.⁴

Aqui, não apenas como pesquisador, mas como estrategista, ele se esforçava em conhecer as características, psicológicas e de comportamento, dessas populações, que precisam, o tempo todo, se deslocar no espaço, dado que a *Castilhoa*, árvore da qual é extraído o caucho, somente é utilizada uma única vez; findo o trabalho, com uma única árvore, o homem precisa se deslocar pela selva em busca de outra *Castilhoa*. Já com a *Hevea* acontecia diferente: dependendo dos cortes corretos no tronco, uma única árvore poderia suprir, por muito tempo, a demanda pelo leite da seringa.

Portanto, Euclides identificava o cauchero como nômade, enquanto o seringueiro, pela natureza de seu trabalho, seria fundamentalmente sedentário. Aí estaria o risco de o território brasileiro, com o tempo, ser invadido pelo cauchero, no seu nomadismo, na busca afoita de atender às demandas cada vez maiores.

Não é à toa que, na obra *Contrastes e Confrontos* (1907), justamente o ensaio que dá título ao

• • •

4. NA OBRA *À Margem da História* ELE DEDICA UM ENSAIO, DENOMINADO “OS CAUCHEROS”, PARA DESCREVER O QUE DIFERENCIA A *Hevea* DA *Castilhoa*, ASSIM COMO A PSICOLOGIA QUE DECORRE DE TRABALHAR COM UMA OU COM OUTRA. P. 253-263.

livro, discute os contrastes e os confrontos da colonização do Peru. Trata-se de um estudo bastante crítico, e até ácido, quando menciona a violência do colonizador espanhol e o que, na sua opinião, caracteriza o homem peruano:

A história, ali, parece um escandaloso plágio da natureza física. Busquemo-la em todos os tempos e em todas as datas – com o arqueólogo nos baixos-relevos dos templos desabados, com o geólogo nas páginas unidas dos estratos que se dobram nas vertentes abruptas, ou com os cronistas coloniais nas emocionantes narrativas dos “conquistadores” e veremos um baralhamento de contrastes em que os fatos sociais recordam um decalque dos fatos inorgânicos, repontando, reproduzindo-se e traduzindo-se entre dois extremos: os Andes e a civilização dos incas, os terremotos e o Peru dos “pronunciamentos” (p. 151-152).

E prossegue:

Não se disfarçam estes contrastes e estas identidades. Eles lá estão na faixa litorânea amaninhada pelas dunas e na montanha feracíssima, que as matas ajardinam. Numa e noutra se fronteiavam um passado imemorial quase maravilhoso e um presente indefinido e deplorável (ibid).

Na conta desse passado quase maravilhoso, menciona as *huacas*, ou túmulos, abertos pelo colonizador, em busca de ouro e prata, de Arica a Tumbes; das cercanias de Pachacamac, lembra as ruínas dos primeiros santuários do Sol, com as longas galerias de muros desmoronados, contornando as serranias, e os primeiros baluartes arremessados na altura dos topos, com visão privilegiada sobre o Pacífico,

denunciando um tino incomparável nos dispositivos para a defesa do território; a partir de Trujillo, lembra o caráter utilitário da administração dos incas e seus diques, que canalizavam, ou abarreciravam, os rios, alastrando, em largas superfícies, as redes irrigadoras e permitindo, no dizer de Euclides, culturas opulentas em lugares onde jamais chove.

Lembra também um trecho, muitas vezes secular, espécie de avenida ligando o Equador ao Chile, estabelecendo o que chama de estrada incomparável, na direção da cordilheira; além de pontes suspensas, que Euclides diz precederam, de séculos, às de nossa engenharia pretensiosa. De Cajamarca a Cuzco, diz, não há talvez um quilômetro onde uma pirâmide truncada, um obelisco, um pilar, um pedaço de muro, um pórtico desabado, um bloco de granito polido, com desenhos em relevo – não recordem a raça extraordinária que, “sem conhecer o ferro, se afoitou a cinzelar a pedra, e com uma frágil ferramenta de bronze criou uma escultura monumental em blocos de montanhas”. Em Ollaitambo, lembra que os santuários talharam-se na rocha viva e que Pisace é um contraforte de cordilheira e uma fortaleza, com sete píncaros e sete baluartes.

E vai adiante, no seu deslumbramento de engenheiro sensível, ante as obras pré-colombianas no Peru:

A estas brutalidades da força aliaram-se, maiores, os prodígios da inteligência. À natureza que lhe negava as chuvas, o inca contrapôs a preocupação científica do estudo persistente do clima, ainda

hoje tão bem denunciado no aquarium de pedra do observatório higrométrico de Quenco. ... Foi buscar os mananciais eternos dos nevados; captou-os; dirigiu-os em aquedutos, ora ajustados às vertentes, ora, subterraneamente, varando serranias; ou então – pormenor que é um recuo considerável das origens da hidráulica moderna – lançados de uma a outra serra em vasos comunicantes desmedidos; por último, nos lugares onde não encontrou o cerne rijo da terra para erigir os seus monumentos, inventou os aparelhos poligonais ciclópicos: uma arquitetura para desafiar o cataclismo.

E acrescenta, enfático, com boa dose de dramaticidade e ironia, que o inca genial havia cometido um grande erro: “não previu o espanhol do século XVI”. Para Euclides, aquele peruano mesclado, no seu dizer, ostenta a mais numerosa galeria etnográfica da terra, do caucasiano puro, ao africano retinto, ou amarelo desfibrado, e ao quíchua decaído; e entre estes quatro termos principais, as incontáveis variedades de uma mestiçagem dissímil, – do mulato de todos os sangues, aos zampos e cafuzos, aos cholos que lembram os nossos caboclos, e aos interessantíssimos chino-cholos, em cujos rostos se fundem as linhas capitais de quase todas as raças.

Daí, deduz, o conflito inevitável dos temperamentos. Esse peruano, que já não é mais o inca e nem o espanhol, parece-lhe uma ficção etnográfica, enquanto o seu passado foi transformado num um despojo.

Para este ser, o que resta?

Seu verdadeiro mar, na hipótese de Euclides, é o Atlântico; e a sua saída obrigatória deverá acontecer pelo Purus.

Reforça seus argumentos para a presença brasileira, através da figura do jagunço: a de que havia passado o tempo em que a honra e a segurança das nacionalidades se entregavam exclusivamente ao rigor das tropas arregimentadas. Para ele, a presença do cauchero na região era esta nova forma. E, do nosso lado, deveria haver a presença que preservasse em mãos brasileiras o seu território.

Dos 27 ensaios que compõem *Contrastes e Confrontos*, quatro deles discutem a Amazônia, principalmente a partir da preocupação com a fronteira com o Peru. O último texto é o discurso de ingresso na Academia, em 2006, já mencionado, que se abre com a experiência da chegada à região e terá desdobramentos na obra seguinte, *À Margem da História*. Mesmo publicado meses depois de sua morte, tudo leva a crer que a organização do material de *À Margem* é de responsabilidade do próprio Euclides: toda a primeira parte, denominada “Terra Sem História”, vai se debruçar mais demoradamente sobre a Amazônia brasileira, sem que o autor perca de vista a conjuntura de disputa e negociação entre Brasil e Peru.

III

Logo na primeira parte de *À Margem da História*, Euclides amplia a percepção mencionada em seu discurso de posse na Academia Brasileira:

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos em sacados, cujos istmos a reveses se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses e até criando formas topográficas novas em que esses dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em furos que se anastomosam, reticulados e de todo incharacterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é uma fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos (p. 223-224).

Uma única enchente, adverte, desmancha os trabalhos de um hidrógrafo, enquanto a flora ostenta a mais imperfeita grandeza. E acrescenta, sobre a flora:

Nos meios-dias silenciosos – porque as noites são fantásticamente ruidosas –, quem segue pela mata, vai com a vista embotada no verde-negro das folhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos arborescentes emparelhando na altura com as palmeiras, e as árvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flores, tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades, como se rompesse os recessos de uma daquelas mudas florestas carboníferas desvendadas pela visão retrospectiva dos geólogos (p. 224).

Agora, sobre a fauna:

Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozóica. E quem segue pelos longos rios não raro encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da cadeia evolutiva.

Euclides complementa esta observação com uma sutil crítica aos viajantes: admite que esta singularidade tenha provocado a curiosidade dos sábios, de Humboldt a Emílio Goeldi, embora nenhum deles, apesar de tudo, tenha ido além da calha principal do Vale Amazônico: “A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la, ficará, ao cabo desse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso” (p. 224). E prossegue: “Parece que ali a imponência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises: às induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham-se em hipérboles” (p. 225).

Retoma, nos seus comentários sobre o rio Amazonas, estudos anteriores, detendo-se nas metáforas da estrada que se move e da terra que migra para outras terras. Impressionado com suas águas barrentas, que conduzem tijuco e areias em direção ao mar, é enfático: “o rio que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios”.

Considera-o um estranho adversário, entregue dia e noite a solapar a sua própria terra: 3 milhões de metros cúbicos de sedimentos que

transporta em 24 horas, por meio de fenômenos como o das terras caídas... Com estilo característico, acrescenta:

É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai a busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas de outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desbastamento ininterrupto, as largas superfícies que atravessa (p. 228).

IV

Com base na leitura dos viajantes, dá-se conta de um processo de decadência, da mesma maneira que pode observar, linhas atrás, o processo peruano, dos incas àqueles dias. Entre nós, chama-lhe a atenção a ilha de Marapatá, próxima de Manaus, no auge do Ciclo da Borracha, que considera o mais original dos lazaretos, um lazareto de almas, local para o visitante deixar, bem preservada, a consciência. E retomá-la, na hora da partida...

Euclides da Cunha aventura-se na descrição das relações de produção na região, onde o seringueiro, usando palavras suas, realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se. Ele toma por base anotações, dando, em moeda da época, o mil-réis, que o nordestino deixa a sua terra, expulso pelas secas e já chega ao seringal devendo.

E permanece devedor por toda a vida.

Vê, com urgência, a necessidade de uma lei do trabalho que resgate o esforço do homem e de uma reforma agrária: “uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer de *homestead* que o consorcie definitivamente à terra” (p. 234).

Vale ressaltar, aqui, quando, num dos ensaios, sintomaticamente denominado “Um clima caluniado”, discute uma nova sorte de exilados, dado que reconhece a maneira totalmente irresponsável do Estado brasileiro ao enviar os nordestinos para a Amazônia:

Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890 e 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febreiros e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a intervenção expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até os nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico.

Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...

Euclides resgatou o termo “seleção telúrica”, de outro pesquisador, para explicar a sobrevivência do nordestino na Amazônia. Nas condições tão adversas em que historicamente essa migração aconteceu, somente a lei do mais forte para explicá-la, conforme diz: “Toda a aclimação é desse modo um plebiscito permanente em que o estrangeiro se elege para a vida. Nos trópicos, é natural que o escrutínio biológico tenha um caráter gravíssimo”.

E acrescenta:

A cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o corretivo da reação física. E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem.

Aqui, não deixa de estabelecer a comparação com a imigração europeia para o Brasil:

Enquanto o colono italiano se desloca de Gênova à mais remota fazenda de São Paulo, paternalmente assistida pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente (p. 250).

Dostoievski e o mito de Sísifo são buscados para complementar a percepção de Euclides sobre a vida e o trabalho do seringueiro na Amazônia:

Dostoievski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma “estrada”, de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, ao mesmo ponto de partida. Nesta empresa de Sísifo a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo – partindo, chegando e partindo – nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em uma hora para exercê-lo toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos – se não o enrija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, todas as esperanças, e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebatam àquele lance, à ventura, em busca da fortuna (p. 250).

Vale para o seringueiro o que escreveu sobre o cauchero: “Nunca se armou tão imponente cenário a tão pequeninos atores”.

E tão contrastante. E em confronto com tudo o que a humanidade, até aquele momento, havia conquistado como padrão de conforto e civilização. Essas questões ele discutiu num ensaio, que denominou, sintomaticamente, de “Um clima caluniado”, quando afirmou, com todas as letras, que a tragédia do homem, na Amazônia, era de outra ordem...

Como bom repórter, Euclides não deixou de prestar atenção aos tristonhos barracões, exibindo, em tabuletas mal escritas, não apenas o nome deste ou daquele pequeno sítio, mas contraditórios estados de espírito, como: “Valha-nos Deus”, “Saudade”, “São João da

Miséria”, “Escondido”, “Inferno”, “Bom Príncipe”, “Novo Encanto”, “Triunfo”, “Quero Ver!”, “Liberdade”, “Concórdia”, “Paraíso”...

V

Torna-se indispensável, para melhor compreensão do pensamento de Euclides de Cunha sobre a Amazônia, o relato sensível, menos sociológico e mais literário, contido em “Judas-Asvero”, sobre a malhação do Judas de seringueiros do Alto Purus, onde nem mesmo o redentor universal faz-se presente. Características bem particulares, que não escaparão ao olhar e à interpretação: “... Certo, o redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver de suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfreqüentados rincões”.

O seringueiro, resignado à desdita, cujas “preces ansiosas sobem por vezes ao céu, levando disfarçadamente o travo de um ressentimento contra a divindade”, tem consciência de sua fatalidade: “e submete-se a ela sem subterfugir na covardia de um pedido, com o joelho dobrado”. Seria um esforço inútil, lembra Euclides, pois ele, seringueiro, é um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens, a ponto de os grandes olhos de Deus não poderem descer até aqueles brejais (p. 264).

Feitas estas considerações, narra a preparação do Judas:

Faz-se-lhe mister, ao menos, acentuar-lhe as linhas mais vivas e cruéis; e mascarar-lhe no rosto de pano, a laivos de carvão, uma tortura tão trágica, e em tanta maneira tão próxima da realidade, que o eterno condenado pareça ressuscitar ao mesmo tempo que a sua divina vítima, de modo a desafiar uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas ressentidas dos crentes, com a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das suas agonias terríveis (idem).

Depois de pronto...

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vingá-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafia-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos de rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram (p. 266).

E Judas, tal como Asvero, o judeu errante, condenado a percorrer longo caminho rumo ao sacrifício solar, é arrumado numa jangada e despachado, rio abaixo, sob pedradas, tiros de rifles:

E vai descendo, descendo... por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio; outros aleijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminutas entregues ao acaso das correntes, surgindo de todos os lados, vários no aspecto e nos gestos: ora muito rijos, amarrados aos postes que os sustentam, ora em desengonços, desequilibrando-se

aos menos balanços, atrapalhadamente, como ébrios; ou fatídicos, braços alçados, ameaçadores, amaldiçoando; outros humildísimos, acurvados num acabrunhamento profundo; e por vezes, mais deploráveis, os que se divisam à ponta de uma corda amarrada no extremo do mastro esguio e recurvo, a balouçarem, enforcados... à mercê das correntes, de bubuia sobre as grandes águas (p. 266-267).

Embora não mencione explicitamente, Euclides inspirou-se, nesse texto, no poema de Castro Alves, "Ahasverus e o gênio",⁵ definido como "eterno viajor de eterna senda.../Espantado a fugir de tenda em tenda/Fugindo embalde à vingadora voz!". Ahasverus sintetiza, assim, o mito do Judeu Errante, condenado à falta de lugar e de pouso certo, com a mão vazia. Ele, Ahasvero, que "só pedia, sobre a terra, silêncio, paz e amor".

Desse belo poema, e do contato com os seringueiros, Euclides da Cunha retratou, não apenas poeticamente, mas sociologicamente, a vida sem destino de tantos homens. Aqui, não se trata de um Judas qualquer, mas daquele Ahasverus, já descrito por Castro Alves, que ...

*Pede u'a mão de amigo – dão-lhe palmas;
Pede um beijo de amor – e as outras almas
Fogem pasmas de si
E o mísero de glória em glória corre...
Mas quando a terra diz: 'Ele não morre'
Responde o desgraçado: 'Eu não vivi!...':*

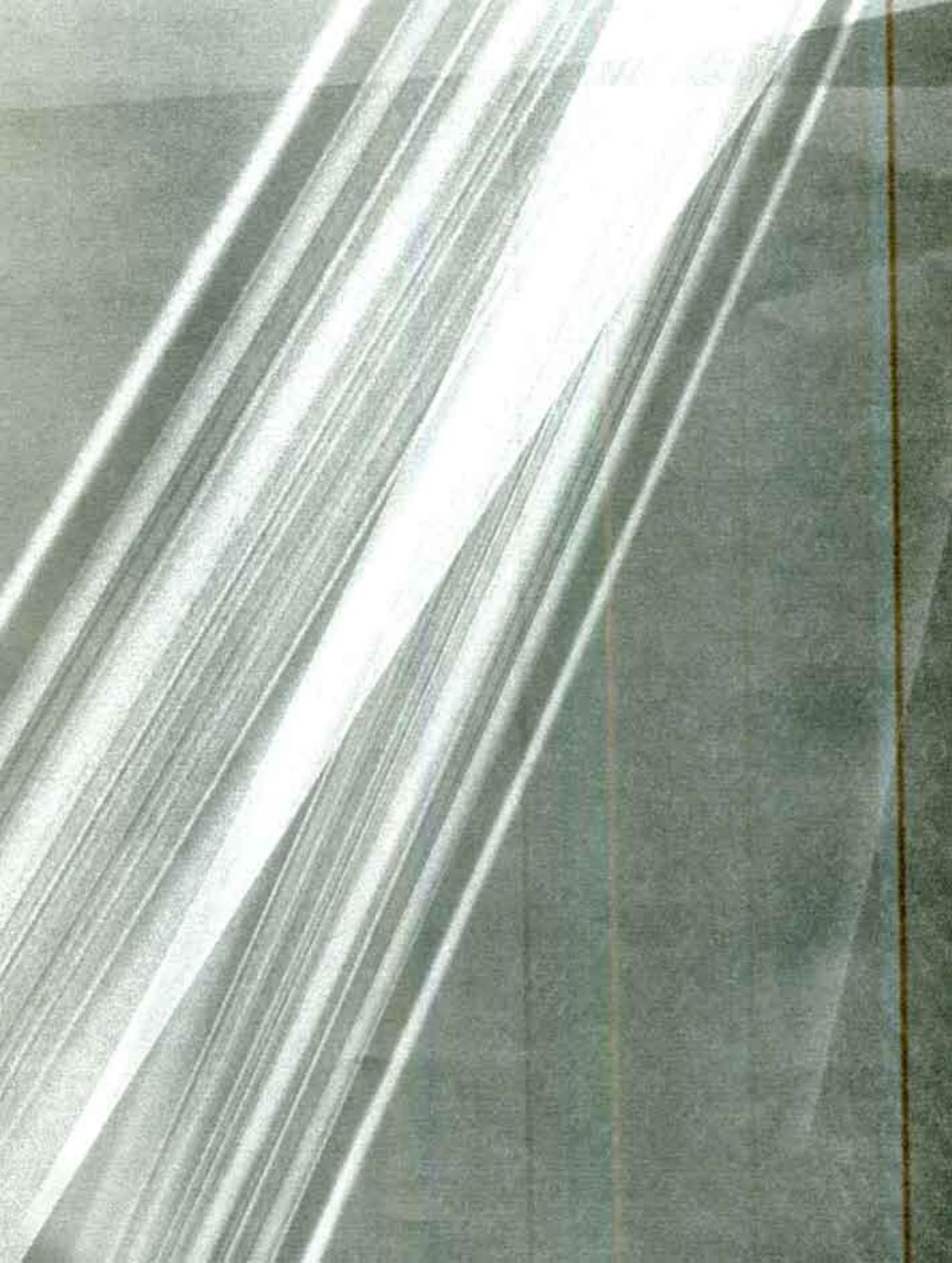
EPÍLOGO

Nascido em Cantagalo (RJ), em 20/1/1866, e morto na manhã de 15 de agosto de 1909, no Rio, aos 43 anos, este brasileiro, como um Asvero, ou Ahasverus, caminhou, e anotou, nervosamente, o que viu e ouviu: primeiro em Canudos, depois na Amazônia. Republicano, reformista, sonhou com um Brasil justo. E como um exemplo aos intelectuais de seu tempo, e aos dos tempos de hoje, deixou sua marca de talento e de coragem. Afinal, como dizia, "é mister promover a solidariedade entre todos os que formam a imensa maioria dos oprimidos sobre que pesam as grandes injustiças das instituições e preconceitos da atualidade, destinados a desaparecer para que reine a paz e a felicidade (p. 529)".

Em síntese, na sua errância, Euclides inscreveu a sua inconformidade com o mundo que conheceu.

5. NO TEXTO DE EUCLIDES O JUDEU ERRANTE VEM GRAFADO COMO ASVERUS; JÁ EM CASTRO ALVES, COMO AHASVERUS.

alguma *poesia*



José Santos Chocano (poeta peruano)
Tradução de Luiz Bacellar

*Qual se vê a escultórica serpente
de Laocoonte em mármore desnudo
os Andes trançam nus nervosos, mudos
pelo corpo de todo um continente.*

*Horror dantesco estremecer se sente
por todo esse tropel de heróis membrudos
que se alçam com graníticos escudos
e com elmos de prata refulgente.*

*A angústia em cada herói faz-se infinita
porque a querer bradar reprime, salta
e se parte de dor porém não grita.*

*Somente deixa, estático e sombrio,
deslizar-lhe da cúspide mais alta
a silenciosa lágrima de um rio.*

Já faz tempo que escolhi •••

Thiago de Mello

*A luz que me abriu os olhos
para a dor dos deserdados
e os feridos de injustiça,
não me permite fechá-los
nunca mais, enquanto viva.
Mesmo que de asco ou fadiga
me disponha a não ver mais,
ainda que o medo costure
os meus olhos, já não posso
deixar de ver: a verdade
me tocou, com sua lâmina
de amor, o centro do ser.
Não se trata de escolher
entre cegueira e traição.
Mas entre ver e fazer
de conta que nada vi
ou dizer da dor que vejo
para ajudá-la a ter fim,
já faz tempo que escolhi.*

Alencar e Silva

*Por toda a longa tarde iluminada
lado a lado fizemos o caminho
e por luas e sóis vamos seguindo.
Chegará todavia a hora sem margens
em que não nos veremos a nós mesmos,
mas àquilo que fomos nós um no outro.
Pois já não te verás, mas só a mim,
e eu já não me verei. Mas só a ti.
E indagarás, como a buscar-te a esmo,
se algo de ti restara além de mim
e indagarei, buscando-me a mim mesmo,
se algo de mim restara além de ti.
E irei em frente e em frente seguirás
a refletir um no outro a própria paz.*

Do livro *Sob o sol de Deus*

Tenório Telles

*Navegante de mim mesmo:
mar inconsútil de lembranças
do que fui
do que poderia ter sido
do que sou*

*Tudo o que perdi:
os sonhos da infância
o pai que não chegou ao porto
as primeiras dores
a descoberta da vida
a descoberta da morte
os seres lendários da mata
os encantados do rio
os amores que não se cumpriram
as flores que não se abriram
os poemas, os livros que sonhei
a esperança que não floresceu
os amigos que partiram
– tantas promessas perdidas*

*O que não fui e perdi
renasceu no que sou
— matéria do meu canto
flores do meu jardim*

*Sou essas perdas
essas flores caídas
esses sonhos inconclusos
esses amores partidos
esses poemas sem voz
esses livros sem história*

*Sou esse mar e seus naufragos
esse céu sem estrelas
esse deserto florido.*

José Braga¹

Era Natal!

Reuniram-se as Letras para festejar. Combinaram dizer, cada qual ao seu modo, porque celebravam...

Muitos saberes à mesa, não havia entre eles precedência da palavra. Como é do seu feitio, no entanto, a crédula e bisbilhoteira Filosofia, sabendo que nada sabe, lançou a primeira indagação:

– Por que e para que estamos aqui?

– Porque somos livres, e na consciência da liberdade revela-se a espiritualidade da alma humana – disse o Direito senhor de si, quase filosofando, seguido pela Teologia, convicta na fé:

– Festejamos a vinda do Salvador! Mensageiro do Amor, do Perdão, da Paz, da Caridade, Jesus iluminou os caminhos do Homem sobre a Terra.

– Faz mais de dois mil anos... – recordou a História, amada anciã, memória dos séculos, interrompida pela Sociologia na sua inabalável convicção:

– Os homens, ora próximos, ora distantes, têm no Natal uma boa razão para o encontro e o abraço.

• • •

1. NOITE DE 20 DE DEZEMBRO DE 2007.

– E as guerras, a fome, as doenças, a miséria no mundo?! – sem papas na língua exclamou a Imprensa, escancarando uma outra face da realidade.

– Isto é uma questão do Estado, de organização da vida em conjunto, de distribuição de renda, alianças, relações de forças, – interveio a Política, disposta a parlamentar.

Dizendo-se sempre preteridas, a Saúde e a Educação concordaram em tese, e, muito ressentidas, falaram de planos, projetos, falta de recursos, CPMF...

– Mas a distribuição da riqueza, como todos sabemos, é complexa, sobretudo no mundo globalizado – disse a Economia com ares de superioridade, exibindo mapas e gráficos com abundância de dados estatísticos.

Foi neste momento que a Arte, dama de muitas prendas, retomando o motivo do encontro, deu voz à Poesia para que a Beleza não faltasse no banquete das Letras nesta noite que antecede a festa dos sinos, das luzes, dos sonhos, das mulheres e dos homens, dos anjos e dos meninos, porque a Poesia, como o Amor, é sempre um exercício para a Paz. Então disse Alcides Werk o seu *Natal Amazônico*:

*No reino das amazonas
há natais todos os dias,*

*que vêm rolando dos Andes
nas águas brancas e frias.*

*Nas copas das piranheiras,
nos frutos dos araçás,
nos ninhos dos japiins,
nos gestos dos animais.*

*Nos pássaros, nas florestas,
nas orquídeas, nos tajás
há lantejoulas de festas
de telúricos natais.*

*O pescador na canoa,
os curumins no terreiro,
a cabocla, a vida boa
à sombra do cacauero.*

E quando chega dezembro

*– o Natal do Bom Jesus,
parece que o céu se enfeita
e pinta o verde de luz.*

*Mas neste dia, em verdade,
o que mais me encanta aqui
é ver um Jesus dormindo
na rede de um tapiri.*

Quando o poeta silenciou, as Letras fizeram um brinde ao Amor e à Paz convictas de que só assim poderiam celebrar o Natal de verdade! E despediram-se com um abraço fraterno de amizade prometendo encontrar-se em breve para o ofício do Bem na construção de um mundo melhor.

Maloca



Priscila de Oliveira Pinto Maisel'

Manaus,
maloca da cobra,
obra
– inacabada –
na beira do rio,
plantada,
oca que não é oca,
que é funda,
profunda
louca

–
cheia de mundo,
cheia de si,
cheia de tudo
e nada



1. PRÊMIO DO CONCURSO "MANAUS E POESIA", AAL – 2010.

Rua Formosa



Francisco de Salles Pantoja Evangelista¹

Ontem retornei à minha rua
Rua antiga, meu berço alcandorado;
Mais que uma rua; um plano inclinado.

(Hoje sem seus paralelepípedos)

Muito de mim está impregnado nas suas paredes,
Nos quintais alheios e na esquina (ou canto)

(Hoje: sem seus arraiais)

Nas suas velhas calçadas, dirigi
– Não sei quantas centenas de vezes –
O meu carrinho de rolimã.

(Hoje: nada existe. Quem sabe amanhã?)

No pé de suas castanholeiras e benjamins,
Fiz os meus primeiros alumbramentos
A vida passou e levou a tenra idade;

(Hoje: só restou este poema, feito de saudade)

• • •

1. PRÊMIO DO CONCURSO "MANAUS E POESIA", AAL – 2010.

Uma Canção, Manaus



João Cândido dos Santos Rodrigues¹

Manaus é uma canção de movimentos vivos,
Onde os sibilos de finos flautins e de violinos
Se misturam aos graves tons de tuba e contrabaixo,
Em acordes vibrantes para acordar o dia!

Nas buzinas dos automóveis saudando as ruas,
Nos cantos dos pássaros trazendo as manhãs,
No barulho das fábricas fabricando a vida,
Na movimentação dos bancos,
Dos bares,
Dos coletivos...

Isso é Manaus acordando à vida!

No bailar das águas na sua eterna dança,
No mover das folhas no seu balé ao vento,
No vai e vem das pessoas pelas ruas,
Nas brincadeiras das crianças nas Escolas
Nos gritos dos vendedores
Pelas feiras,
Pelos mercados...



1. PRÊMIO DO CONCURSO "MANAUS E POESIA", AAL – 2010.

Isso é Manaus, em todos os tons
Todos os dias celebrando a vida!
Em tons graves em tubas e contrabaixos,
Sibilos de finos flautins e de violinos,
Ritmados por surdos batuques de tímpanos e atabaques
Manaus é essa canção de movimentos vivos
Onde a vida pulsa em harmonia com a natureza
Vibra,
Celebra,
Dança o seu ritmo,
Canta e vive a sua própria música.

Ensaio ACADÊMICOS

TERRA IMATURA – *ensaio ou ficção?* • • •• *Elson Farias*

Almino Affonso levantou-me a questão do gênero e da forma com que deve ser considerado *Terra Imatura*, o livro clássico de Alfredo Ladislau sobre a Amazônia. Respondi-lhe que, para atendê-lo, com a indagação propunha-me uma tarefa sobre a qual eu teria de me debruçar por algum tempo, embora já se tenha conhecimento de tantos trabalhos lançados por estudiosos da matéria sobre o assunto. Incluí o tema no rol dos meus projetos literários, dentre os muitos que guardo ou esboçados em breves notas, ou já realizados, mas ainda inéditos, ou aqueles que me repousam na memória esperando o momento de expô-los no papel em letra de forma, qual as sementes que o meu tio Luiz guardava para plantar um dia no verão da sua imaginação. Finalmente, esse dia chegou e decidi enfrentar os teclados e a tela do computador na elaboração das páginas com que ousou expender um juízo analítico sobre a questão, conforme as linhas que se seguem, no intuito, ainda, de atender à indagação do meu ilustre patricio.

A Literatura Brasileira, nos quinhentos anos de experiência, considerada a sua fundação com a carta de Caminha, mostra na essência a carga semântica acumulada pela perspectiva histórica do desenvolvimento da língua. Nesse período de tempo e do tempo sem tempo da formação do espírito humano, ela tem registrado momentos altos no surgimento de autores e no aparecimento de obras substanciais, desde os Sermões do padre Antônio Vieira à poesia de Gregório de Matos, da prosa exemplar de João Francisco Lisboa ao exemplo genial de Machado de Assis, desde o fenômeno daqueles livros que mais se aprofundaram na interpretação do povo brasileiro nos seus mais distantes confins, como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e o *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.

Considerada a questão do ponto de vista das letras amazônicas, não se pode excluir dessa avaliação o conteúdo mitológico gerado pelos povos da floresta, desde tempos imemoriais, representado pela influência legendária de que não conseguem livrar-se os escritores que cogitam de interpretar a paisagem e o homem

amazônicos, como é o caso de Alfredo Ladislau e seu livro.

Ao longo deste trabalho lançarei breve exame sobre *Pelo Sertão* de Afonso Arinos, *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, e *À margem da história*, de Euclides da Cunha, tecendo algumas considerações sobre *Os Sertões* e o *Grande Sertão: Veredas*, obras fundamentais de nossa cultura, assemelhadas quanto às peculiaridades dos espaços geográficos onde se desenrolam os acontecimentos narrados. Nelas se agitam as velhas questões do bem e do mal, do conflito da presença de Deus e do Diabo nos atos humanos e a luta pela afirmação da vida numa terra nova e árida. Ambas se aproximam também na concepção estética, porque, não obstante terem sido lavradas em prosa, trazem, na essência, genuíno conteúdo de poesia, tal a tensão emocional com que foram realizadas. Ainda no talhe estilístico observam-se, nas duas, aspectos únicos da extrema personalidade com que seus autores as escreveram.

Em Euclides da Cunha é o modo grandiloquente com que revela as suas emoções, apoiado em vocabulário culto e, em grande escala preciosista, ao mesmo tempo em que se arrima na fala rudimentar do jagunço; em Guimarães Rosa é o rendilhado de uma prosa essencialmente poética, guardando no traço marcas do mergulho do autor nas origens da nossa língua, cravejada de termos tópicos tratados no texto com o aprumo de um consumado mestre do idioma. Sabe-se que a linguagem de Guimarães Rosa sustenta-se num acurado conhecimento da gramática de várias

línguas, sem o que ele não teria construído uma obra realmente tão original.

São escritores que fascinaram a sua geração e enfim acabaram por arregimentar em seu rastro inúmeros imitadores, encandeados pelo brilho de uma prosa altamente criativa e mágica. Esse que é, enfim, o destino de toda obra fundamental em todas as épocas da história. No tempo da *Divina Comédia* de Dante, por exemplo, surgiram vários poemas alegóricos escritos nos moldes do cantar do genial florentino. Na idade de Camões também apareceram inúmeros poemas épicos à maneira de *Os Lusíadas*. O gênio é que determina a diferença para distinguir o imitador servil do discípulo de escola, este que passa a existir para multiplicar o poder de transformação que toda obra de arte traz em sua gênese.

Muda, no entanto, nas duas obras, a visão de mundo, desde a forma de expressá-la e do estilo da prosa, até por uma questão de época dos dois lançamentos. *Os Sertões* de Euclides, lançado em 1902, nas suas origens era uma vasta reportagem. Após o tratamento artesanal que imprimira ao texto, o grande artista o converteu num amplo ensaio sobre a vida brasileira desenrolada nesses mundos ásperos e agressivos, numa linguagem predominantemente épica. *O Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, lançado 54 anos depois, em 1956, eram nos seus começos meras anotações, realizadas pelo autor-médico em missão de oficial do 9.º Batalhão de Infantaria de Barbacena (MG), na vivência da paisagem e no levantamento da fala do tabaréu. Com esse material compôs o seu maravilhoso romance, pura prosa de ficção,

enfeixado num livro inconsútil e de linguagem essencialmente lírica.

Descompassa da prosa de *Os Sertões* de Euclides a prosa do *Grande Sertão* de Guimarães Rosa. Se aquele é grandiloquente, escrito com o esquadro de uma rija estrutura gramatical e léxica, este é essencialmente coloquial, lavrado num discurso despojado dos timbres da retórica tradicional. Mais à frente mostrarei alguns trechos da prosa de Euclides, para que se compare com a conversação de Rosa no seguinte trecho do *Grande Sertão*:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensina. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. (...)

Em Guimarães Rosa os jagunços Riobaldo, que é o narrador em primeira pessoa, e Diadorin são fictícios, indivíduos de fábula, portanto; em Euclides da Cunha, Antônio Conselheiro e o coronel Moreira César são personagens da história. Mas todos eles, estes e aqueles, foram transfigurados pelo ânimo criador daqueles dois sinaleiros das letras brasileiras. Em suas mãos o sortilégio da literatura converteu os personagens da história em figuras de ficção, e os elementos de ficção em individualidades do mundo real, influenciando no comportamento da sociedade dos vivos.

No desenvolvimento da Literatura Brasileira a prosa de ficção consolidou-se nas formas do conto, da novela e do romance. Escolhi para as reflexões neste trabalho mais demoradamente o conto.

Na transição dos séculos XIX e XX, fatos novos marcaram as nossas letras. Os escritores que se ocupavam em sua maioria com os temas da vida urbana, ou do ambiente bucólico, experimentado nas fazendas de café e de açúcar nos embates com que se foi construindo a civilização brasileira, a exemplo de *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo e *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, finalmente descobrem o interior do país, os campos, as florestas e os rios, e passam a revelar aquela realidade em seus livros. Junto com essa atitude que influenciou no fazer literário do ponto de vista do conteúdo, do ponto de vista formal influenciou no surgimento de escritores ocupados com a prática do conto.

O conto já se tinha afirmado como forma de arte literária moderna. Machado de Assis já o elevava ao ponto culminante interpretando a vida urbana e o aprofundamento psicológico das suas personagens. Mas a paisagem e o homem do interior, a paisagem e o homem dos cafundós do mundo brasileiro, ainda não tinham sido objeto da ação criadora de um escritor de pulso nas formas da prosa de ficção.

Uns poucos pioneiros apenas se realçavam àquela altura nessa linha de interpretação da nossa nacionalidade. Entre estes se pode considerar Afonso Arinos que publicava *Pelo Sertão, Histórias e Paisagens*, e Hugo de

Carvalho Ramos que vinha à luz com *Tropas e Boiadas*, uma das mais autênticas manifestações da chamada literatura regionalista, somando com a obra copiosa de Simões Lopes Neto, na mesma época. Mas o conto do sertão não atingira ainda os níveis de excelência alcançados por Machado de Assis na interpretação do meio urbano e dos temas universais gerados pelos conflitos da alma humana.

Em *Pelo Sertão*, que o próprio Afonso Arinos rotula de contos em nota de abertura escrita em 1898, a página mais célebre é o *Buriti perdido*, que, por fim, não pode ser considerado um conto no sentido com que se concebe essa forma no gênero da prosa de ficção. O *Buriti perdido* é, a despeito de toda a beleza que a consagrou como uma das páginas antológicas de nossas letras, um poema em prosa, forma que o nosso grande escritor encontrou para celebrar um dos mais nobres exemplares da flora brasileira.

Dão partida ao texto quatro exclamações entremeadas por uma interrogação com que o autor exalta a bela palmeira, começando com a seguinte exortação:

Velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de majestade e de tristeza não exprimes, venerável epônimo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencório, onde tremeluzem as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céu as palmas tesas, — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Logo a seguir Afonso Arinos revela em seu entusiasmo a forma eleita para realizar essa bela página:

Tu me pareces como o poema vivo de uma raça quase extinta, como a canção dolorosa dos sofrimentos das tribos, como o hino glorioso de seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além!

Observe-se que ele se refere neste andamento a poema, canção, hino, todas formas de poesia, e, quando se reporta à prosa, fala em *narração comovida*, expressão que igualmente se coaduna aos domínios do poema em prosa.

Hugo de Carvalho Ramos aproxima-se, a seu modo, da linguagem do conto, embora revele, ainda, a postura lírica despertada pelo soberbo panorama da geografia onde circulam os seus personagens. Leia-se o seguinte excerto de *Nostalgias*, de *Tropas e boiadas*:

Era pelas férias, em tardes luminosas de que já não tenho notícias, pelos meses calorentos de dezembro a março, quando o murici e a corriola, amadurecidos, embalsamavam o chapadão. Passava a correr, saltando córregos, a tua espingarda ou outra qualquer ao ombro, às vezes só, quase sempre acompanhado dum moleque, o Manuel ou o Raimundo do agregado, baixotes e barrigudinhos, que se incumbiam da longa fiação de peixes quando de retorno.

Diferente de Afonso Arinos cantando a solidão da palmeira sertaneja como se lê em seguida:

Junto de ti, à noite, quando os outros animais dormem, passa o canguçu em montaria; quando volta, a carne da preia lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Veem-se nos exemplos citados uma clara diferença entre a poesia e a prosa, mesmo tratando-se da prosa de ficção tão bem ensaiada em Hugo de Carvalho Ramos. Entra em debate a questão da prosa literária. A prosa de ficção e o poema em prosa, em que se identifica o valor conotativo, a riqueza em força semântica sob o império da metáfora. Ao contrário da prosa denotativa do ensaio que em Euclides da Cunha ganha reflexos peculiares em *Os Sertões*.

Olhando-se a questão desse ângulo, é o caso de indagar: Seria o livro de Euclides um longo ensaio ou um amplo poema em prosa? Quem sabe qual seria a intenção do autor ao compô-lo? Diz, ele próprio, em nota preliminar, que tentou com o livro *esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil*. Mas, em verdade, o que realizou foi um verdadeiro poema. Apura-se que a energia e o ardor com que Euclides da Cunha se volta para o tema, infunde à prosa, daquilo que seria uma análise de conteúdo antropológico da realidade brasileira, de sentido denotativo, portanto, o calor de uma verdadeira epopeia sobre a formação da nossa nacionalidade. Nem se levem em conta os equívocos do enfoque científico euclidiano quando se refere às sub-raças explicitadas mais à frente de sua nota preliminar como sendo *o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório*.

Essa visão descuidada da formação do homem brasileiro, de conotação racista e completamente contrária às teorias modernas da formação étnica dos povos, constituía uma postura corrente na época do mestre de *Peru versus Bolívia*, mas nem por isso capaz de afetar a grandeza da obra, como não afetou à *Comédia* de Dante a concepção cosmológica do universo fundamentada no princípio geocêntrico hoje caduco, mas dominante em toda a Idade Média. Talvez aquela postura teórica arruinasse o valor desse monumento intelectual se enfim se consumasse nas linhas do ensaio propriamente dito, compêndio frio de ciência acadêmica. Mas não, o livro transcendeu esses limites, graças à força da linguagem, o singular entusiasmo com que foi escrito e a paixão do autor ao lançar no papel as suas frases repletas de emoção.

Veja-se como o livro se inicia:

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas.

Descrevendo o palco principal dos acontecimentos imprime Euclides:

É natural que seja Monte Santo, desde muito, uma paragem remansada, predileta aos que se aventuram naquele sertão bravo. Não surgia pela primeira vez na história. Muito antes dos que agora o procuravam, outros expedicionários, porventura mais destemerosos e, com certeza, mais interessantes, por ali haviam passado, norteados por outros desígnios.

A figura de Antônio Conselheiro desenha-se com a descrição áspera do seguinte perfil que transcrevo em largo espaço no escopo de melhor mostrar o retrato esboçado:

O asceta despontava, inteiriço, da rudeza disciplinar de quinze anos de penitência. Requitara nessa aprendizagem de martírios, que tanto preconizam os velhos luminares da Igreja. Vinha do tirocínio brutal da fome, da sede, das fadigas, das angústias recalcadas e das misérias fundas. Não tinha dores desconhecidas. A epiderme seca rugava-se-lhe como uma couraça amolgada e rota sobre a carne morta. Anestesiara-a com a própria dor; macerara-a e sarjara-a de cilícios mais duros que os buréis de esparto; trouxera-a, de rojo, pelas pedras dos caminhos; esturrara-a nos rescaldos das secas; inteiriçara-a nos relentos frios; adormecera-a, em transitórios repousos, nos leitos dilacerantes das caatingas...

O escritor aprofunda-se na análise, não se contenta em descrever a figura desse carismático líder do sertão, mas intenta infundir sangue e movimento ao personagem com a convicção de quem tivesse convivido com ele, sentado a sua mesa tosca para confraternizar sobre os sentimentos e compartilhar da sua comida frugal e insípida, experimentar o diálogo do sofrimento e das privações na esperança da salvação da alma.

Esse caráter, no entanto, não é uma virtude somente realçada em *Os Sertões*, mas um modo de ser que se apura para reafirmar, mais do que em nenhum outro, que em Euclides da Cunha é uma verdade insofismável a máxima de Buffon, velha mais sempre atual, de que o estilo

é o homem. Na primeira parte de *A margem da história*, por exemplo, no capítulo intitulado *Na Amazônia – Terra sem história*, Euclides se expressa como segue, referindo-se aos fenômenos da região:

Parece que ali a imponência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises; às induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham em hipérboles. E figura-se alguma vez em idealizar aforrado o que ressaí nos elementos tangíveis da realidade surpreendedora, por maneira que o sonhador mais desensofrido se encontre bem, na parceria dos sábios deslumbrados.

E essas razões, essas forças, concluíram por influir em toda uma geração de escritores amazônicos, em destaque para o *Inferno Verde* de Alberto Rangel, cujo prefácio constitui um ensaio de 22 páginas assinado pelo próprio Euclides da Cunha, e *Terra Imatura* de Alfredo Ladislau, motivo deste trabalho. Mas Rangel, no subtítulo do seu livro teve o cuidado de classificá-lo como sendo composto de *cenas e cenários do Amazonas*, vazando-o, no entanto com uma elocução que transborda os limites da prosa ou do ensaio ou da crônica, ou da ficção, com as ondas a bater e quebrar nas largas praias da poesia.

Veja-se esta passagem de *O tapará*, primeiro capítulo do livro:

À hora do meio-dia ensoalhado, a floresta é pavorosamente muda; à noite, ela é wagnerianamente agitada de todas as vozes. Vozes que vão do clamor insano d'almas errando

em assomo de desespero e de dor, aos murmúrios vagos de uma só rabeca, em smorzando delicadíssimo.

Observe-se até no preciosismo vocabular o gosto pelo inédito quando em vez de ensolarado diz ensoalhado e, no lugar de morrendo, escolheu smorzando, uma expressão buscada na terminologia musical, já que se refere à rabeca.

A grandiloquência euclidiana, enfim, determinou o destino dos escritores amazônicos do período de transição dos séculos XIX e XX. Os mais brilhantes permaneceram em lugar privilegiado nas estantes dos amazonólogos, e os meros imitadores se perderam no limbo do fraseado apenas empolado, carente de grandeza humana e indigente de talento...

Terra Imatura é um dos clássicos da Amazônia. Segundo os estudos biobibliográficos de Afrânio Coutinho, que classifica o autor como cronista, a obra, seu único livro, o livro da sua vida, portanto, foi realizada por volta dos 33 anos dos 46 da sua laboriosa existência. Nasceu no Ceará, cidade de Guaramiranga, 1888, e morreu em Belém do Pará, em 1934. Era bacharel em Direito, tendo exercido, certamente em comunidades amazônicas, as funções de promotor de Justiça e juiz de Direito. *Terra Imatura*, que ele elegeu para título do livro, é, em verdade, o primeiro tópico da coletânea, datado da cidade paraense de Alenquer, ocupando apenas 14 das 234 páginas dos 13 capítulos que compõem o volume da edição que consulto, a terceira trazida a lume em 1933, pela Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro.

O décimo capítulo, *A gênese das Amazonas*, é dividido em duas partes, *Icamiabas* e *Teco-ímás*.

Terra Imatura começa com uma amostra do que seria a índole e o estilo do livro:

Os dias na Amazônia morrem sempre gloriosamente aureolados, envoltos num estranho esbanjamento de luz. Nas suas rápidas transições para as noites cálidas e deslumbrantes, quase que não existe a tristeza empolgadora das penumbras crepusculares. E muitas vezes, noite já feita, os poentes conservam-se ainda fortemente iluminados, como se a própria claridade vespéral ficasse embevecida, presa da fascinação dos reflexos que ela mesma produzira.

Nesse panorama, na cidade de Santarém, sentados num banco da praça da Matriz, dois filhos da região, Aiuna e Arianda conversam sobre as coisas da Amazônia, como que preparando o leitor para a apreciação dos temas que serão abordados ao longo do livro. Lá pelo meio do diálogo, deslumbrados com a atmosfera que os envolve, afirma Aiuna:

– Não é assim, Arianda. A poesia transcendental em que se alcandoram essas geniais concepções sobre a nossa formação geológica, não pode perturbar a surpreendente documentação científica em que elas se baseiam.

Já pelo meio da conversa, cada vez mais emocionado, um personagem afirma ao outro:

Não penses que o descabro da nossa goma elástica tenha surgido como um simples caso fortuito em nossa vida regional. Não. Representou,

antes de tudo, um golpe traiçoeiro que a fatalidade cósmica nos desfechava, por isso que não era chegado ainda o dia da Amazônia. E o resultado foi este: seus novos e esperançados visitantes, os sertanejos do Meio-Norte, desalentados, viram-se compelidos a abandoná-la, retomando, numa jornada inglória de vencidos, o caminho do antigo hábitat.

A seu modo Alfredo Ladislau registra nesse passo do diálogo o episódio da crise da economia da borracha que se acentua por volta de 1910 e é vista por ele como *um golpe traiçoeiro que a fatalidade cósmica nos desfechava*. A verdade corrente hoje, porém, é de que a desvalorização da goma elástica deu-se em decorrência da produção dos seringais de cultura da Malásia, enquanto na Amazônia a coleta era feita em meio à floresta multifoliada, na linha do extrativismo tradicional. A árvore da borracha é nativa da Amazônia e foi aclimatada em terras do Oriente, num processo de pirataria ecológica entendida hoje, no mundo globalizado, como intercâmbio biótico que tem permitido também o transplante de espécies de outros continentes para a Amazônia, a exemplo da fruta-pão, originária das Ilhas Molucas na Ásia, segundo pesquisa de botânicos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, e da juta, espécie originária da Índia, China e Java, trazida pelos japoneses, por volta de 1936, sob a liderança do patriarca Ryota Oyama que se radicou em Parintins e, na Colônia Agrícola do Andirá, Paraná do Ramos, realizou as primeiras experiências alcançando êxito após muito trabalho e persistência. Na Malásia, igualmente, a seringueira foi objeto de plantio racional. Mas todas as tentativas

de cultivo adotadas na Amazônia não tiveram sucesso. Nem o plantio sistemático, nem o enriquecimento dos seringais nativos através do plantio de mudas entre as árvores da floresta. Talvez a esse episódio tenha Alfredo Ladislau indigitado com o timbre de *fatalidade cósmica*.

No entanto, o diálogo adotado no primeiro capítulo do livro não possui caráter de prosa de ficção, a prosa de ficção predicativa do conto, que se assinala por densos exercícios de cena e fabulação. No texto de Alfredo Ladislau esse diálogo, a despeito de ser realizado por figuras fictícias, estabelece apenas uma técnica narrativa de que o autor lançou mão no fito de gerar clima coloquial entre o narrador e o leitor. Tanto é assim que daí por diante, nos outros capítulos do livro, deixam de comparecer personagens de ficção e diálogos. Só nas páginas à frente, no sexto capítulo, aparecem dois personagens, que parecem apresentar-se como pessoas do relacionamento do autor em suas andanças pelo interior da região, pois confessa explicitamente conhecer dois homens, Possidônio e Miguel Felício, que bem representam o dualismo de comportamento de tipos característicos, o caboclo e o nordestino de que vou me ocupar a páginas em frente.

Para encerrar esse primeiro capítulo do livro, Alfredo Ladislau prossegue na restauração da imagem do fim do dia, no mesmo tom colorido e empolgante com que o inicia, em legítima água-forte:

A fímbria longínqua do horizonte acabava de comungar a hóstia esbraseada do sol. Todo o

quadrante do poente rebrilhava em púrpura como um estranho espelho de cinábrio, e as últimas nuvens dissolvem-se, vagarosamente, envoltas em violentos clarões de incêndio.

Veio a noite.

A partir daí, na sequência, o livro todo se constrói em textos situados nos limites do ensaio, da crônica e do poema em prosa. Afinal a crônica brasileira converteu-se no jornalismo como gênero literário, mas, também, como pequeno ensaio ou poema em prosa.

Assemelha-se ao ensaio propriamente dito, a parte em que fala da presença de Euclides na Amazônia, mas sem resistir à expressão metafórica quando afirma que Euclides da Cunha percebia, ao apreciar a região, entre as *positivas deduções científicas, a mistura com a névoa sutilíssima das lendas, – espécie de poeira atômica do mistério, – flutuando na penumbra das florestas virgens, o itinerante presente um balbuciar de histórias fantásticas, que o amedrontam.*

Busca interpretar as inúmeras águas da região, a natureza das estradas líquidas que cortam a planície, as águas dos lagos e lagoas e dos rios que nos encontros se casam e ficam maiores. Retimba Alfredo Ladislau:

Os trêmulos veios d'água, então, precipitam-se, afervorados, por essas valas e, contornando os longos relevos, pertentam o contacto com os aprofundados paludes, sem os poderem alcançar ainda.

Alfredo Ladislau, ao examinar o homem nos domínios da selva, nem por demonstrar tanto entusiasmo por tudo o que vê e sente, consegue libertar-se das crises de pessimismo que afetaram os amazônidas do seu tempo, num comportamento que sugere a dúvida de que não acreditavam no futuro, na competência dos estudiosos ao desvelar os mistérios da região. Dominado por tal sentimento, Ladislau já afirmara que a Amazônia era *uma grande vítima das suas próprias grandezas*, concebendo com a frase de sonora retórica, uma enorme contradição, levando-se em conta a circunstância de que as grandezas exaltam, mas nunca vitimam. E assim mostra-se incrédulo nas conquistas da tecnologia, no esforço criador dos estadistas, educadores e empresários que agem na transformação do meio, nas ações que pudessem mudar os rumos da nossa qualidade de vida. E afirma:

O caboclo, que nasceu na região e conhece, desde os primeiros clarões do entendimento, a força robusta da sua poderosa inimiga, entendeu por bem apegar-se ao recurso acomodaticio de não entrar em luta com quem ele já sabe que o derrotará inevitavelmente.

Conquanto assumia tal postura depressiva, é com raro entusiasmo que Alfredo Ladislau examina o comportamento do nordestino e do amazônida. O nordestino curtido pelo trabalho de gerações num solo árido, que o deixa quase sempre pobre e faminto, e de contínuo ágil, esperto no anseio de crescimento em bens materiais, e o amazônida contemplativo, lento, satisfeito com a riqueza da terra que o abençoa com a fartura de frutas da floresta,

a abundância piscosa dos rios, os inumeráveis espécimes de animais nativos, aves e quadrúpedes, produtores de alimentos. Mas no seu ânimo não se exime de registrar um protesto quando afirma:

É nessa avultada e piscosa riqueza da Amazônia onde a ganância dos desfrutadores incontentáveis acarreta, com mais frequência, inconcebíveis e incalculáveis desbaratamentos.

Prossegue nessa análise pondo em confronto o comportamento e as atitudes de Possidônio e Miguel Felício, o caboclo e o sertanejo.

O caboclo escolhe para morar à beira do rio porque o peixe é o seu alimento preferido. O sertanejo sobe à terra firme e prefere alimentar-se da carne de caça. Aquele é dado a ficar cismando horas perdidas a contemplar as águas serenas no cair das tardes, mas este não é capaz de acocorar-se por alguns minutos que sejam sem que se ponha em movimento em atividades que lhe ocupem o corpo. O sertanejo fala pelos cotovelos e a palavra brota fácil e clara da sua boca; o caboclo é tartamudo e o som da sua voz é quase imperceptível, surdo e desencorpado. O sertanejo diz o que pensa agrada ou desagrade o interlocutor, já o caboclo guarda para si o ponto de vista que possa afetar o parceiro, mas, desconfiado do ataque à traição, guardando quase sempre o pé atrás para a desforra quando for preciso. O sentimento estético do caboclo é mais acentuado, com as mãos trabalha a cuia pitinga e a deixa coberta de *floreados ornamentos*, tece os paneiros e as cestas de palha com desenhos caprichosos e costura as tarrafas com agilidade

superior, fazendo que Alfredo Ladislau conclua, numa síntese perfeita quanto às origens étnicas de cada um:

Em tais revelações artísticas, o sertanejo do Nordeste, misto de holandês e cigano, — fica plenamente subjugado pelo asiático da Amazônia.

Esta observação de Alfredo Ladislau sobre o caráter do amazônida veio comprovar-se mais tarde com a implantação da indústria de montagem do Parque Industrial de Manaus, que converteu a habilidade manual do operariado nativo em índice de nacionalização, constituindo-se, esse fato, num dos fatores preponderantes do sucesso desse vitorioso modelo de desenvolvimento regional.

Não ficou imune aos mistérios da lenda. Em verdade poucos são os escritores amazônicos que logram eximir-se do envolvimento com a tradição lendária da região. Talvez nenhum tenha conseguido livrar-se do envolvimento medular com essa realidade. Afinal de contas o acervo lendário levantado por etnógrafos nacionais e estrangeiros, na linha de um Koch-Grünberg, um Barbosa Rodrigues e, contemporaneamente, um Nunes Pereira, para citar apenas três dos grandes mestres no gênero, é o produto de mais de 40 mil anos (na avaliação de Betty Meggers) da presença do homem na região. As lendas repassadas dos anciãos para os jovens nas culturas de origem mnemônica, constituem o acervo espiritual desses povos, a ciência e a poesia, as leis e a orientação ética, o seu desenvolvimento intelectual, enfim.

Do meio do livro em seguida, desde o capítulo intitulado *A psicologia dos lagos*, envolvendo *O trabalho das múmias*, *O devorador das manadas*, *A gênese das Amazonas*, *O juriti-pepema*, *O muiraquitã* e *A vitória-régia*, Alfredo Ladislau mergulha nos peraus e labirintos da lenda, chamando a atenção para a tendência que o homem da Amazônia tem pelo culto da mitologia originária das águas e à prática de uma *atemorizante ofiolatria*.

Salienta, no entanto, que até nisso o tapuio, o caboclo amazônico assemelha-se aos seus irmãos originários *do centro da velha Catai*, isto é, como era conhecida na Idade Média a antiga China. O culto às entidades aquáticas, à Mãe-d'Água, aos ofídios gigantes conhecidos por vários nomes, como Boiuna, Boioçu e a mais popular Cobra-Grande, fascina o homem do rio. Salienta que a floresta amazônica não é povoada dos espíritos lendários que dominam os outros povos da terra. Diz ele que nas nossas florestas no lugar dos bandos de faunos e dríades, sátiros e centauros, os aborígenes inventaram apenas o Curupira e o Mapinguari. O homem é verdadeiramente um animal do rio. A floresta alta é quase inalterável. Ao contrário do rio e da floresta que o rodeia nas várzeas. A movimentação das águas nas vazantes e nas enchentes afeta visivelmente a vida do homem e é no rio que está a sua mais efetiva fonte de alimentos. Não é por outra razão que o amazônida elaborou o universo de sua mitologia mais rica dentro do rio, no perau dos encantados onde reina a Iara e seu séquito, na Cobra-Grande assustadora das noites escuras e silenciosas, nos botos sedutores e nas inúmeras entidades invocadas

pelos curandeiros nas suas sessões de tratamento.

Enfim, por mais que nos esforcemos em encontrar no livro traços de ensaio científico, em *Terra Imatura* só encontramos literatura castiça, na linha do impressionismo que dominou as tendências estéticas do período.

Surgindo nas artes plásticas e muito desenvolvido na música, para a literatura o impressionismo transplantou o gosto pela nomenclatura da música e da pintura. Levou ao anseio pela construção de grandes painéis e a alusão às formas musicais, como a peroração de Adriano Jorge que imprimiu a famosa frase de *que a paisagem é uma sinfonia que nos entra pelos olhos*, e de Alberto Rangel, referindo-se à floresta nas noites da Amazônia: *ela é wagnerianamente agitada de todas as vozes*.

Mas o impressionismo em literatura desviou para o texto as virtudes da melodia e o domínio da metáfora para expressar as emoções. A literatura, em verdade, como ocorre acontecer com as outras formas de arte, às vezes é um retrato da realidade ou uma transposição dessa realidade, ato de transformação pela transfiguração de uma para outra realidade. O impressionismo conferiu ao texto valores situados acima da transposição metafórica, animando-o com os poderes da imaginação.

A Amazônia de Alfredo Ladislau, amigo Almino Affonso, jamais foi ou é a Amazônia da geografia, mas, sim, a Amazônia concebida

pela imaginação poderosa de um artista que teria produzido, se não fosse escritor, uma ampla obra musical, um painel, uma coreografia, um drama ou um fabuloso conjunto arquitetônico, e que, sendo escritor e poeta, a imortalizou num largo poema em prosa, superando os preconceitos para científicos do seu tempo e a visão carente de esperança ao especular sobre o futuro da terra.

INQUIETAÇÃO LITERÁRIA E REALIZAÇÕES

– *Notas sobre a poltrona n.º 4 da Academia*

• • •

• *Newton Sabbá Guimarães*¹

“Für alle die Kraft, die du freudig belebttest,
hab’ Dank!”. Bjørnson – in *Gedichte*

*Para Arlete, minha mulher, que esteve comigo,
durante todos os dias desde que me tornei
membro da Academia, e para os nossos filhos,
Isaac e David.*

LEMBRANÇAS DA ACADEMIA

Eu era muito jovem quando fui eleito para a Academia, talvez mesmo um dos mais jovens até esta data. Tive a oportunidade de conviver ali com alguns dos seus mais ilustres membros. De quase todos guardei boas lembranças, de conversações havidas antes das reuniões e de discussões sobre assuntos de nosso interesse. Havia, pode-se dizer, um certo companheirismo que se sobrepunha às tendências políticas e às ideologias de cada um e, neste aspecto, só me cabe louvar a posição madura, equilibrada e civilizada adotada pela nossa instituição. A grande maioria era de gente alinhada com

o Governo Cívico-Militar que, em boa hora, nos dirigia naqueles dias. Lembro Genesisino, que chegou a ser condecorado com a Ordem do Mérito do Pacificador, parece-me, André Araújo, Moacyr Alves, que fora secretário de Estado, Arthur César, ex-governador e, de todos, o mais conhecido e de maior projeção nacional, Mário Ypiranga, muito surdo e que mesmo com o uso de aparelho, tinha dificuldade de ouvir e que partilhava com Mendonça de Souza, biógrafo de Sílvio Romero, da mais profunda antipatia pelos que eles chamavam de “os comunas”, a então jovem-guarda, barulhenta, naturalmente agressiva e de poucos estudos, e mais alguns realmente leais ao regime e que jamais acolheram e comungaram das ideias espúrias que, uns poucos, descontentes com tudo e com todos, queriam, insidiosamente, trazer para o nosso meio, então arraigadamente conservador. Por tradição familiar e por uma natural tendência, alinhei-me sempre entre os

• • •

1. ENSAÍSTA, OCUPA A CADEIRA DE N.º 4, DE SÍLVIO ROMERO.

conservadores e que comungavam dos mesmos ideais antianárquicos e anticomunistas. Mais tarde, infelizmente, quando as coisas mudaram, muitos dos que serviram o *ancien régime*, passaram a hostilizá-lo, pensando, decerto, em novos proveitos e em novas oportunidades, como efetivamente aconteceu... Havia em nosso meio até mesmo um bravo e fantástico Joseph Fouché, de quem o seu biógrafo-mor, Stefan Zweig, dizia assustado que fosse qual fosse a tempestade política, ele conseguia escapar galhardamente, sobrevivendo a tudo e mantendo-se, sempre, na crista da onda. Se moralmente era isto, um equilibrista de truz, como intelectual não era grande coisa. Mas prático, o homenzinho era-o, como poucos. Sábia e absolutamente pragmática a proclamação britânica: “Morreu o rei, viva o rei!”. O rei que partia deixava o trono para o novo, o herdeiro, que era aclamado, enquanto o antigo era esquecido. Sabedoria quase salomônica, temos de convir...

Assisti a boas e memoráveis discussões, discursos de posse, recepções de visitantes ilustres, necrológicos e conferências pelos confrades em reuniões formais, ou no seio da entidade, durante as nossas reuniões, que terminavam sempre por uma bandeja de doces, bolachas e biscoitos, tudo regado a muito café e refrigerante. André, sociólogo e pensador católico, com aquele vozeirão que era uma de suas características, falou-nos uma tarde de suas leituras de Teilhard de Chardin que descobrira recentemente e elogiou, esfuziante, como de seu estilo, Maritain, que muito lia e admirava. Era dos mais curiosos intelectualmente e possuía magnífica

biblioteca. Moacyr Alves, o bom, lembrava as suas experiências nos Estados Unidos, país que admirava, onde visitara centros evangélicos (ele era ministro protestante, como então se dizia) e comentou um fato que eu desconhecia, o do racismo às avessas, bastante exacerbado, dos negros no *Deep South* que até causava mal estar aos visitantes brancos, mesmo que visitantes eventuais, ou seja, algo bem diferente do que a imprensa demagoga e os defensores histéricos dos direitos humanos alardeavam, o racismo do negro, elemento minoritário, contra o branco anglo-saxão, majoritário e elemento forjador da própria nacionalidade. Em outra ocasião, brinquei com o pseudônimo espanhol, Pablo Cid, de Moacyr Rosas, confrade exuberante, bom cronista, que acompanhou a explicação que me deu de uma de suas gostosas gargalhadas. Outra vez, comentava-se do desaparecimento de Álvaro Maia, poeta, romancista, político vitorioso, falecido havia poucos anos, da sua humildade e reserva, e um dos que haviam privado com ele, contou que era seu costume, quando estava na cidade, chegar muito cedo para as reuniões, sentando-se com um livro às mãos, livro que nem sempre lia, calado e distraído. Lembro João Chrisóstomo de Oliveira, outra das boas pessoas que ali conheci, sempre trazia um livro debaixo do braço, fala pausada e gestos que refletiam a sua vida serena e boa. Chrisóstomo era um homem de bem, muito devotado aos estudos filológicos e à releitura dos bons autores brasileiros. Se posso lamentar alguma coisa é não ter tido mais inteligência e sabedoria para aproveitar momentos tão agradáveis e proveitosos. Eu era muito jovem e os jovens pensam que o tempo não passa,

que serão sempre jovens e que haverá sempre oportunidades de renovação. E valha neste instante um truísmo dos mais batidos, que o tempo corre. *Tempus volat*, encontrei em relógio gigante em uma cidade europeia. É a maior das verdades. Ou pelo menos, uma das maiores. Havia umas figuras polêmicas, hoje mortas, cujos nomes é melhor que permaneçam discretamente guardados por espessa capa de silêncio. Lembro com perdoável nostalgia hoje, aquele clima de cordialidade e amizade e de tantas reuniões de que participei até transferirme de vez para o Extremo Sul da minha pátria. Só me recordo de uma cena deprimente, verdadeiramente deprimente e mais ainda porque quem a causou era pessoa a quem admirava sem conhecer pessoalmente apesar de ele e eu sermos membros da mesma Casa: o mais antigo dos acadêmicos, o único dentre os fundadores ainda remanescente, chegou, camisa aberta ao peito, suado, bastante embriagado e pôs-se a interromper a sessão sem razão, sendo, então, advertido com energia por André Araújo quem, cioso das suas prerrogativas de presidente e orgulhoso da Academia, lhe ordenou que se calasse e deixasse prosseguir a reunião e, se quisesse permanecer no recinto, que se comportasse como acadêmico. O recém-chegado, soltando um palavrão, retirou-se aos trancos, esbarrando contra as cadeiras e a reunião prosseguiu como sempre, em ordem e harmonia. O que pode o álcool, santo Deus, que transforma um intelectual de nome, etnólogo operoso, em um arruaceiro sem peias, a ponto de ter servido de escárnio e de desónra para uma sociedade cujo comportamento era sempre dos mais louváveis! Causa-me desgosto lembrar desse incidente e

não posso calar a minha simpatia pela postura do presidente, amigo pessoal do acadêmico admoestado, que soube zelar uma vez mais pela dignidade da instituição e o respeito pelos seus membros presentes. Concordamos não fazer constar da ata da sessão aquele incidente doloroso.

Em uma dessas nossas reuniões de sábado, propus que cada acadêmico procurasse, nos seus vagares, escrever um artigo sobre as suas poltronas e seus patronos. Sugeriu algo que servisse aos pósteros, e que ficasse como indicador do que se havia feito no passado, já que não existia ainda nenhuma história da Academia, como hoje há, graças aos esforços de Almir Diniz de Carvalho. A ideia foi aplaudida, como o fora outra, na qual havia sugerido que, em cada reunião, um acadêmico lesse trabalho seu, ou comentasse alguma leitura recente, ou, na falta disso, tratasse de alguma preciosidade antiga relacionada com a Academia e com os seus membros. Depois da reunião parece que ninguém mais quis levar adiante a proposição, ou por preguiça e desinteresse, preferindo deixá-la morrer como acontece com tantas outras ideias que a incúria do homem prefere sepultar.

Muito anos depois, mais de trinta anos haviam decorrido, recebo carta de Almir Diniz, membro dos mais operosos, pedindo-me, em nome de Elson Farias, que escrevesse acerca dos ocupantes da poltrona n.º 4, que ocupo faz quase quatro décadas. O patrono, Sílvio Romero, é um dos meus ícones entre os críticos brasileiros, um sujeito que buscava a verdade acima de tudo, que se não vergava a nada nem

a ninguém, universalista, inimigo de compadrios e da ridícula crítica impressionista de compadres e leitor incansável, ou seja, tudo aquilo que defendo para o verdadeiro crítico literário e, por extensão, para o escritor e tudo aquilo que procuro ser. Depois, um dos ocupantes, o que me antecederia, era justamente Andrade de Menezes, que conheci e admirei, diretor da Faculdade de Direito do Amazonas quando nela ingressei e que me entregou, pessoalmente, o prêmio por haver tirado o primeiro lugar no vestibular: um pacote de livros jurídicos, inclusive a primeira edição do seu famoso *Teoria Geral do Direito*, que trazia a sua dedicatória e se me extraviou mais tarde, para meu desprazer. Nem preciso dizer que aceitei imediatamente o convite de Almir e pus mãos à obra. Vivendo no Extremo Sul do país faz muitos e muitos anos, a primeira dificuldade era encontrar bibliografia para me amparar no ensaio. Possuía apenas o livro de Aderson, uma edição recente que comprara em substituição à primeira, autografada, que reli com redobrado prazer, ainda uma vez admirando o infausto professor, morto tão moço e com quem teria gostado de ter conversado mais e convivido mais estreitamente. Pouco ou quase nada consegui, não obstante haver escrito para muita gente que, bem nortistamente, preferiu o silêncio caboclo, esse tenaz enclausuramento já observado por Alberto Rangel, o estilista primoroso de *Inferno Verde*. Não fora a ajuda desprendida de Almir Diniz e Gaitano Antonaccio, estas páginas que se vão ler, não teriam sido jamais escritas, pois não sei fantasiar dados, nem sei escrever de modo impressionista, o que, por sinal, me tira do sério. E sabe-se que esse tipo de contribuição

literária tem sido produzida em meio à mais descabelada e irresponsável fantasia. Ora, penso que a história de uma instituição tem de ser rigorosa e documental, mesmo quando o escritor procura dar um tom de reminiscências, como faço aqui. Sou um teórico e só sei escrever amparado em documentos fiáveis. A longa vivência com o ensino universitário não me permitiria agir de outra maneira. Deixo expresso o meu agradecimento a esses dois bons amigos. Jamais consegui fotografias dos acadêmicos Odilon Lima e Alfredo da Matta, como pretendia colocar nos capítulos dedicados a cada um deles, nem sequer do mais recente deles, o meu antecessor. Tão logo concluí o pequeno ensaio, mandei-o ao Elson, que jamais acusou recebimento nem confirmou a sua publicação. Agora, para minha surpresa, Armando Andrade de Menezes telefona-me, pedindo-me que lhe envie, urgente, o ensaio, que o anterior fora extraviado e que há interesse na sua publicação. Armando é zeloso e leal defensor da vida e obra de Aderson, seu irmão, e penso que o seu gesto nobre deveria ser admirado por todos. Não o conheço pessoalmente, mas admiro-lhe, repito, a constância e a nobreza das atitudes. Quem me dera um dia quando eu deixar este vale de dor e sofrimentos, mentiras e maldades, injustiças e falsidades, houvesse alguém que me não deixasse morrer a segunda vez, pelo olvido! Escreveu um livro sobre Aderson de Menezes. *O Professor (Uma vida dedicada ao estudo e à educação)*, que recebi quando já concluía e enviara os meus originais à presidência da Academia. Li-o com encantamento: muitíssimo falho do ponto de vista metodológico, com erros nas citações bibliográficas, do ponto de

vista afetivo diria que vale ouro e recomendo a sua leitura aos que admiram e respeitam a memória do jurista ilustre que honrou a Casa por onde passaram as figuras mais altas da cultura nortista. Com este livro Armando escreveu a sua obra-prima e enriqueceu as letras regionais. As ressalvas são as do rígido teórico, mas o leitor, este só tem a elogiar. Armando levantou um obelisco à memória do irmão. Deixo-lhe também os meus agradecimentos, aos quais se juntam os elogios, merecidos.

Talvez pareça grande o ensaio, mas Elson Farias disse-me que me não preocupasse com o tamanho, que escrevesse quanto quisesse. Tomei o pão à unha e aceitei-lhe a recomendação. É provável que me tenha espraído um pouco mais do esperado. As nostalgias da Academia e o apreço em que a tenho são os responsáveis diretos. Mas assim o fiz, assim o deixo.

Que seja de proveito para a minha instituição, lamentando que algumas vezes em suas decisões ela não tenha sido nem sábia nem justa, como teria gostado que fosse. Mas que se pode fazer? É gerida por homens, e tudo o que é humano é passível de falhas e desacertos. Vale ainda repetir, mesmo que arquiabatido e surradíssimo, andando de boca em boca (pelo menos dos que possuem tinturas de latim), o pensamento de Terêncio: “Homo sum: humani nihil a me alienum puto”. Depois, é sonho vão querer-se que o homem seja sempre correto e sem falhas e que as suas instituições sejam exemplares. Se assim fosse, o homem deixaria de o ser, transformando-se

em anjo e recuso a ver no homem aqueles anjos que Rilke cantava em alguns dos seus mais belos e sentidos poemas.

SÍLVIO ROMERO, O PATRONO

A poltrona n.º 4, se assim se pode dizer, nasceu bem fadada por trazer a marca profunda de uma das nossas mais ilustres personalidades literárias na segunda metade do século XIX e primeira década do século XX, caracterizando-se, também, por uma grande inquietação que o seu patrono: Sílvio Romero – pois é dele que se trata –, parecia carregar às costas como poucas vezes tem acontecido nas letras pátrias e de tal modo que, devemos salientá-lo, a influência do seu nome conseguiu imprimir-lhe, como se fosse um selo especial, bem seu, desde a fundação da instituição. A escolha de Sílvio Romero, o inquieto sergipano que até certo ponto revolucionou a crítica literária no Brasil, para patrono da poltrona n.º 4, acentuar-lhe-ia esta posição benfazeja: é inegável que Romero teve influência decisiva na formação de uma crítica que refugia ao impressionismo apedeuta e lírico e piegas até então dominante nos arraiais literários brasileiros desde os primórdios das nossas atividades no campo da crítica, dotando-a, pela primeira vez, de uma teoria científica que a amparasse. Ficavam longe os dias da crítica alencarina e machadiana, cheia de conceitos bonitos sobre a arte literária, a vernaculidade do texto sob juízo, a idade e o talento do autor, que quase sempre recebiam elogios e conselhos. Ah, esses ridículos conselhos sensorões e com ares protetores... Vem

Romero e acaba com tudo isto, varrendo o compadrio das resenhas e dos ensaios críticos. Figura discutida e nos seus dias de intensa atividade, nem sempre compreendida mercê de seu temperamento brígão e desabusado, temido também pelo tom polêmico de muitos dos seus artigos jornalísticos e por haver investido sem dó nem piedade contra escritores que figuravam de bonzos literários, até então intocados pelos críticos oficiais do momento, sacudiu e alterou o conceito de crítica literária em nossos meios. Na verdade, esta atividade crítica contra a qual investe Sílvio deixava muito a desejar por ser superficial e, muita vez, feita de encomenda, devemos confessá-lo. Romero, rebelando-se contra os canonicatos vigentes que faziam de mediocridades nomes famosos e bajulados nos quais não se podia tocar, porquanto feriria o grupo, mostra que a crítica é mais do que troca de elogios mútuos e de frases untuosas. Ao mesmo tempo em que a sua investida contra o marasmo da crítica oficial daqueles dias, criava inimigos e ressentidos, também criava adeptos, fascinados pelo saber, a coragem e a irreverência desse homem que se volta contra o impressionismo dominante e quase perpétuo, estreitamente ligado ao que se chamava, não sem mal dissimulada ironia, de igrejinhas literárias, de exaltação aos bonzos e elefantes brancos, que se sentiam intocáveis e, portanto, acima de qualquer comentário menos lisonjeiro às suas obras. Escritor de vasta leitura, passeando mais ou menos à vontade pela filosofia, positivista em alguns momentos, republicano, incansável e bom investigador para o que contribuía o seu variado conhecimento de línguas, inclusive a alemã, à época quase nada estudada no país,

Romero, por um lado, estava bem aparelhado literária e cientificamente e tinha tudo para ser um desbravador, como foi realmente, mas, por outro lado, pecava, algumas vezes, por uma postura nem sempre justa ao que era levado pelo seu temperamento ardente e apaixonado. Se o crítico precisa ser homem de elevada cultura humanística e sobretudo saber ler (o que poucos sabem e não esqueçamos que o divino Goethe, aos 80 anos, declarava que só então começara a dominar a arte da leitura! E era um Goethe!), precisa ser imparcial e justo, sensível e desapaixonado. Esse homem veio como um vendaval e sacudiu as frágeis estruturas da crítica nacional. A sua *História da Literatura Brasileira*. Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da Literatura Brasileira,² tornou-se um marco na história das nossas letras. Ronald de Carvalho, na *Pequena História da Literatura Brasileira*,³ tem palavras altamente compreensivas para com a obra de Romero e para com a vida de lutas do crítico a quem chama de “um dos mais nobres exemplares da cultura europeia no Brasil”,⁴ das mais perfeitas definições que se lhe possam dar. Com efeito, pelos seus estudos extensos e variados, pelo fato de haver estudado e aprendido alemão, no qual chegou

• • •

2. CFR. A 7.^a ED., ORGANIZADA E PREFACIADA POR NELSON ROMERO, EM CINCO VOLUMES. RIO DE JANEIRO: LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO; BRASÍLIA: INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO/MEC, 1980.

3. CARVALHO, RONALD DE. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 10.^a ED. PREF. DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE. RIO DE JANEIRO: F. BRIGUIET, 1955.

4. *Op. cit.* PÁG. 322.

a ler fluentemente, em uma época em que isto não era usual como atrás se deixou dito, pôde penetrar no que havia de melhor nas letras e na filosofia da Alemanha, trazendo, em primeira mão a metodologia científica que o crítico brasileiro ainda não havia descoberto, e depois, por trazer até nós os nomes mais representativos da *Kultur* alemã difundindo-os entre nós, no que seguia o exemplo pioneiro de Tobias Barreto, seu mestre e paradigma, assim como pela sua curiosidade sem barreiras, pelo vasto conhecimento dos autores europeus que, muita vez, chegaram ao Brasil graças às suas referências e citações, Sílvio foi, em tudo e por tudo, uma figura diferente naquele ambiente de marasmo e igrejinhas literárias, alguém capaz de investir, impiedosamente, contra os mediócrs enfatuados, contra os falsos bonzos das letras, “não se curvava diante de nada, nem de potentados políticos, nem de literários, pois tinha por si a força de uma individualidade pouco vulgar, em qualquer parte, raríssima entre nós”, acrescenta, sem poder sofrer a admiração, o mais sereno e mais elegante dos historiadores da nossa Literatura.¹ Foi como tão bem se disse, um vendaval, e, na sua passagem, deixou marcas que se não apagaram, criando escola, aplicando métodos científicos que seriam seguidos por outros e, depois dele, os historiadores e críticos começaram a ver novos caminhos para o estudo dos nossos mais significativos autores, abandonando os velhos métodos rançosos, cheirando a esfuminho e a conventículos. Uma figura fascinante e forte, que não pode ser esquecida, malgrado certas posições adotadas que, por não serem ortodoxas e até pecarem por injustas, lhe arranharam a pele de mestre

da crítica, figura gigantesca de quem se tenta aqui gizar, no correr destas páginas, algumas linhas sobre a sua vida e obra, deste que é o segundo patrono da cadeira n.º 4 da Academia. Sim, ele foi o segundo patrono, já que, anteriormente, fora Machado de Assis, o primitivo patrono mas que, na primeira reformulação, sofreria alteração, pois o romancista das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e do *Memorial de Aires* migraria da poltrona n.º 4, para a n.º 9, a pedido do seu fundador e primeiro ocupante, o teatrólogo Benjamin Lima, admirador do romancista, enquanto Sílvio Romero – antes patrono da cadeira n.º 22, da qual foi fundador e primeiro ocupante Odilon Lima, dilucida Almir Diniz no prestimoso e bem documentado *Acadêmicos Imortais do Amazonas. Dicionário Biográfico*⁶ –, passaria com o refazimento dos quadros acadêmicos, a sê-lo da n.º 4, como tal se mantendo até hoje. É provável que os tais remanejamentos, seguidos, fossem feitos apenas para atender a pedidos dos novéis acadêmicos e suas preferências nas letras. Benjamin Lima gostava de Machado, como já se disse, e Odilon preferia Romero, e assim as coisas se arranjaram sem maiores problemas. Naqueles dias era assim: tudo era mais fácil, os escritores insistiam nas suas preferências e eram atendidos, em especial quando se leva em conta que aquela era a primeira fornada de acadêmicos, jovens sonhadores, empanturrados de Literatura e, seguindo na esteira do modelo

• • •

5. *Ibidem*, PÁG. 322.

6. DINIZ, ALMIR. *Acadêmicos Imortais do Amazonas*.

Dicionário Biográfico. MANAUS: EDITORA UIRAPURU, 2002.

francês, criaram a Academia, sonhando, entusiasticamente, com o seu desenvolvimento. A simpatia do novel acadêmico por um escritor que estava entre os patronos de uma das quarenta poltronas, nem sempre calhava de ser a vacante. Nas academias jovens, recém-fundadas, havia então, com a anuência dos demais membros, o sonhado “remanejamento”, como ocorreu com os dois intelectuais citados. Acontece sempre assim e bem acaba o que bem deve acabar, como disse o supremo inglês... para o autor destas linhas, a mudança de patronos, feita nos primeiros tempos de existência da instituição, seria providencial: nada seria melhor nem melhor viria a calhar porquanto, desde os dias de colégio, o atual ocupante tem sido sempre um admirador desse homem forte, brigão teimoso, invergável, supremamente culto e, quem, ao lado de Veríssimo, Tristão de Alencar e Nestor Vítor, viria a formar o quarteto dos grandes críticos daqueles dias e, segundo escrevem os entendidos, os fundadores da crítica literária no Brasil.

Tentarei, portanto, debuxar nestas poucas linhas o rápido perfil de uma figura cuja importância ninguém desconhece na Literatura Nacional, figura emblemática, complexa, rica, nem sempre de fácil compreensão para o leitor comum, escritor de grande dinamismo, preocupado em fazer justiça aos grandes injustiçados, defensor intransigente e uma espécie de novo Baiardo, sem medo e nem mácula, da glória de Tobias Barreto, a quem admiraria e defenderia até o final dos seus dias e que, para privilégio da mais alta casa de cultura do Amazonas, viria a ser patrono de uma de suas quarenta cadeiras.

E ASSIM, SURTIU O PRESENTE ESTUDO

A seguir, depois das curtas linhas de elogio a Sílvia Romero, o perfil, também curto, dos membros que vieram a ocupar a poltrona, o seu significado para as letras e a cultura desta parte encravada no Extremo Norte brasileiro. A Academia, que se tem caracterizado como a entidade pela qual passaram as mais expressivas figuras do Estado, tem também o privilégio de contar entre os seus patronos um escritor do porte de Sílvia Romero, que honraria quaisquer academias do mundo, não obstante aspectos que se possam considerar negativos no arcabouço da crítica literária e dos caminhos que quis dar à sua concepção de história da nossa literatura, em parte pelo seu temperamento camilianamente aguerrido, pela sua tendência às apreciações pessoais, que lhe impediram uma visão serena e imparcial dos homens e das coisas do Brasil do seu tempo. Era extremado nas suas críticas e julgamentos, por exemplo, considera Tobias Barreto o maior “poeta condoreiro” e romântico da nossa Literatura e arremete contra Machado de Assis talvez sem muitos motivos justificados, pensava-se. Assim era Sílvia, mas ninguém poderá desconhecer que foi um admirável trabalhador intelectual, um desbravador de caminhos, um crítico que implanta novos métodos críticos e consegue fugir ao impressionismo dominante nos arraiais da crítica literária. E como trabalhou esse homem! E acredito que essa sua qualidade é o que mais comove aqueles que se dedicam a estudar um dos períodos mais agitados e também mais produtivos das letras pátrias, período dominado por intensa inquietação nacional.

Foi este admirável agitador de ideias que os acadêmicos que ocuparam, desde a fundação da Academia, a poltrona n.º 4 e tiveram, como se dizia outrora, Sílvio Romero como seu nume estelar. E mais algumas linhas sobre esse gigante, à guisa de complementação, antes de passarmos aos perfis dos três acadêmicos que me antecederam e umas poucas notas autobiográficas.

AINDA ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O PATRONO DA POLTRONA N.º 4

Sílvio Vasconcelos da Silva Ramos Romero era de Lagarto, Sergipe, onde, como se dizia outrora usando de adorável chavão tão em voga, viu a luz da vida em 21 de abril de 1851 e morreu no Rio de Janeiro aos 63 anos. Com apenas 18 anos publica, no Recife, onde estava a cursar Direito, um livro sobre *A Poesia Contemporânea*. Daí para diante não mais parou e enveredou por todos os caminhos das Letras: a história da filosofia, a poesia, a biografia, a história da literatura, o folclore (de que foi dos primeiros estudiosos brasileiros), a polêmica literária na qual foi sempre temido e também na qual procedeu algumas vezes de modo desabusado que chocaram os coetâneos, a sociologia, em uma inquietação extraordinária, mas foi na crítica literária, na grande crítica, que se encontrou definitivamente. Foi dos nossos escritores mais cultos e preparados e se emparelha com José Veríssimo na historiografia literária, deste se distancia por ser mais culto, ter mais amplas leituras e possuir familiaridade com a poesia, sendo *lui-même* bom poeta com os *Cantos do Fim do Século*, de 1878, e com os

Últimos Harpejos, de 1883, títulos bem românticos, diga-se de passagem. Enquanto Veríssimo, possivelmente mais imparcial e justo nos seus juízos, menos apaixonado na sua visão dos homens e escritores da sua época, se sentia com total incapacidade para julgar os poetas do seu tempo por jamais haver poetado e, comentavam os seus companheiros de lides literárias, era espírito seco e objetivo, Romero, por outra parte, sentia-se mais à vontade para lhes analisar as obras. Foi poeta romântico, e muito leu e apreciou os poetas e algumas das suas obras poéticas, se não se podem ombrear com a dos grandes poetas da época, nem por isso podem ser desconsideradas. Seja como for, o seu longo trato com os poetas, a sua defesa insofrida de Tobias Barreto – e, por ele, leu o que havia de melhor no seu tempo, especialmente entre os chamados “condoreiros”, para chegar à conclusão que o émulo de Castro Alves fora o melhor do Brasil, muito leu e muito meditou acerca dos poetas do Romantismo nacional, se bem que, no caso de Tobias Barreto (não nos esqueçamos!), um pouco dessa decisão extrema se devesse ao seu espírito apaixonado! –, tudo isto como que o qualifica para julgar poetas e poesia, o que também aconteceria depois com Ronald de Carvalho, bom poeta, pois era poeta a julgar poetas. Mas quando se passa a José Veríssimo, de quem se dizia, não sem ironia, que era incapaz de ler e apreciar poesia, a situação muda... Romero se era truculento no ataque, era igualmente generoso e despedido de inveja, chegando a estudar em livros, e com profundidade, autores seus contemporâneos e seus conhecidos das rodas literárias, como fez com Luís Murat, em 1891, e já bem antes com Valentim Magalhães, em 1884, gesto poucas

vezes igualado nas nossas Letras, sobretudo porque à época em que sobre eles escreveu, ambos eram muito jovens, mais jovens do que ele, o crítico e protetor literário e defensor espontâneo. Comove-me esta atitude, nobre, generosa e desprendida de Romero, simplesmente pelo motivo de que nem Murat nem Valentim Magalhães eram figuras exponenciais naqueles dias se comparadas com a de outros de maior nomeada (o primeiro, tornar-se-ia célebre por alguns sonetos, efetivamente primorosos, mas que ficariam depois apenas nas antologias poéticas, enquanto o segundo, na apreciação serena de Rubens Borba de Moraes⁷ foi um “escritor prolífero, não deixou nenhuma obra-prima. As histórias da literatura, redigidas hoje, não lhe consagram mais que um ou dois parágrafos”)⁸ e, tanto assim, que hoje em dia as suas obras estão quase praticamente esquecidas e eles apenas são citados nas histórias da Literatura por terem feito parte de uma época de grande esplendor e de grande agitação no Brasil cultural *fin-de-siècle* e primeiros anos do século xx. Perambulando pelos distantes e fascinantes estudos da filosofia alemã (à qual ele chega levado pela influência do seu ídolo maior, Tobias, que descobre para o Brasil da sua época a sedução do pensamento filosófico alemão, proclamando-o acima do francês, que a grande maioria parecia seguir, e é ainda pela influência barretiana que Sílvio se mete a estudar a língua alemã, pois, é inegável, o jurista de *Menores e Loucos* foi a mais decisiva e perdurável influência na vida cultural do crítico), lendo e convivendo com a obra dos mais representativos nomes das letras francesas, Sílvio não esquecia a nossa gente e vai mais

longe quando devota entranhado carinho pelas coisas da sua terra natal ao organizar, apresentar e anotar um *Parnaso Sergipano*, em 1905, publicado em Aracaju. Como João Ribeiro era um escritor que passeava livremente pelas letras europeias sem deixar de sentir o cheiro da terra natal, um primitivo que se requinta pelo saber e pelas preferências culturais dos países que estavam na dianteira do mundo, mas não esquece o feijão com arroz e a farinha de mandioca... Até se faziam ironias com o seu germanismo e a sua cultura estética europeia que ele procurou assimilar como podia, à pressa e um tanto desordenadamente, e isto sem deixar de ser profunda e entranhadamente brasileiro, inclusive disso fazendo moça, pois até na sua apresentação pessoal continuava o filho de um Brasil *in fiat*, um Brasil que andava em busca de modelos em que se amparar, um Brasil com República ainda recente, violenta e sanguinária, que substituíra, pela força das armas, pela traição de um protegido do imperador e ante a proverbial indiferença popular, a monarquia liberal e ordeira e varrera uma dinastia que na verdade fizera o Estado

• • •

7. IN: *O Bibliófilo Aprendiç*. 2.^a ED. REVISTA E AUMENTADA. SÃO PAULO: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1975.

8. *Op. cit.*, p. 59. TALVEZ NÃO SEJA TANTO ASSIM COMO ESCREVE O ERUDITO BIBLIÓFILO, HOMEM DE REQUINTADO GOSTO LITERÁRIO. CAIU NO ESQUECIMENTO SE COMPARADO COM OUTROS DA ÉPOCA, COMO COELHO NETO, OS IRMÃOS AZEVEDO, ALUÍZIO E ARTUR), MAS TEM HAVIDO REEDIÇÕES DO SEU ROMANCE MAIS CONHECIDO, *Flor de Sangue*, CUJA LEITURA SE NÃO PRENDE COMO A DE COELHO NETO OU UM DOS ROMANCES DITOS NATURALISTAS DE ALUÍZIO, TAMBÉM NÃO CHEGA A FAZER DORMIR O LEITOR EVENTUAL...

Nacional em meio à paz e à ordem. Sílvio carregava consigo todos estes conflitos, que passa para a sua obra. Vale a pena repetir o juízo sempre sereno de Ronald de Carvalho sobre a sua personalidade. Escreve ele: "Formado sob a influência das ideias francesas e germânicas, seu espírito não perdeu, todavia, as características próprias da raça".⁹ Como outros espíritos privilegiados da época, ele não se desenraizou nem adotou posturas ridiculamente esnobes com respeito às nossas coisas. A superioridade da ciência e da cultura geral europeias serviu apenas como um bom instrumento a ser usado quando discutia o Brasil cultural *fin-de-siècle* e o dos primeiros quinze anos do século XX. Esta posição eminentemente nacional faz com que Sílvio Romero surja sempre como um semeador de ideias avançadas, um defensor e crente na grandeza e importância das nossas Letras e um desbravador. Parece que esta é uma das suas maiores qualidades, a de desbravador. Cometeu erros de julgamento, sim, cometeu-os muitos, em boa parte pelo tom polêmico que assumia quase sempre, e por erros de observação e aplicação de métodos que, mais tarde, provaram falhos, como julgar a cultura pela raça ou então partir antes para uma condenação dos homens do que dos seus princípios, o que mereceu reparos com o seu quê de ironia por parte de quem procurou compreendê-lo mais do que muitos daqueles dias; Ronald de Carvalho, que advertiu vir isto tudo "por mal do seu coração, que era um tanto feminino, tal a instabilidade das suas preferências".¹⁰ Penso que poucas vezes um conhecedor da obra romeriana lhe salientou com tamanha precisão a sua instabilidade, chamando-lhe coração

feminino, por instável, o que relia o shakespeariano, fragilidade feminina, no sentido de mutável... Marcou indelevelmente a nossa cultura e soube indicar a necessidade de se abandonarem os velhos métodos capengas, defendendo a estreita vinculação da cultura e da ética, acreditando que quando havia estranhamento entre elas, a crítica perdia o seu papel norteador e didático, e que este distanciamento era responsável pelo que ele dizia ser a crítica solerte que abundava na capital do." País e nas principais cidades onde existia movimento literário. Pregava e defendia com denodo a adoção das bases científicas e a premente necessidade de uma teoria que amparasse os estudos críticos e a tal ponto foi importante o seu magistério que se poderia mesmo falar de uma crítica literária antes e

•••

9. *Op. cit.* PÁG. 322.

10. *Ibidem*, PÁG. 323.

11. CFR. SCHWEITZER, ALBERT IN: *Kultur und Ethik*. SONDERAUSGABE MIT EINSCHLUSS VON *Verfall und Wiederaufbau der Kultur*. MUNIQUE: C.H. BECK'SCHE VERLAGSBUCHHANDLUNG, 1960. II TOMOS. LEIA-SE, COM MUITO PROVEITO, NO PRIMEIRO TOMO O ITEM ACERCA DE *Kultur und Weltanschauung*, DE PÁG. 71 USQUE 73, E TENHA-SE PRESENTE A MEDITAR O SEGUINTE TRECHO: "DER AUKUNFT DER KULTUR HÄNGT ALSO DAVON AB, OB ES DEM DENKEN MÖGLICH IST, ZUR EINER WELTANSCHAUUNG ZU GELANGEN, DIE DEN OPTIMISMUS, DAS HEISST DIE WELT-UND LEBENSBEJAHUNG, UND DIE ETHIK SICHERER UND ELEMENTARER BESITZT ALS DIE BISHERIGEN". P. 73. LOGO NO INÍCIO DO SEU BELO E PROFUNDO LIVRO, SCHWEITZER FALA DO OCASO DA CULTURA E DA ENERGIA DA CULTURA E CONCLUI QUE "WIR KAMEN VON DER KULTUR AB, WEIL KEIN NACHDENKEN ÜBER KULTUR UNTER UNS VORHANDEN WAR". P. 15.

depois de Sílvio Romero. Havia nele uma estranha força interior, um otimismo por vezes exagerado, uma crença, por vezes ingênua e comovedora na grandeza do Brasil – ah, como esse homem amava e acreditava no Brasil e no seu futuro! –, uma pureza de criança nas coisas da arte, das letras, da ciência, que não deixam de tocar-nos ainda hoje, tantos anos passados de sua morte. Achava, pois, entusiasticamente, que a *Kultur* não pode distanciar-se de uma ética norteadora. Batia neste ponto. Parecia antever um conceito já da Modernidade de que o futuro da cultura dependeria de uma recriação das bases e de nova cosmovisão em que otimismo, afirmação vital e ética se fizessem presentes, quase que *pré-vendo* o que mais de meio século depois o filósofo Albert Schweitzer enunciaria no seu sempre atual e discutido *Kultur und Ethik*.¹² Foi um desbravador e um prenunciador. E não creio que se possa falar de crítica literária no Brasil sem se pôr em destaque o nome e a obra ciclópica, sem dúvidas caótica e irregular, mas fundamentada e bem pensada de Sílvio Romero e quando Ronald de Carvalho escreve com justiça que esse nome “marca um período na história da nossa literatura”,¹³ vou mais além para dizer que ele marca um momento especial não apenas na literatura mas na cultura da nossa pátria, que tanto amou e dignificou. À sua obra Ronald de Carvalho chamou-a europeia e era-o na verdade, sem aquele ranço compadresco de que padecia a obra de puro elogio e conveniências de outros críticos da época, ainda apegados às questões de correção da gramática normativa, do purismo vernacular. Romero fez *tabula rasa* desses aspectos até então imprescindíveis em qualquer exercício

crítico. Traz até nós modelos germânicos e franceses, como o fizera o seu ídolo.

Não sei se Romero, vivendo mais alguns anos, teria podido reorganizar e melhor elaborar a sua *História da Literatura Brasileira*, dando-lhe uma sistematização metodológica dentro de uma mais rígida cronologia e separando mais cuidadosamente os movimentos e escolas surgidos nos dias em que ele exercia a crítica, que disto ela estava precisada, cortando algumas apreciações que pecam pelo exagero, evitando o tom polêmico de algumas apreciações, o radicalismo de certas afirmações pessoais que se não coadunam com a imparcialidade de um crítico. É difícil dizer o que poderia ter sido feito. Ou se já dera tudo o que podia haver dado. Morreu relativamente novo, mas aos 63 anos estava como que inteiramente esgotado em parte pela incompreensão dos que acreditava pudessem seguir nas suas pegadas. Parece, também, que perdera um pouco do seu temperamento esfuziante. Não vira a sua pregação pela reformulação dos estudos críticos literários seguida e adotada. Como João Ribeiro, que morre com mais idade, aos 70, Sílvio Romero achava-se esgotado. Desconheço se perdera a sua crença inabalável na brasilidade, mas não foi esquecido e de quando em vez aparecem livros sobre as suas ideias críticas, sobre a sua obra capital

• • •

12. CFR. TRECHO ACIMA, ESPECIALMENTE QUANDO SCHWEITZER DISCUTE O FUTURO DA CULTURA. COINCIDE COM O PENSAMENTO DE ROMERO, QUE ANTEVIU O PENSAMENTO DO FILÓSOFO E HUMANISTA SUÍÇO.

13. *Ibidem*, PÁG. 324.

apondo-lhe reparos ou elogiando-a. Dotou a Literatura Brasileira de uma nova crítica e precisa-se desfazer o mito do homem brigão, que chega a empanar-lhe a importância crítica. Se por algumas vezes errou redondamente, deixando-se levar pelo seu temperamento, não esqueçamos que foi um desbravador, repito-o. E Afrânio Coutinho, dos maiores estudiosos da história das nossas Letras, um espírito culto e sereno, rebela-se contra essa opinião generalizada de que “Sílvia era um brigão, um provocador, cujas ideias só existiam em função de suas paixões e ligações de amizade”,¹⁴ sugere que o olhemos com mais compreensão. E justiça. Foi o que se tentou fazer no discurso de posse na Academia, comentando-se a sua passagem tumultuada, sim, pela crítica nacional, em todos os aspectos e sem sombra de dúvidas uma figura polêmica e, *malgré tout*, muito simpática, talvez pela energia que brotava dos seus escritos e por assumir posições sempre corajosamente, sem medo, o que, devemos confessá-lo, nem sempre acontece com aqueles que fazem da crítica a sua atividade principal. Dizer que era um anjo é desmerecer e caluniar a realidade dos fatos, mas sem esquecer quanto fez, quanto deixou e o quanto serviu como orientador de uma nova crítica, agora chamada de científica.

Repito: foi este o gigante que os idealizadores e fundadores da Academia Amazonense de Letras escolheram para patrono da cadeira n.º 4, ocupada desde a sua fundação até o presente por quatro acadêmicos.

O FUNDADOR DE APENAS 21 ANOS...

O primeiro foi o citado Odilon de Lima, em 1918, passando depois para Alfredo da Matta, Aderson Andrade de Menezes e o autor destas notas. Vale ressaltar que Alfredo da Matta não substituiu o fundador por morte deste, como seria curial e acontece em todas as academias do mundo, mas por uma esdrúxula reforma dos Estatutos que considerava a cadeira vacante por transferência do acadêmico para outro lugar que não o da sede da Academia, o que é um absurdo, de uma irracionalidade gritante, pois estaria a forçar um localismo, um regionalismo *démodé* e doentio: alguém saiu de determinado lugar e já deixa de pertencer-lhe, já arranca e destrói todas as raízes. É uma escravização aos limites geográficos, o que *desumanizaria* por completo o homem, tornando-o mero brinquedo, marionete da geografia. Ora, ninguém perde as raízes pelo simples distanciamento ou ausência. Felizmente esse absurdo foi mais tarde corrigido e, como na Mineira, na Paulista e nas demais academias dos Estados da Federação, a exemplo da Brasileira de Letras, nenhum acadêmico de número, ou efetivo, perde a sua efetividade por transferir-se de um lugar para o outro. Na verdade a simples mudança de domicílio não deve ser impedimento para desligamento do acadêmico, ou a sua “cassação” da imortalidade. Seria irresponsável e decepcionante se assim fosse.

• • •

14. CFR. COUTINHO, AFRÂNIO. *Crítica e Teoria Literária*. RIO DE JANEIRO: TEMPO BRASILEIRO, EM CONVÊNIO COM AS EDIÇÕES DA UF DO CEARÁ, 1987, p. 235.

O fundador, que foi dos mais jovens acadêmicos que passaram pelo casarão da avenida Ramos Ferreira – e poucos intelectuais terão ingressado, que eu saiba, tão moços quanto Odilon em uma academia e, neste particular, parece-se, observadas as devidas proporções, a um extraordinário e inquieto romancista brasileiro, menino prodígio como foi um dia conhecido: Graça Aranha, o primoroso artista de *Canaã* –, parece não ter deixado livro publicado ao fixar-se no Rio de Janeiro, onde faleceu em 11 de junho de 1980, curiosamente muito depois do seu sucessor, Alfredo Augusto da Matta, mais velho de nascimento do que Odilon de Lima, e que morre em 3 de março de 1954, também no Rio de Janeiro, onde passara a residir... Um quiproquó sem solução nem explicação...

Dos quatro ocupantes, três eram formados em Direito, sendo dois doutores e um bacharel, e um formado em Medicina. Dois nortistas e dois nordestinos. Odilon de Lima, de quem Diniz de Carvalho escreve ter atuado “com desenvoltura na imprensa de Manaus e do Rio de Janeiro”,¹⁵ era como outros da época, um escritor sem livro, desses que se desperdiçavam nas lides jornalísticas, nas conversas de rodas literárias e planeavam muito, sem tempo ou sem a persistência necessária para passarem para o papel as ideias que lhes fervilhavam na cabeça, fenômeno muito comum entre os decadentes *fin-de-siècle* e primeiros anos do século passado, nostálgicos parece que de uma boêmia ultrapassada. Na própria Academia Brasileira de Letras houve casos semelhantes, e Lauro Müller, para cumprir com o regimento interno, concorreu com um discurso impresso

em letras bastante graúdas, para dar aparência de opúsculo, e Graça Aranha ainda nada havia publicado quando se tornou acadêmico, ainda que, mais tarde, houvesse publicado diversos livros de grande significação para a nossa literatura. Na Academia Amazonense de Letras há vários desses representantes e mesmo um de seus mais conhecidos membros, dos mais venerados, Adriano Jorge, nada deixou publicado em livros, ainda que abundassem artigos, crônicas e discursos reproduzidos nas folhas efêmeras da capital ou, quando muito, discursos de poucas páginas publicados em folhetos que se perdiam e que não deixavam ver o talento verdadeiro do autor. Só recentemente o escritor Gaitano Antonaccio, generosamente, prefaciou e republicou desse inspirado orador um esfuziante discurso denominado *A Luz*, que, pronunciado no Ideal Clube e que de tão emotivo teria tido muita repercussão entre os ouvintes. Como quase todo o discurso, a sua nomeada durou o que durou a aura do orador: comentado pelos que o ouviram, com algumas fugazes notas de elogio nos jornais do dia seguinte, sumiu e foi esquecido até que Antonaccio o desencavou dos arquivos poeirentos e lhe deu a forma de elegante folheto, que distribuiu à mancha. O já citado historiador e biógrafo-dicionarista tem palavras preñes de elogios para com o fundador da cadeira n.º 4, escrevendo que Odilon de Lima foi um “filólogo e advogado, jornalista e escritor”¹⁶ e que “era versado em gramática e filologia o que lhe assegurava lugar

• • •

15. *Op. cit.*, pág. 94.

16. *Ibidem*, pág. 94.

de destaque nos meios intelectuais da Manaus culta daquela época”.¹⁷ Se não há exagero por parte do seu biógrafo, era efetivamente um homem de muito talento e de extensa curiosidade intelectual. Tornou-se acadêmico, pois, com apenas 21 anos e ao mudar-se para o Rio, ter-se-ia depois dedicado à política em Niterói onde veio a falecer aos 84 anos. Em vão procuraram-se nos arquivos e na biblioteca da Academia algum livro ou folhetos de Odilon. O que há nos jornais da época é uma boa messe de contribuição jornalística e que poderia, com boa vontade da instituição a que pertenceu e outros órgãos governamentais, ser reunida por ordem cronológica e de assuntos e, antecedida de notas biográficas e introdução biobibliográfica, formando com esse acervo o livro que ele não chegou nunca a brindar à sua Academia e à terra que o acolheu, e que seria o primeiro desse autor no Amazonas. Seria, também, penso, um modo de fazer reviver o nome do estreante da cadeira n.º 4, um inquieto alagoano nascido em Viçosa, em 1897 e que, seduzido pela fama de dinheiro e oportunidades que corria pelo Norte, se transfere “como tantos outros intelectuais, atraídos pelo fascínio da selva”, como, de modo lírico e entusiástico, escreve Diniz de Carvalho.¹⁸ Recentemente, Antonaccio investigou a pedido de quem escreve estas linhas, em revistas e livros da época, editados em Manaus, uma foto e produções do primeiro ocupante da poltrona n.º 4 e viu frustrados os seus esforços. Nada encontrou. Por sua vez, a Academia, envolvida nas atividades culturais programáticas, a exemplo de outras do país, pouco ou nada responde a consultas, além de descuidar-se dos seus fundadores e primeiros componentes.

É de lamentar-se que quase nada se conheça da produção de Odilon Valeriano de Lima e que a Academia não se tenha preocupado todos estes anos em organizar um arquivo mínimo referente a um dos seus idealizadores e fundadores, possivelmente alguém de muito talento a ponto de, em tão verdes anos, tornar-se imortal e mais ainda, haver-se dedicado a estudos não usuais entre moços: a gramática e a filologia. Chega-se a duvidar dessa produção, que se propagou ser vasta, e fazer-se então perguntas embaraçosas e que estão à espera de resposta: Onde anda essa obra especializada? Terá realmente existido? Teria Odilon publicado tantos artigos assim como se propalou, ou seria mais um desses mitos inéditos, escritores sem livros, que desperdiçaram o tempo nas conversações nos cafés e restaurantes, como aquela boêmia dourada que Coelho Neto descreveu, com tanto fogo e entusiasmo, nas páginas de *A Conquista*.¹⁹ Por outro lado a Academia tem-se descuidado da recolha do que porventura não só Odilon, mas outros escritores e acadêmicos daqueles dias porventura hajam estampado nos jornais e revistas. Algumas vezes patrocinam publicações de

• • •

17. *Ibidem*, PÁG. 94.

18. *Ibidem*, PÁG. 94.

19. SUGERE-SE A LEITURA DESSE ROMANCE DE COELHO NETO, DOS MAIS CONHECIDOS E CITADOS EM MEIO À OBRA GIGANTESCA DO ESCRITOR. *A Conquista* (CFR. A 2.ª ED., PORTO: CHARDRON, DE LELLO & IRMÃO, 1913, 438 P.). CONTA, DE MANEIRA EXUBERANTE E POR VEZES REPETITIVA E CANSATIVA, OS DIAS DESSA BOÊMIA DOURADA DOS ÚLTIMOS DIAS DO II IMPÉRIO E PELAS SUAS PÁGINAS DESFILAM, SOB PSEUDÔNIMOS, OS MAIS IMPORTANTES ESCRITORES.

somenos importância, ou desperdiçam tempo e dinheiro em comemorações sem quaisquer significados, com as atenções mais voltadas para os acontecimentos sociais, do que com estudos mais sérios e com vistas ao futuro historiador da evolução das Letras nesta parte do país. Seria, acredito, louvável e meritória a preparação de arquivos e ainda a republicação de livros dos primeiros acadêmicos, a busca e seleção de artigos e ensaios aparecidos em jornais e revistas de curta duração de início do século XX e a sua publicação em livros ou em edições comemorativas da *Revista da Academia*, dentro de uma rígida metodologia científica, de modo a servir aos estudantes universitários, sobretudo aos dos cursos de Letras e aos investigadores de fora. Com este descaso, será difícil poder fazer-se, no futuro, uma História da Academia Amazonense de Letras completa e fartamente documentada e, não fossem os esforços de Diniz de Carvalho, muitos dos nomes que formaram aquela plêiade de homens inquietos, ricos de ideias e planos, sonhadores, mas profundamente dispersivos e de obra fragmentária, nada haveria que lhes lembrasse os nomes, e estariam cobertos por grossa camada da poeira do esquecimento, como tantíssimos outros por todos os rincões do nosso país.

UMA CURIOSA SUCESSÃO... EM VIDA: ALFREDO DA MATTA

O segundo ocupante, Alfredo Augusto da Matta (que, bem mais tarde, por uma dessas manobras em que o apego regionalista tem muito a ver, viria a ser considerado patrono da

cadeira n.º 39, quando de nova reformulação e alteração de nome dos patronos e fundadores), teve uma vida de vitórias, seja como homem de ciências, seja como político, morrendo aos 84 anos, cercado da estima e respeito dos contemporâneos. A sua bibliografia é quase toda ela científica, no campo da Medicina e, segundo o autor que vimos citando no correr destas linhas, teria deixado nada menos do que 234 monografias,²⁰ o que, convenhamos, é um número respeitável. Especialista em profilaxia e dermatologia, diz-se que teria sido um dos responsáveis pela extinção da febre amarela em Manaus, a ponto de ser elogiado por Oswaldo Cruz, elogio que equivale por um prêmio. Pelo menos é o que o ufanismo regional costuma acentuar todas as vezes em que se toca no seu nome. Pode ser e não esqueçamos que deixou muitos livros da sua especialidade, que tiveram grande nomeada como *Flora Médica Amazonense*, *Geografia Botânica do Estado do Amazonas*, *Insetos Úteis e Prejudiciais à Lavoura*, *Profilaxia do Impaludismo*, *Os Inimigos da Seringueira*, *Leishmanioses*, *Tricocefaloses* e outras obras gabadas nos cercados médicos. Quase nada de feição literária poderia ser-lhe creditada se descontarmos o seu *O Brasil Central – Viagens e Explorações*. Das ciências médicas vieram alguns dos bons escritores nacionais que mesmo escrevendo de temas muito especializados e mais de interesse dos cientistas dos que do afeiçoados às letras, conseguiam produzir uma obra que se lia com interesse e admiração como Francisco de

• • •

20. CFR. DINIZ, *op. cit.* PÁG. 69, IN: VERBETE *Alfredo da Matta*.

Castro e Abreu Fialho, para não falarmos de Aloísio de Castro e Afrânio Peixoto, mais artistas que cientistas, mais literatos que tratadistas da Medicina. Eram escritores que primavam por um estilo agradável e enleador, como os dois últimos citados e não esqueçamos que Afrânio Peixoto, mesmo quando se dispôs a escrever um tratado de *Medicina Legal*, que esteve muito em voga faz uns cinquenta anos e que ainda é consultado com proveito, fê-lo com arte e elegância, que faz com que o leitor esqueça que está a ler estudo científico, de assunto árido, e altamente especializado, prenhe de termos técnicos próprios, para lembrar somente que o legista e professor escreveu não apenas este, mas outros livros seus de ciência, com arte e suma elegância. O substituto de Odilon de Lima não seguiu as lições de seus colegas: a sua escrita era frequentemente rebarbativa, repleta de termos científicos especializados lançados a esmo sem notas explicativas, e que apenas os especialistas e os diretamente interessados nesses estudos conseguem decifrar, escritos sem beleza, sem cuidado literário, estilo deselegante e rebarbativo, valendo, porém, pelos ensinamentos e resultados das investigações realizadas com paciência e probidade.

Foi uma vida dedicada à ciência e nela sagrou-se vencedor. Afora isso teve participação direta na fundação da Universidade de Manaus e quando no Senado da República defendeu com denodo interesses da sua terra de adoção. Matta era soteropolitano, tendo-se transferido, cedo, ainda no vigor da mocidade, para o Amazonas, onde teve reconhecimento e glória. Há em Manaus instituições de saúde que levam o seu

nome e muito merecidamente, pelo muito que se devotou ao bem-estar e à saúde dos habitantes. Pouco há nos arquivos da Academia sobre Alfredo da Matta, mas o seu nome está menos coberto do pó do esquecimento do que o seu antecessor na cadeira n.º 4, em parte também pela sua atuação na vida política, essa política que pode abafar talentos literários naqueles que abandonam o convívio das Letras pelos holofotes do cenário político, muito mais brilhantes e encantadores, mas capaz de manter vivo um nome, mesmo muito além dos seus méritos como homem comum.

UMA VOCAÇÃO DE PROFESSOR E JURISTA

Com a morte de da Matta, em 1954, candidatou-se à sua vaga Aderson Andrade de Menezes, professor de Teoria Geral do Estado na então Faculdade de Direito do Amazonas, a mais antiga e tradicional das instituições de ensino superior no culturalmente atrasado Amazonas de então, atraso gritante que somente seria corrigido com o advento da benéfica e empreendedora Revolução Cívico-Militar de 1964 e a chegada de Arthur Cézár Ferreira Reis ao Governo do Estado em substituição às fracas e incompetentes administrações anteriores em que dois políticos, mais tarde punidos por ato do supremo comando da Revolução, se revezavam, como se se tratasse de acordo entre ambos para se aboletarem no Palácio Rio Negro, como se fora propriedade privada.

Teve carreira meteórica e exerceu, sempre com muita seriedade, destacados cargos na administração pública, de diretor da

Penitenciária do Estado a chefe de Polícia, como então se chamava o que hoje a nomenclatura administrativa chama de secretário de Estado da Segurança; de juiz substituto da comarca de Manaus a secretário de Estado da Educação e Cultura. Doutor em Direito, a sua vocação mesmo era para o ensino superior e neste campo parece ter-se realizado plenamente, logrando chegar a catedrático de Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito em memorável concurso de títulos e provas e professor de instituições do Direito Público, da Faculdade de Ciências Econômicas. Com apenas 46 anos seria escolhido e nomeado para primeiro reitor da recém-estabelecida Universidade do Amazonas. Politicamente alinhou-se com a nova ordem que surgia, aderindo ao Regime instaurado em 1964: Aderson de Menezes, contudo, manteve sempre a sua postura independente. Este é um fato curioso para o qual chamo a atenção dos que um dia pensarem em dedicar-se ao estudo da vida e obra desse acadêmico: um homem inquieto, de atitudes temperamentais, áspero e decidido, apresentando semelhança com o patrono da cadeira que ocupou. Aderson era, porém, um conservador que não aceitava os esquerdistas que queriam incendiar o país com ideias arrojadas e inaceitáveis, e lembro, ainda, de conversa pessoal quando ouvi de sua boca elogios sinceros aos que combatiam o avanço da esquerda na política nacional, chamando-lhes “perigosos aventureiros”. É um aspecto das ideias políticas de Aderson que precisa ser mais estudado, mormente agora, quando o Brasil se debate no maior atoleiro moral da sua história, justamente pela subida ao Poder dessa gente que o acadêmico e professor tanto temia...

Conheci-o pessoalmente e ainda me lembro de uma noite em que, em companhia do pe. Paulinus Lammeier, culto salesiano alemão que vivera longos anos pelo interior do Estado,²¹

• • •

21. LAMMEIER, MAIS CONHECIDO DA JUVENTUDE ESTUDANTIL COMO PADRE PAULINO, ERA NATURAL DE FULDA, NA ALEMANHA. PROFESSOR DE LATIM E ALEMÃO NO COLÉGIO PEDRO II (O FAMIGERADO COLÉGIO ESTADUAL DO AMAZONAS, DE ONDE SAIRIAM ALGUMAS DAS MAIS ILUSTRES PERSONALIDADES LOCAIS), CONHECIA AINDA SOFRIVELMENTE O GREGO CLÁSSICO, O FRANCÊS, UM POUCO DE ESPANHOL E MUITO BEM O PORTUGUÊS-BRASILEIRO, QUE FALAVA FLUENTEMENTE AINDA QUE COM FORTE ACENTO ALEMÃO. FORA MISSIONÁRIO POR DIVERSOS MUNICÍPIOS E NO EXERCÍCIO DE MISSÕES CONTRAIU A LEPRO, DE QUE MORRERIA MUITOS ANOS DEPOIS EM LEPROSARIA DO RIO DE JANEIRO. FOI UM DE MEUS PRIMEIROS PROFESSORES DE GREGO E DE ALEMÃO E DELE GUARDO BOAS RECORDAÇÕES E ALGUMAS CÔMICAS, COMO QUANDO SE PUNHA A TOMAR CERVEJA E, NOSTÁLGICO, SE PUNHA A RECORDAR A CIDADE NATAL, FECHANDO UM DOS OLHOS E SUANDO EM BICAS. FOI UM DESSES ESTRANGEIROS QUE VIERAM DAR AO NORTE DO BRASIL E DALI NUNCA MAIS SAÍRAM, DEDICANDO-LHE CADA MINUTO DE SUA VIDA. POSSUÍA BOA BIBLIOTECA DE LIVROS EM ALEMÃO, FRANCÊS, ALGUMA COISA DE LATIM E GREGO, CUJO DESTINO NÃO SEI QUAL SERIA. ANTES DE SER TRANSFERIDO PARA A LEPROSARIA DO RIO, ONDE SE FINOU, OFERTOU-ME UMA LINDA EDIÇÃO ALEMÃ DO ROMANCISTA, O CARDEAL WISEMAN (QUE ELE PRONUNCIAVA À ALEMÃ, VÍZEMAN, MESMO SABENDO QUE O CARDEAL, UM DOS HOMENS MAIS CULTOS DO SEU TEMPO, ERA INGLÊS...), *Fabiola*, QUE, TOLAMENTE, QUEIMEI, TEMEROSO DE CONTÁGIO, POIS EXISTIA, ENTÃO, O PAVOR BÍBLICO DA LEPRO, POR SINAL MUITO DIFUNDA NAQUELES DIAS DISTANTES NA REGIÃO NORTE, EM ESPECIAL NO AMAZONAS. O PADRE ERA UMA FIGURA INESQUECÍVEL E BEM MERECEIA FIGURAR EM UM

vasto interior que conhecia melhor do que muito nativo, conversei longamente com Aderson Andrade de Menezes, então dos mais festejados mestres do Direito em Manaus e em plena pujança do seu talento. Conheci-o nessa ocasião, apresentado pelo padre. Aderson falava fluente e de modo agradável. Baixo, atarracado, moreno, cabelo duro, gordalhufo, tipo mais acabado do caboclo nortista, vestido de fato branco, de linho, sem a menor elegância, cativava o ouvinte com a maneira entre enfática e energética como contava os casos de sua vida como professor e como político. Mas deleitava-se sobretudo a falar da vida universitária, das alegrias e desilusões com os estudantes, do enlevo com que falava da sua Faculdade, da qual escrevera e publicara em 1959 a *História da Faculdade de Direito do Amazonas*,²² grosso e bem documentado volume, à imitação do que mestre Clóvis Bevilacqua fizera com a congênere do Recife e Jorge Americano faria com a de São Paulo. A História, força é dizê-lo, sem o menor intuito de denegrir a sua obra de paciência e ingente investigação, não tem, nem de longe, a beleza da de Jorge Americano, nem a leitura fácil da de Bevilacqua. É um trabalho honesto e sério, mas inosso e pesado de se ler. Em 1960, quando lhe fui apresentado (eu já fazia o segundo ano de Direito, via sempre o professor na sua cátedra e na direção da Faculdade, mas nunca tivera oportunidade de falar-lhe assim de perto e sentar-me a seu lado. Naquele tempo, mais inocente, tínhamos uma espécie de admiração e respeito muito alto pelos mestres, resquícios talvez da velha educação patriarcal, e isto como que nos impedia mais estreita aproximação. Ah, Santo Deus, como éramos inocentes!), ele publicara

aquele que seria o seu *opus-major*, o compêndio de *Teoria Geral do Estado*, por uma conhecida editora de São Paulo ou do Rio. Estudei por ele e até hoje, tantos anos depois, quando o folheio, sinto o mesmo encanto daqueles dias e lembro do mestre com simpatia e a mesma admiração, lamentando que tivesse morrido tão moço, quem sabe quanta mais poderia haver deixado... Se éramos prontos à mais desmedida admiração, também sabíamos ser irônicos e cruéis e lembro então as constantes agulhadas que, em tom de despique, dois de meus colegas de então, Luiz Augusto Santa Cruz Machado, depois dos bons magistrados que tivemos, morto dolorosamente, após longa enfermidade, em plena mocidade, e Thury, que seria posteriormente dinâmico e aguerrido promotor

• • •

ARTIGOS DAQUELES QUE SAÍAM NAS PÁGINAS DO *Reader's Digest*. DEUS TENHA EM BOM LUGAR A SUA ALMA GENEROSA!
22. TRATA-SE DE GROSSO E FEIO VOLUME, DE PUBLICAÇÃO LOCAL, PATROCINADA PELA PRÓPRIA FACULDADE, COM LONGA ENUMERAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS, ATOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, RESULTADOS DE PROVAS PARA CATEDRÁTICOS, LIVRES-DOCENTES E DOUTORES, SECAMENTE ELENCADOS SEM ARTE NEM ELEGÂNCIA E, NESTE PONTO, A HISTÓRIA DE ADERSON NEM DE LONGE SE PARECE COM A DE BEVILACQUA, QUE TINHA A SUA VEIA DE ESCRITOR LITERÁRIO, O QUE FALTAVA AO MESTRE CABOCLO, QUE ESCREVA DESELEGANTEMENTE, MAIS PARECENDO FRIO RELATÓRIO BUROCRÁTICO DO QUE A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO... BEVILACQUA FREQUENTARA OS BELETRISTAS FRANCESES E PORTUGUESES, FIZERA PARTE DAQUELA INQUIETA ESCOLA DO RECIFE, EM QUE OS JURISTAS ERAM QUASE TODOS *doublés* DE ESCRITORES. JÁ ADERSON FOI TÃO SOMENTE UM JURISTA. SE QUISESSE TERIA PODIDO SERVIR IGUALMENTE ÀS BELAS-LETRAS, MAS QUIS FICAR UNICAMENTE NAS LETRAS JURÍDICAS!

de Justiça, sujeito brincalhão, muito magro, com avantajado prognatismo, lançavam contra o compêndio do mestre: diziam que Aderson nada mais fizera do que copiar, com leves modificações pioradas, o mais famoso texto universitário da disciplina, de igual nome, de Darcy Azambuja. Li, depois, a *Teoria Geral do Estado* do professor e literato gaúcho e pude constatar que os dois textos tinham alguma semelhança na distribuição da matéria, citavam ambos muito os mesmos autores, o que denunciava a mesma simpatia e preferência por esses autores, que eram na sua grande maioria franceses e considerados clássicos na disciplina, e adotavam a mesma postura que considera o Estado como meio e não como fim, em uma visão inteiramente humanística. Ambos, ao que se infere, gostavam muito dos teóricos franceses, mas ambos, Darcy e Aderson, também davam acolhida aos ensinamentos do suíço Bluntschli. As semelhanças ficavam por aí e penso que o de Aderson era mais rico em informações teóricas, mas menos rígido na questão metodológica e de leitura mais pesadona, mais cansativa. Por sinal, das poucas críticas severas que se lhe possam fazer é justamente o quase desconhecimento de uma metodologia disciplinadora e norteadora e um certo descuido na *scriptura*. Ora, o professor nortista jamais fora um escritor de textos literários nem parecera dar muita atenção ao delicado problema do estilo e da arte de escrever., enquanto o tratadista sulino era conhecido contista, escrevera inclusive primorosos contos regionais, como *No Galpão*, de 1925, que lhe daria muita projeção entre os grandes representantes do regionalismo sulino, livro por sinal citado e elogiado por Alfredo Bosi²³

e mais elogiosamente ainda por Massaud Moisés.²⁴ Aderson não tinha pretensões de estilista, nem esperava que o vissem como

• • •

23. CFR. BOSI, ALFREDO. *História Concisa da Literatura Brasileira*. SÃO PAULO: CULTRIX, 1982, P. 483. BOSI ESCREVE: "O EXTREMO SUL, QUE JÁ DISPUNHA DE UMA TRADIÇÃO CULTURAL REGIONALISTA BEM ESTRUTURADA MANTEVE-A COM DARCI AZAMBUJA (*No Galpão*, 1925)...". NA VERDADE, O LIVRO DE AZAMBUJA É DE 1925 E NÃO DE 1951, COMO DEIXA A ENTENDER BOSI.

24. CFR. MOISÉS, MASSAUD. *História da Literatura Brasileira. Modernismo*. SÃO PAULO: CULTRIX/EDUSP, 1989. MOISÉS COLOCA O TRATADISTA E CONTISTA LADO A LADO COM ÉRICO VERÍSSIMO, IVAN PEDRO DE MARTINS E OUTROS DO CHAMADO "CICLO GAÚCHO". *Op. cit.* P. 181. MAIS ADIANTE, AO TRATAR DA EVOLUÇÃO DO REGIONALISMO, ESCREVE: "A CORRENTE REGIONALISTA DIFUNDE-SE POR TODA A PARTE. TORNANDO-SE UMA DAS VIGAS MESTRAS DA PROSA DE FICÇÃO DO TEMPO. NO RIO GRANDE DO SUL, CONTINUAVA-SE, EM VERDADE, O IMPULSO QUE REMONTAVA, NA PRIMEIRA VINTENA DO SÉCULO, A ALCIDES MAIA, SIMÕES LOPES NETO, ROQUE CALLAGE, AUTOR DE *Escombros* (1910), *Terra Gaúcha* (1914), *Crônicas e Contos* (1920), *Quero Quero* (1927), E, APÓS O ADVENTO DO MODERNISMO, A DARCI AZAMBUJA, AUTOR DE *No Galpão* (1925), LIVRO DE CONTOS, OU ANTES, DE CENAS, "CASOS" OU QUADROS PAISAGÍSTICOS, EM QUE AS NOTAÇÕES LOCALISTAS, IMPREGNADAS DE PAIXÃO PELA CAMPANHA GAÚCHA, SE MISTURAM AO MÍTICO E AO LENDÁRIO, OU EM QUE O REGIONALISMO SE CASA AO FOLCLÓRICO. MAIS TARDE, VOLTARIA AO TEMA, COM ANÁLOGA ORIENTAÇÃO, EM *Romance Antigo* (1940) e *Coxilhas* (1956)", P. 248. COMO SE VÊ, O AUTOR GAÚCHO ERA UM ADMIRADO E DISCUTIDO CONTISTA, CUJA OBRA LITERÁRIA ERA RECONHECIDA E ELOGIADA PELOS ESTUDIOSOS DO MODERNISMO, ENQUANTO ADERSON DE MENEZES NUNCA SE DEDICARA ÀS BELAS-LETRAS, MAS FORA SEMPRE UM HOMEM DO DIREITO.

escritor literário, ou, como se dizia outrora, a beletrista. Os seus livros são, com efeito, escritos sem arte, são antes desalinados, contudo, quando tenta enveredar pela biografia ao traçar a vida de seu amigo, o senador Pedrosa, consegue criar um texto agradável e correntio que se lê com agrado. *Waldemar Pedrosa (Notas Biográficas e Textos Documentais)*, sem que consiga produzir uma biografia no sentido lato desse gênero literário, uma vez que esta sua tentativa biográfica, nada mais são do que notas esparsas, páginas soltas sem um planejamento prévio, em que no tangente ao estilo o especialista do Direito, *malgré tout*, sobrepuja a ambição do biógrafo, ao mesmo tempo em que mostra maior maturidade sendo, como todas as obras de Aderson, um estudo sério, de grande probidade documental e intelectual e sobriedade na análise da personalidade do jurista e político.²⁵ Criou-se entre nós um estúpido e rasteiro conceito, risível igualmente, de que o jurista ao escrever os seus livros não deve preocupar-se em escrever belamente, artisticamente, que isto é coisa de literatos, que a linguagem do Direito é seca, é precisa, é objetiva etc. Ora, isto é absurdamente ridículo e descabido, pois há dezenas e dezenas de autores de bem conceituadas obras jurídicas primorosamente escritas e não me canso de citar o *Direito de Família*, de Lafayette Pereira, obra em que a profundidade teórica, as definições, os sábios conceitos até hoje seguidos pelos civilistas se casa às maravilhas com a beleza do estilo, a forma literária de elegância indiscutida. Não esqueçamos ademais que o texto jurídico, não obstante a objetividade científica que deve norteá-lo, é frequentemente ambíguo, como o é o filosófico pela necessidade

de se exprimirem altos e sutis conceitos com a difícil linguagem escrita, nem sempre domada. E relembro nesta questão da ambigüidade o que escreveu o professor P. W. Alston, da Universidade de Michigan, na sua

• • •

25. NO LIVRO *Do Elogio do Humanismo* (MANAUS: IMPRENSA OFICIAL, 1980), AO REFERIR-ME À BIOGRAFIA QUE DEIXOU DE WALDEMAR PEDROSA, ESCREVI QUE ESTE "É O CANTO DE CISNE DO ACADÊMICO ADERSON DE MENEZES. TALVEZ NÃO ACRESCENTE MUITAS PALMAS À SUA COROA DE GLÓRIAS, MAS É O QUE DE MELHOR O LITERATO QUE ADERSON DE MENEZES TERIA SIDO (SE O DESEJASSE), ESCREVEU EM TODA A SUA VIDA. NÃO MAIS O ESTILO PESADO E CANSATIVO DOS ESTUDOS JURÍDICOS, MAS A PLACIDEZ DA OBRA DE ARTE, MUITO PENSADA E MUITO CORRIGIDA. ESTUDA, PACIENTEMENTE, A LONGA E PROFÍCUA EXISTÊNCIA DE SEU AMIGO E MESTRE, DESDE OS DIAS DE ESTUDANTE ATÉ OS ÚLTIMOS MOMENTOS, VENDO-O SEMPRE COM OS OLHOS DO AMIGO E ADMIRADOR, MAS SEM EXAGEROS DESCABÍVEIS NUM HOMEM QUE CONDENAVA OS EXAGEROS". P. 59 *usque* 60. COMO ACIMA SE DISSE, O JURISTA ESCREVIA SEM MUITO CUIDADO, MAS NA BIOGRAFIA QUE DO AMIGO GIZOU, A EXEMPLO DO QUE PÉRICLES MORAES FIZERA COM A DE LEOPOLDO PÉRES, O CUIDADO COM A BOA ESCRITA ESTÁ PRESENTE, MAIS DO QUE EM QUALQUER OUTRA OBRA SUA. REPRISE-SE QUE *Waldemar Pedrosa. Notas e Textos Documentais* É DE PUBLICAÇÃO PÓSTUMA. SE SE PODE CRITICAR ESTA BIOGRAFIA POR LHE FALTAR UM PLANO PRÉVIO E ROMPER COM O CÂNONE BIOGRÁFICO, EM QUE A NARRAÇÃO SEGUE PAR E PASSO COM A EXIGÊNCIA DA CRONOLOGIA, NÃO SE PODE ESQUECER QUE AO ROMPER COM O CANÔNICO, ESTABELECE UM MÉTODO ORIGINAL AO INTERCALAR EM CADA CAPÍTULO UM TRABALHO ORIGINAL DO BIOGRAFADO, COM O QUE SE CONSTITUI EM AUTÊNTICA ANTOLOGIA DA VASTA E DISPERSA PRODUÇÃO DAQUELE JURISTA E POLÍTICO, MEMBRO E PRESIDENTE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS.

conceituada *Filosofia da Linguagem*,²⁶ de que a linguagem “seria composta de uma particular espécie de signo”.²⁷ Se quisesse, Aderson de Menezes teria sido bom escritor, elegante e disertado, como se viu da leitura da biografia do senador, mas nele a premência do tempo, como se pressentisse o fim que viria rápido e estupidamente em um acidente de automóvel, fazia-se mais e mais presente. É como se tivesse o pressentimento de que cedo partiria e tivesse então de deixar as coisas prontas. São estas perguntas que se fazem nas vidas e atos das pessoas a todo o momento e, voltando-me ainda a Alston, concluir que “o que é perturbador nessas indagações não é o fato de terem uma resposta em vez de outra, mas o fato de não sabermos como proceder para respondê-las”.²⁸ Haveria em Aderson um pressentimento de que não ficaria muito tempo entre nós? São discussões metafísicas sobre a vida e a morte que se fazem sempre em casos semelhantes, sobre o que poderia ter sido na vida de homens que, de certo modo, deixaram sua marca na sociedade e no tempo em que viveram, e não me refiro apenas a Aderson, mas a muitas outras pessoas ilustres que muito realizaram em curto período de tempo, e partiram quando muito deles se esperava ainda. Costuma-se sempre dizer que fulano partiu cedo e que poderia dar muito de si ainda, expressões de gentileza e atenção, mas nem sempre sentidas e honestas. No caso de Aderson repito esta fórmula, com sinceridade, porém. Não veio depois dele, que eu saiba, para a velha faculdade da praça dos Remédios outro professor de Teoria Geral do Estado tão bom e tão seguro como ele. Por sorte ficaram as suas lições enfeitadas em bom livro de texto, do

qual se faz precisa uma edição crítica, com notas e boa introdução ao pensamento jurídico do seu autor, correção da bibliografia, que é caótica, e das citações, feitas sem método. Adaptando-se *Teoria Geral do Estado* a uma rígida metodologia científica e submetendo-o às regras da ABNT, tornar-se-á das melhores obras do tema já escritas para uso dos universitários.

Lembro hoje, quase meio século depois, aquele primeiro encontro e da emoção que senti por estar perto do professor a quem todos nós admirávamos. Havia uma certa ingenuidade em nós, calouros acadêmicos, como se chamava então se dizia, na admiração sincera pelos professores que mais nos impressionavam, a ponto de sentirmos emoção. Isto acabou nas vascas dos tempos e acredito que só raramente, pelo menos entre nós, no Brasil, um jurista, um pensador político, um ensaísta, um intelectual de peso, venha a despertar a mesma ingênua admiração e entusiasmo, ainda que nos velhos países da Europa, mormente na França, um pouco menos na Alemanha e na Grã-Bretanha, isto ainda aconteça. A inocência não estava perdida... Jamais me passaria pela cabeça, naquela noite – digo-o com sinceridade – que, dez anos depois, eu seria eleito para a poltrona que Aderson ocupava, substituindo-o por sua morte prematura em 16 de abril de 1970, em Brasília, em cuja universidade era

• • •

26. ALSTON, P. W. *Filosofia da Linguagem*. TRAD. DE ÁLVARO CABRAL. REVISÃO TÉCNICA DE ALBERTO OLIVA E LUIZ ALBERTO CERQUEIRA, 2.ª ED. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1977.

27. *Op. cit.*, pág. 76.

28. *Ibidem*, pág. 43.

professor titular da disciplina em que se especializara e se fizera respeitado. Estava longe de imaginar naquele dia que, dois anos depois, em 1972, tomaria posse tendo como colegas de sodalício antigos companheiros seus, amigos e colegas que tiveram a ventura de com ele privar no seio da mais alta instituição cultural do Amazonas. O destino arma das suas, e no ano em que morrera Aderson, o antigo discípulo era eleito para cadeira que o mestre ilustrara por quinze anos desde 8 de outubro de 1955, quando foi eleito aos 36 anos, assumindo em 10 de novembro do ano seguinte, saudado pelo jornalista Aristóphano Antony, durante a presidência de seu biografado, Waldemar Pedrosa.

No discurso de posse, procurei seguir-lhe a própria orientação ao escrever sobre a sua obra, evitando o panegírico descabelado como por vezes acontece em situações similares e analisei-a com equilíbrio e justiça,²⁹ comentando os seus livros mais importantes, detendo-me na sua obra máxima, mesmo se, à época, eu me sentisse um crente da força e supremacia do Estado³⁰ e por momentos condenasse até com veemência a posição de Menezes que seguia de perto as posições de Azambuja e Machado Paupério, que condenam a visão do Estado com fim, que sempre segui, ainda que hoje mais moderadamente, não deixava de sublinhar que estávamos todos diante de uma das boas obras do gênero e que merecia o destaque e a sempre crescente admiração que despertava em outros mestres do Direito e entre os estudantes. Outras obras suas como *O Sentido Polêmico da Reforma Eleitoral* e sobretudo nas *Reflexões sobre a Feitura da Lei*, refletem o pensamento

maduro do jurista preocupado com a situação político-partidária em que se debatia o nosso país (e ainda se debate!) e tentava, com sabedoria e argúcia, apresentar novos caminhos que nos tirassem do caos em que o Estado

• • •

29. CFR. SABBÁ GUIMARÃES, NEWTON. *Do Elogio do Humanismo*. MANAUS: IMPRENSA OFICIAL, 1980.

30. ESCREVI, CONTRARIANDO A POSIÇÃO ESPOSADA POR ADERSON DE MENEZES, ALGUMAS CRÍTICAS SOBRE OS PERIGOS DE SE NÃO OLHAR PARA O ESTADO COMO O ÚNICO CRIADOR DO DIREITO E EM DEFESA DAS MINHAS IDEIAS DE ESTATOLATRIA DAQUELES DIAS (QUE, CONFESSO-O, NÃO ABANDONEI NUNCA, MAS QUE, PELA VIVÊNCIA E OS ENSINAMENTOS DA IDADE, ABRANDEI UM POUCO), MUITO ACENTUADAS (VIVÍAMOS POR TODO O MUNDO OS PERIGOS DO AVANÇO COMUNISTA, BRUTAL E ESCRAVIZADOR, SÓ REFREADOS PELOS ESTADOS UNIDOS E SURGIRAM ENTÃO, ALINHADOS COM A GRANDE POTÊNCIA DO NORTE, MUITOS PEQUENOS PAÍSES EM QUE REGIMES DE DIREITA SE FAZIAM FORTES E ESTÁVEIS E, COM ISSO, CRIAVAM-SE ESTADOS EM QUE AS INSTITUIÇÕES ERAM REALMENTE FORTES, ESTÁVEIS E, *ipso facto*, CUMPRIAM MELHOR A SUA MISSÃO, MANTENDO AS LIBERDADES INDIVIDUAIS PREVISTAS NAS SUAS CONSTITUIÇÕES E PROTEGENDO OS NACIONAIS COMO CIDADÃOS, COMO NA NICARÁGUA DO BENEMÉRITO GENERAL ANASTASIO SOMOZA DEBAYLE; NO IRÃ SUPERPODEROSO DO SHAH MOHAMMED REZA PAHLAVI; NA PRÓSPERA E ORDEIRA COREIA DO SUL DO GENERAL PARK CHUNG-HEE; NA FORMOSA DO GENERALÍSSIMO TCHIANG KAI-SHEK; NO PORTUGAL DO DR. SALAZAR QUE LUTAVA, DESESPERADAMENTE, POR MANTER O SEU IMPÉRIO COLONIAL, NO PLENÍCIO DE UMA DESCOLONIZAÇÃO APRESSADA E DANOSA PARA A SUA PRÓPRIA GENTE E QUE SÓ TRARIA MALEFÍCIOS PARA OS POBRES AFRICANOS, QUE ALÉM DE EMPOBRECEREM MAIS AINDA, CAÍRAM SOB OS TACÕES DE DITADORES CORRUPTORES E CRUÉIS; NA ESPANHA CONSERVADORA DO GENERALÍSSIMO DON FRANCISCO FRANCO Y BAHAMONDE,

Nacional estava mergulhado. Aderson de Menezes aí passeava muito à vontade não apenas pela Teoria do Direito Constitucional, amparando-se na obra monumental de Rafael Bielsa, *Compendio de Derecho Público*, ao mesmo tempo em que parecia ter ido também às fontes tomistas de Augusto Ferretti nas suas sempre louvadas *Institutiones Philosophiae Moralis* quando discreta sobre a feitura das leis, ao mesmo tempo em que se filiava à escola de Radbruch nos *Grundzüge der Rechtsphilosophie*, quando acha que o problema da feitura da lei deve ser encarado como “simples problema da filosofia do Direito”, como ali frisei,³¹ e deixa louvável contribuição à questão, nem sempre o bastante compreendida, da feitura da lei e aquele seu último livro citado está à espera de uma nova edição e de muita meditação por parte não somente dos jurisfilósofos, mas dos legisladores que muito ali poderiam aprender, pois se trata de obra atual não obstante escrita há mais de quarenta anos. Mestre Aderson conseguiu, com muita felicidade, manter-se atual na maioria das suas ideias, semeadas por tantos livros, hoje lamentavelmente esquecidos, em parte por terem saído em pequenas edições locais, em parte por não terem encontrado o estudioso que se debruçasse sobre eles e se resolvesse, generosa e justamente, a espanar-lhes a poeira que os cobre. E isto leva-me a lamentar as pequenas edições de província, lembrando-me de conversação com Gaitano Antonaccio sobre o destino dessas tiragens que, com o passar dos anos, terminam por se esgotarem, tornando-se raridades bibliográficas, perdidas em bibliotecas particulares, ou nas prateleiras de livrarias de livros usados, esses nossos tão conhecidos “sebos”.

Desconheço se Aderson de Menezes deixou trabalhos inéditos ou artigos esparsos que devessem ser publicados em livro. A sua obra, tendo-se em vistas que morreu aos 51 anos, é vasta e sólida. Foi um dos grandes jurisperitos

• • •

“CAUDILLO DE ESPAÑA POR LA GRACIA DE DIOS”, COMO ESTAVA ESCRITO NAS MOEDAS, E EM OUTROS PAÍSES, INCLUSIVE O BRASIL ORDEIRO, PRÓSPERO E QUE SE LANÇAVA ARDOROSAMENTE POR UMA INDUSTRIALIZAÇÃO QUE OS *soi-disant* REGIMES DEMOCRÁTICOS DE ANTES JAMAIS TINHAM LOGRADO ENCAMINHAR...). DEFENDIA “O ESTADO, COMO VONTADE ÉTICA UNIVERSAL, É O ÚNICO CRIADOR DO DIREITO. A NAÇÃO NÃO GERA O ESTADO, CONFORME DESEJAVAM OS PUBLICISTAS DOS ESTADOS NATURAIS. PELO CONTRÁRIO, O ESTADO CRIA A NAÇÃO, AQUELE CONCEDE A LIBERDADE POLÍTICA, UMA UNIDADE MORAL, UMA CONSCIÊNCIA ATIVA... O INDIVIDUALISMO EXAGERADO É UMA CONCEPÇÃO DEMAGÓGICA E PERNICIOSA, QUE TEM LEVADO INÚMEROS ESTADOS À BANCARROTA POLÍTICA, INCLUSIVE O BRASIL DE ANTES DA BENÉFICA REVOLUÇÃO DE MARÇO DE 1964. CONSIDERAR O ESTADO UM MEIO EQUIVALE À NEGAÇÃO DO PRÓPRIO ESTADO, ESTA ENTIDADE SUPRA-HUMANA, FORMADORA DO DIREITO E GARANTIA DOS DIREITOS DO HOMEM E DOS DEVERES E OBRIGAÇÕES DO CIDADÃO”. *Op. cit.*, PÁG. 55. GRIFEI. TALVEZ DEVÉSSEMOS REFAZER OUTRA VEZ, ANTE TANTOS ATOS TERRORISTAS PERPETRADOS PELOS FUNDAMENTALISTAS ISLÂMICOS, QUE DESRESPEITAM NÃO SOMENTE A INTEGRIDADE E SOBERANIA DOS ESTADOS, DOS SEUS REGIMES, DAS SUAS INSTITUIÇÕES, MAS TAMBÉM A LIBERDADE INDIVIDUAL, A LIBERDADE DE PENSAMENTO, A LIBERDADE DE RELIGIÃO... EM BOA HORA A DOCTRINA BUSH PREVÊ UM FORTALECIMENTO ESTATAL E UM ENLARGUECIMENTO DAS FRONTEIRAS DO ESTADO NA LUTA GIGANTESCA CONTRA O TERRORISMO MUÇULMANO QUE VEM ENCHENDO DE FAVOR O MUNDO LIVRE.

31. *Ibidem*, PÁG. 59.

e mestres do Direito já nascidos no Amazonas. Como estudioso era um sujeito sério, de uma probidade admirada podendo ser admirado como paradigma para tantos jovens brasileiros que se dedicam às lides forenses e fazem do Direito a sua profissão. Fez mais: o Direito foi para ele missão. Considero um privilégio o ter sido seu discípulo e admirá-lo e dele possuo ainda uma prova mensal em que me aprova com palavras elogiosas, além de dois livros seus com dedicatória. Privar, não cheguei a privar com o professor, em parte pela minha até hoje indisfarçada reserva e em parte por ele ser uma pessoa de gênio difícil. Não há desdouro em fazer alusão ao seu temperamento explosivo, que isto em nada lhe diminui o mérito como professor e como jurista. Nem todos temos que esbanjar simpatia e fácil acolhida aos outros. Os poucos contactos que tivemos – e relembrei sempre aqueles momentos em companhia do pe. Lammeier com embevecimento e estima! –, as poucas vezes em que conversamos, passaram-me a ideia de estar a ouvir um homem culto e de firmes convicções, como ele era, com efeito. Politicamente, um democrata conservador, que não só aceitou o Regime Cívico-Militar que se estabeleceu em 1964 e que mudaria toda a feição da República Federativa, como seu seguidor e admirador, ainda que lhe apontasse algumas falhas, o que me parece correto em um homem da sua envergadura moral. Um homem inteiro, como Sílvio Romero, observadas, desde logo, as devidas proporções, pois o crítico foi um dos homens mais cultos e mais marcantes que o Brasil já teve e Aderson de Menezes, grande também, ficou mais no âmbito regional. Seu irmão Armando, mais jovem e também

saído do casarão da Igreja dos Remédios, confia-me esse generoso Almir Diniz, teria escrito uma biografia de Aderson, o que se fazia necessário.³² Bem mais tarde, vim a tomar conhecimento de *Aderson de Menezes. O Professor (Uma vida dedicada ao estudo e à educação)*, que esta foi a contribuição do também acadêmico irmão do terceiro ocupante da poltrona n.º 4.³³

As novas gerações precisam conhecer e lembrar o mestre de Teoria Geral do Estado, um acadêmico que honrou a Casa de Péricles

• • •

32. APROVEITO ESTAS NOTAS DESPRETENSIOSAS PARA SUGERIR AO IRMÃO ZELOSO DA GLÓRIA DE ADERSON DE MENEZES QUE LHE PROMOVA A PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS, PARECERES E CONFERÊNCIAS QUE POR ACASO NÃO TENHAM SIDO AINDA INCLUÍDOS EM LIVROS, E QUE POSSA CONSEGUIR REEDITAR ALGUNS DOS SEUS MELHORES LIVROS, COM INTRODUÇÃO SOBRE O AUTOR E NOTAS. PENSO QUE ESSAS OBRAS NÃO PODEM FICAR PARA SEMPRE VOTADAS AO ESQUECIMENTO.

33. POSSIVELMENTE POR INTERFERÊNCIA DE GAITANO ANTONACCIO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ESCRITORES DO AMAZONAS – ASSEAM, RECEBI O LIVRO REFERIDO ACIMA, DE ARMANDO ANDRADE DE MENEZES. *Aderson de Menezes. O Professor (Uma vida dedicada ao estudo e à educação)*. MANAUS: EDIÇÕES GOVERNO DO AMAZONAS, 1997. ARMANDO ALUDE AO FATO DE O AUTOR TER SIDO ALUNO DE ADERSON NA SUA DEDICATÓRIA: “PARA O ACADÊMICO NEWTON SABBÁ GUIMARÃES, QUE FOI ALUNO DE ADERSON E O SUCEDEU NA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, COM AS HOMENAGENS DO AUTOR”. O LIVRO NÃO SE CONSTITUI NA VERDADE UMA BIOGRAFIA NO SENTIDO RIGOROSO DO GÊNERO, NEM PÁGINAS MEMORIALÍSTICAS, MAS UMA SÉRIE DE NOTAS SOLTAS, RECOLHAS DE EPISÓDIOS DA VIDA DO PROFESSOR EM UNIÃO COM O AUTOR DO LIVRO, FAMILIARES E AMIGOS ÍNTIMOS, ALÉM DE EXTRATOS DA OBRA DO ESTUDADO, ARTIGOS APÓS A

Moraes por quinze anos e de quem vim a ser por uma dessas brincadeiras do destino, o sucessor na poltrona n.º 4.

AGORA ALGUMAS LINHAS SOBRE O OCUPANTE ATUAL

É difícil para alguém, em sã consciência, falar de si mesmo. Os artistas de cinema, os artistas da televisão e os jogadores de futebol deliciam-se em falar de si mesmos, dos seus êxitos na tela, nas novelas e nos relvados. Alguns vão mais além, e Pelé, com aquele seu português caçanje, de homem de escassíssimos estudos, muito incorreto e fortemente nasal, chega a falar em terceira pessoa, como os príncipes e os papas, e o faz despidoradamente, sem temer o ridículo e a extrema arrogância que há no seu gesto megalomaniaco... Fazem-no quase sempre de modo desinibido, não hesitando sequer por um minuto em usarem de expressões generosas sobre as próprias realizações e atuações e, por vezes, dando-se uma importância que estão longe de possuir. São pessoas conhecidas, celebridades que vivem sob os holofotes, entrevistadas a torto e a direito e a participarem de programas de televisão. Aquilo para elas soa tão simples como para um de nós dirigir-se a uma cafeteria e pedir um sanduíche com café e leite. Perdem o pejo, perdem o recato e some a pouca modéstia, se é que um dia tiveram. Dão-se ares de tanta importância que se colocam acima da autocritica e da vergonha. Parece sempre difícil alguém julgar os próprios atos, apreciar as próprias realizações sem o grave perigo de cair em situações que raiam pelo ridículo ou, em outros casos, pelo

cabotinismo. Aliás, o cabotinismo parece ser mais frequente entre os escritores que se tornaram ícones de uma determinada geração e até os grandes nomes não conseguiram escapar à comichão do cabotinismo e Tom Antongini, conta casos que podem ser vistos como deprimentes na vida do extraordinário romancista de *Il Fuoco*, *Le Vergini delle Rocce* e outros romances primorosos, nas memórias que deixou, já de si mesmas indicativas dos meandros resvaladiços e escuros pelos quais percorreu. *A Vida Secreta de D'Annunzio*.³⁴ Ah, como D'Annunzio gostava de chamar a atenção sobre si, trazer o foco das luzes sobre a sua pessoa e manter-se sob elas a todo custo, deliciando-se com os seus reflexos. Queria era

• • •

MORTE DO JURISTA E MESTRE. UM DOS PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A OBRA DE ADERSON DE MENEZES FOI O AUTOR DESTAS LINHAS E QUE CONSTA DO LIVRO *Do Elogio do Humanismo*, DE 1980, FATO PARECE QUE ESQUECIDO PELO ZELOSO IRMÃO. DE QUALQUER MANEIRA, DAQUI UMA SUGESTÃO PARA QUE ARMANDO PROSSIGA NAS PESQUISAS SOBRE AQUELE PRANTEADO MEMBRO DA ACADEMIA, CUJA OBRA, REPITO, PRECISA DE REPUBLICAÇÃO.

34. ANTONGINI, TOM. *A Vida Secreta de D'Annunzio*. TRAD. DE MANUEL BANDEIRA. SÃO PAULO: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1939. ANTONGINI ESCREVE QUE ELE NÃO TINHA O MENOR AMOR PELAS PRÓPRIAS OBRAS, O QUE JÁ DE SI SÓ ERA UMA FARSA PARA MAIS CHAMAR A ATENÇÃO DO PÚBLICO SOBRE ELAS. GOSTAVA DE GASTAR A RODO E SABER QUE OS OUTROS SABIAM DOS SEUS GASTOS. DAVA-SE ARES DE ARTISTA GENIAL E ATÉ DE INVENTOR... CONTAVA, POR EXEMPLO, QUE QUASE CEGO, DOENTE DE CAMA, ESCREVEU *Il Notturmo* COMO QUE DE UM JATO, FAZENDO-O EM GRANDES FOLHAS DE PAPEL, QUE UMA VEZ TERMINADAS IA ATIRANDO PELO CHÃO... TUDO FANTASIA!

chamar a atenção sobre si e sobre os livros que lançava ao público e por este eram devorados, logo mais traduzidos em francês e outras línguas europeias, tornando-se cada vez mais conhecido e famoso. O cabotinismo tem o seu lado *perverso* e inocente também, além do ridículo que permeia sem dúvidas esses gestos, aparentemente tão questionados, mas na verdade estudados. Diogo Mainardi, em uma de suas crônicas impiedosas, referia-se ao cabotinismo de certo escritor nacional, de pouco estudo e dando-se uma de espiritualista, mago e outras coisas, que se tornou célebre por embair os bobos com as suas besteiradas místicas e por escudar-se em tremendo cabotinismo. E o asno zurrador chegou à mais alta instituição literária do país, a mesma por onde passaram homens como Taunay, Coelho Neto, Bilac, Machado, Guimarães Rosa e outros. Sinal dos tempos, destes dias de grassante mediocridade, de vitória da vulgaridade em todos os campos. *Proh dolor, domine!*

Pouco há a dizer sobre mim, nem teria muito jeito de autobiografar-me, mesmo que em poucas linhas. Não gosto de confidências, nem me parece algo que deva merecer a minha atenção o falar de mim. E ainda mais: por que forçar o leitor a ler confissões *desimportantes* de um escritor desconhecido? Acredito também, e digo-o, piamente, ainda que muito tenha trabalhado e muito estudado, pouco fiz que merecesse a atenção de simples e rápida mirada, além daquilo que qualquer um possa fazer normalmente em uma vida, qualquer vida. O que posso adiantar é que já estou nessa poltrona faz mais de três décadas, procurando, na medida do possível e dentro de minhas

deficiências como homem e como intelectual, honrá-la e dignificá-la, o que deve ser a atitude e a meta de todo o acadêmico. Tenho tido na convivência com outros acadêmicos alguns instantes de alegria e enriquecedora conversação como escrevi na pequena introdução, aprendido com alguns e desaprendido com outros. Lembro uns poucos, já mortos, de quem talvez não fosse exagerado dizer que com eles privei. Com André Araújo, senhor da mais rica biblioteca que jamais conheci na região, como já escrevi antes, apaixonado leitor e que me receberia na Academia, protelando o momento por dois ou mais anos possivelmente por piedosos motivos, ou por lhe ser custoso ter que falar de um desconhecido. Dele recebi vários livros de presente e fez-me secretário da sua diretoria; Moacyr Alves, o bom, sobre quem escrevi artigo³⁵ e a quem recebi no Instituto Histórico; Djalma Batista, que era presidente da instituição quando ali cheguei; Álvaro Maia, de quem herdaria belíssima edição das *Obras Completas de Eça de Queirós*, em edição monumental, sumida mais tarde no correr de tantas viagens e deslocamentos, poeta dos melhores e político afortunado, autor de

• • •

35. POR OCASIÃO DO SEGUNDO ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE, TRACEI-LHE O PERFIL EM "LEMBRANÇA DE MOACYR ALVES — UMA PÁGINA DE SAUDADE", DEPOIS INCLUÍDO NO LIVRO *Riscos & Figuras*. MANAUS: IMPRENSA OFICIAL, 1981. DE PÁG. 141 *usque* 144. O ARTIGO ERA DE 1978. MUITOS ANOS MAIS TARDE, AO PUBLICAR, EM ESPANHOL, OS *Ensayos Olvidados y Relecturas. Páginas de Filosofía y Literatura*. MANAUS; FLORIANÓPOLIS: IMPRENSA OFICIAL, 2002/2003, INCLUÍ O ARTIGO COM ALGUMAS ALTERAÇÕES, "RECUERDO DE MOACYR ALVES". DE PÁGS.19 *usque* 22.

três livros emblemáticos da cultura cabocla, *Buzina dos Paranás*, *Beiradão* e *Gente dos Seringais*, e que fora amigo de meu pai; Moacyr Rosas, o exuberante, de quem recordo as conversações acompanhadas de espantosa gesticulação e gargalhadas que ecoavam pelo salão; João Chrysóstomo de Oliveira, sereno e recatado, muito dedicado aos estudos da língua pátria e que nos deixou um bom livro sobre a figura apagada de João Leda, outro amante do vernáculo, e que, na sua coluna semanal no saudoso *Jornal do Comércio*, chegou a escrever generosamente alguns artigos sobre livros meus e a dedicar-me algumas de suas meditações teológicas, e ainda uns poucos mais. Vindo muito cedo para o Extremo Sul do nosso país, perdi a oportunidade de maiores contactos com outros escritores membros ilustres da Academia. Dos novos, não conheço nenhum. Sei, porém, que a instituição continua atuante, a publicar regularmente a Revista e que congrega boa messe de jovens talentos. A Academia tornou-se mais popular, com o que não posso concordar, é a força avassaladora do “democratismo”, que se volta contra tudo e todos que mantenham ainda atitudes mais reservadas. Imagino que T.S. Eliot o poeta magnífico de *Ash Wednesday* e o teatrólogo reverenciado de *Murder in Cathedral*, prêmio Nobel no tempo em que tais prêmios não eram dados a defensores de quanto pior melhor e apoiado por partidos totalitários de esquerda, sindicatos e jornalistas arruaceiros, acho que seria esganado em Manaus e no átrio da Academia por haver dito a um repórter por ocasião da concessão do Nobel, que não simpatizava com o populismo, que era um clássico em Literatura, um monárquico realista em Política e um anglicano em Religião...

Ainda bem que Eliot jamais veio ao Amazonas ultrarregionalista: seria obrigado a dançar o boi-bumbá, provar o jaraqui com pimenta-malagueta, fazer espera à cobra-grande e dar morras aos escritores clássicos e vivas entusiastas aos popularescos! Do que escapou o pobre e refinado Eliot... Quanto a mim, o menor e mais insignificante dos escritores e o último dos brasileiros, continuo a pensar que uma academia não deva sair da sua posição de órgão congregador da nata de uma sociedade culta para cair no populismo, vulgarizar-se e nivelar-se por baixo. Aproveitar o que o povo tem de bom e meritório, dirigi-lo e ensiná-lo para que se eleve e um dia possa ser participe na representatividade intelectual, não querer, porém, que essas entidades que um dia foram criadas como órgãos representativos e superiores de uma determinada nata da sociedade, possa, de um momento para o outro, ficar ao alcance de todos e que qualquer um, sem ter tido uma longa preparação, vir a representá-la, sem mais nem menos, simplesmente porque os populistas e demagogos da inteligência acham que assim deve ser. Formar uma sólida cultura é algo complicado e leva tempo, é trabalho para gerações, de avaliações de méritos que não explodem de um momento para o outro como fogos de artifício. Defendo o trabalho paciente e gradual, porque é mais racional e pode ser mais firme. Também jamais fui um bom frequentador das rodinhas literárias, nunca tive cargos na diretoria da Academia a não ser nos dias da presidência de André Vidal de Araújo e até hoje apenas saudei um novo acadêmico, que nem sequer conhecia, tornando mais difícil o elogio do recipiendário, de parquíssima e quase indigente bagagem bibliográfica. O sistema de

panelinha continua a medrar ali, o que é de lamentar. Só recentemente fui convidado a pronunciar uma conferência nos seus salões, por intercessão do confrade e amigo Almir Diniz de Carvalho, sobre uma poetisa recém-falecida, regionalista e de poucos voos poéticos e literatura açucarada e narcisista, para ser honesto, bastante ultrapassada desde que Rosalina Coelho Lisboa deixou de choramingar as suas decepções amorosas e imprimir, novo Narciso, o seu retrato espiritual nos poemas do *Rito Pagão*. Abomino o Regionalismo, ainda mais na forma estranha e absurdamente paroquial como vem sendo praticado no Amazonas, que já nem parece um Estado-membro da grande Federação Brasileira, mas uma república indígena, cheia de caciques, bois-bumbás, canto do jacaré, dança do pirarucu, choro do uirapuru, balé da cobra-grande e outras patacoadas, boas nos estudos de Sociologia Rural e Folclore, mas ridículas, supinamente ridículas, quando elevadas a *Ursache und Zweck* de toda uma temática literária... Se se continua neste caminho, não estará distante o dia em que, ao invés da bela, pujante e universal língua portuguesa na variante linguística brasileira, se falará nheengatu, ou tukano, ou maku nas belas avenidas da capital, nas salas de aulas, nos cabeleireiros, nos consultórios médicos e escritórios de advogados e... nos salões da quase centenária Academia!... Repito, enre pasmado e apavorado: *Proh dolor, domine!* Só posso dizer: cruz-credo! Infelizmente, pelos órgãos governamentais, por motivos escusos e sem uma seriedade científica, por meio das suas secretarias de Educação e de Cultura, o pequeno regionalismo continua crescendo

como pasto verde ou hera em muros abandonados.

Publiquei vários livros, traduzi alguns, li muito e muito estudei. Estudar para mim é como respirar ou comer. Continuo a estudar com o mesmo fervor e o mesmo afã de quando me encontrava nos colégios e universidades. Na verdade amo os estudos, sejam os de línguas como os literários, os sociológicos como os políticos e os jurídicos. Penso que nasci para os estudos e só isto sei fazer. O saber pelo saber, o estudo pelo estudo, o que muitos consideram simples perda de tempo ou esnobismo. Pode ser, mas é o que tenho sabido fazer nestes anos todos. E o mais triste é reconhecer que quase nada sei, que sou hoje, no fim da vida, apenas um pouco menos ignorante do que quando comecei a falar. E pensar que encontro por aí afora, sujeitórios que pouco leram, que nada estudaram e quase nada meditaram, metem-se a escrever umas besteirinhas de iletrados, em *créole* caboverdiano e que pretensiosamente se julgam gênios e eruditos, é de morrer de rir. Dos meus livros publicados, com exceção de *Park Chung Hee. O Reformador da Coreia – Um perfil de coragem*, em que defendia a luta contra o avanço do Comunismo e exaltava a figura de um dos maiores estadistas já nascidos na Ásia, um Tchiang Kai-shek, coreano, que se esgotou em pouco tempo, poucos tiveram êxito, talvez por terem poucos méritos e talvez por eu não dar a menor atenção ao que pensa o leitor, nem lhe solicitar favores, nem buscar a simpatia da crítica, nem cuidar, pessoalmente, da propaganda. Defendi sempre as minhas convicções políticas, direitistas e conservadoras,

monárquicas, e jamais aceitei a miséria do comprometimento literário com as esquerdas que patrulham a *Kultur* nacional e as universidades deste desgraçado país agora sofrendo as consequências de uma péssima escolha política, de que resultou uma administração nacional presa da desordem, da corrupção sem freios, da mais desbragada demagogia tendo à frente governantes incultos, brutais e incompetentes. Doutor em Direito, doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) e doutor em Linguísticas, com pós-Doutorado em Universidade europeia, continuo a ensinar na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, como professor-associado, o primeiro da instituição, com uma tese sobre tradução, e perto da aposentadoria compulsória, que, no jargão dos colegas, é chamada de “a expulsória”.

O atual ocupante é, pois, um acadêmico que procura trabalhar sem descanso, produzindo as suas obras dentro de uma metodologia científica fartamente amparado em teorias seguras e comprovadas nos seus estudos feitos com seriedade e probidade científica, que detesta o “achismo”, a improvisação apedêutica, a falta de severa autocrítica e que, seja publicando livros seus originais, ou os traduzidos, procura ser sobretudo fiel aos seus princípios filosóficos, políticos e sobretudo a si mesmo. Abomino o pernosticismo da propaganda endeusadora dos próprios méritos e o cabotinismo. Se admiro, sem reservas, a obra de D’Annunzio, não lhe posso perdoar o cabotinismo doentio. E era um D’Annunzio. Imaginem-se pobres diabos, rabiscadores, os “escribidores”, como, com ironia, os chamava

o romancista peruano Mario Vargas Llosa,³⁶ afetando ares de cabotino a *la D’Annunzio*... Tem vasta obra em português e em outras línguas, e colabora extensamente em jornais e revistas literárias europeias, quase sempre com ensaios de crítica literária ou história da literatura.

Dos quatro ocupantes que tem tido a cadeira n.º 4, o atual é o de menor importância para as letras regionais, mesmo porque desadora o regionalismo e o paroquial, preferindo em seu lugar a amplitude do universal. Nesta época de avanço cada dia mais rápido da cibernética, em que o computador desvenda os mistérios da privacidade e do individual, é arquidoloroso ficar um intelectual a exaltar o salto do peixe-boi ou a acompanhar a piracema das piranhas. Se se pode fazer a difícil e compensadora caminhada do local para o universal, em uma topovisão – cuja fundamentação filosófica para uma reavaliação da cultura literária na região lancei, faz muitos e muitos anos em noite de festa na UBE-Am –, penso que está bem e é até louvável. Mas persistir no pequeno e espremido do regional e local, sem a menor saída para o universal, sem que se deixe vislumbrar o resto da paisagem além da janela e da estreiteza que os seus caixilhos permitem ver, aí condeno pois as encaro como restritivas e temo que admitir não deixam de causar mal-estar. Urge evitar os perigos de um autoencerramento que

• • •

36. ESCREVEU UM ROMANCE, EM QUE O CÔMICO VAI DE BRAÇOS COM A IRÔNIA MAIS FINA E QUE JÁ DO TÍTULO SE DEIXA MOSTRAR DE CORPO INTEIRO. REFIRO-ME A *La Tía Julia y el Escribidor*. VALÊNCIA: CÍRCULO DE LECTORES, 1978.

poderá causar danos à produção literária, tornando-a pequenina, vesga, de pouco alcance. Venho-me batendo, com as poucas forças de que disponho, para fazer ver aos escritores que despontam no cenário literário nortenho que essa prisão ultrarregionalista é impeditiva e prejudicial para uma visão de mundo, pois o escritor, nado e criado (e incentivado) nesse ambiente, pode pensar que o mundo termina onde terminam as fronteiras regionais e deixar-se dominar por tal estreiteza que não queira ouvir o outro, achando que só ele e os da panelinha é que são dignos de leitura e estudos. É restringir muito o círculo. Ainda em recente data ouvi, pela televisão, em programa educativo, um conhecido escritor dizer que a sua inspiração vinha do pirarucu, tambaqui e outras besteiras, que de tão imbecis nem quis acreditar no que via e ouvia e mais ainda quando o ouvi recitar umas coisinhas tão chochas que duvidei que o entrevistado tivesse coragem de chamar aquele rol de asneiras de “poesia”, mas sim, chamou. Ora, isto é levar o regionalismo ao grau de toleima institucional generalizada e o mais grave é que era aplaudido pela excentricidade da sua inspiração piscatória e pelas excentricidades. Aquilo nem parecia mais o enunciado de temática poética, e, sim, um guia de como pescar nas águas barrentas do Solimões... Fiquei chocado com o *compromise* de estética poética e guia piscatório. Ou guia culinário à base de peixes... Era demais para o meu ambicioso e exigente requinte literário. Mas lastimavelmente parece ser esta a norma geral para a busca dos temas literários dominantes na bela região do Norte da República Federativa.

Por outro lado, se pouco é peso dentro das fronteiras natais, menor ainda o tem do ponto de vista nacional o autor destas linhas, nem apresenta realizações de que se gabar: é um desconhecido, inteiramente desconhecido, muito metido com o seu trabalho universitário, as suas leituras, os seus estudos. Não há, portanto, muito o que dizer sobre ele. Apenas, como curiosidade, o ocupante atual é o que se encontra há mais tempo na poltrona: Odilon de Lima ficou de 1918 a 1946, quase trinta anos; Alfredo da Matta até 1954, um dos que menos tempo ficou nos quadros acadêmicos; enquanto Aderson de Menezes ficou de 1955 a 1970, e o atual, de 1970 aos dias que correm.³⁷

Eis, em poucas palavras, algumas linhas sobre o patrono e os quatro ocupantes da poltrona n.º 4 da Academia Amazonense de Letras.

E acabou-se...

BIBLIOGRAFIA RESUMIDA CONSULTADA (comentada)

ALSTON, P. W. *Filosofia da Linguagem*. 2.ª ed. revisada. Trad. de Álvaro Cabral. Revisão técnica de Alberto Oliva e Luiz Alberto Cerqueira. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

• • •

37. O AUTOR DESTAS LINHAS ESCREVA ISTO EM 2004. JÁ SE PASSARAM SEIS ANOS DESDE ENTÃO E ELE ESTÁ COM QUASE QUARENTA ANOS NA “IMORTALIDADE ACADÊMICA”, SENDO, PORTANTO, O QUE MAIS TEMPO LEVA NA POLTRONA. OXALÁ AS REZAS FORTES DOS QUE DESEJAM UMA VAGA NA INSTITUIÇÃO NÃO NOS LEVEM BREVE DA TERRA... NOTA DE JANEIRO DE 2008.

ANTONACCIO, Gaitano. *Newton Sabbá Guimarães. A Polimorfia de um Humanista*. Ensaio Biobibliográfico. Manaus: I. Miranda, 2001. Livro generoso, como tudo o que sai da pena de Gaitano, feito sem a assistência do biografado, que lhe forneceu, porém, alguns documentos sobre os quais se baseou e escreveu a biografia.

ANTONGINI, Tom. *A Vida Secreta de D'Annunzio*. Trad. de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. Não se trata na verdade de uma biografia no sentido formal, nem tampouco um livro desses de irritantes mexericos sobre a vida das pessoas conhecidas. São quase que quadros soltos, em que o autor, que foi secretário do Príncipe de Montenevoso e o *duce* vitorioso de Fiume, narra pequenos incidentes da sua vida agitada e romanesca. Há fatos interessantes, mas muita coisa superficial, que não serve para mostrar, na intimidade, um romancista e poeta do porte do plasmador de *Il Notturmo*.

BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias. Vultos do Passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. Esta poderia ser uma das mais proficuidade para conhecimento das personalidades do Amazonas, desde os primórdios da colonização, pois o autor muito investigou, mas o "dicionário" é um verdadeiro caos, realizado sem uma metodologia científica, desordenado, pessimamente escrito, dando a ideia antes de trabalho autodidático, improvisado e apressado do que de um escritor e investigador de peso. Precisa ser reeditado por benemérito mas inteiramente corrigido

e revisado e submetido a rígida metodologia para que possa ser útil.

BJØRNSON, Bjørnstjerne. *Gedichte*. In deutscher Übertragung von Max Bamberger, Ludwig Fulda, Cläre Mjöen, Christian Morgenstern und Roman Woerner. Herausgegeben von Julius Elias. Munique: Albert Langen, 1908. O verso que serve de epígrafe é um louvor aos livros e às boas instituições culturais. O autor, norueguês, é um dos grandes nomes da Literatura Universal.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3.^a ed. São Paulo: Cultrix, 1982. Obra eminentemente didática, escrita com boa metodologia e usando da cronologia como fator de divisão de escolas e movimentos literários, método algo ultrapassado, que Afrânio Coutinho não aceita, mas que serve muito bem para o recorte das nossas Letras através dos tempos.

CARVALHO, Almir Diniz de. *Acadêmicos Imortais do Amazonas. Dicionário Biográfico*. Manaus: Editora Uirapuru, 2002. Obra sobremodo útil e generosa escrita por quem conhece, compreende e ama a velha Academia. Por sua bondade, o autor não consegue ter uma visão crítica de boa parte dos biografados e a obra carece de uma metodologia que lhe discipline os rumos das divisões, das entradas, apresentações e verbetes.

CARVALHO, Ronald. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Pref. de Medeiros e Albuquerque. 10.^a ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1955. Talvez a mais serena e bem

escrita história da nossa Literatura. O autor, bom poeta e excelente prosador, possuía boa formação acadêmica e era um humanista de mérito, daí ter compreendido a personalidade e a obra de muitos escritores estudados, inclusive o nosso patrono Sílvio Romero.

COELHO NETO. *A Conquista*. 2.^a ed. Porto: Chardron, de Lello & Irmão, 1913. É um romance exuberante, até mesmo extremamente exuberante, a ponto de cansar o leitor, mas mostra como vivia e agia aquela juventude dourada, cheia de sonhos e ideais, dos últimos dias do Império. Comparecem nas suas mais de quatrocentas páginas quase todos os grandes escritores que, mais tarde, passariam a fazer parte dos grandes nomes das nossas Letras, como Aluísio Azevedo, Bilac, Coelho Neto lui-même, Pardal Mallet, Paula Ney etc.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro em convênio com a UF do Ceará, 1987. Obra que reúne todos os trabalhos de Coutinho sobre Crítica e Teoria Literária, com excelentes ideias sobre como fazer e não fazer crítica.

MENEZES, Armando Andrade de. *Aderson de Menezes. O Professor (Uma vida dedicada ao estudo e à educação)*. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 1997. Traz boas informações sobre a vida profissional de Aderson, inclusive dados sobre o seu concurso para professor de Teoria Geral do Estado na velha e querida Faculdade de Direito da praça dos Remédios. Não se trata de uma biografia, ou um estudo sobre a trajetória de Aderson desde os dias de estudantes ao final de sua carreira, em Brasília,

como se possa pensar, mas um apanhado, sem método, com preciosas informações.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira. Modernismo*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1989. Como a história de Bosi, um estudo conciso e imparcial nas apreciações sem exageros da importância do Modernismo e dos seus epígonos.

MORAES, Rubens Borba. *O Bibliófilo Aprendiz. Ou prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas*. 2.^a ed., revista e aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. Obra de extremo requinte cultural que pode ser, também, guia precioso para o bom gosto do apreciador dos bons livros.

SABBÁ GUIMARÃES, Newton. *Do Elogio do Humanismo. Sílvio Romero e o Humanismo Nacional. Aderson de Menezes e a Cultura Amazonense. Discurso de Posse na poltrona n.º 4, da Academia Amazonense de Letras*. Tomo II das *Obras* de. Manaus: Imprensa Oficial, 1980. Trata-se, como se indica no subtítulo, de um discurso acadêmico que cobre duas das figuras aqui estudadas nestas linhas, nos longos elogios de Romero e Aderson.

SABBÁ GUIMARÃES, Newton. *Riscos & Figuras*. Tomo IV das *Obras* de. Manaus: Imprensa Oficial, 1981. Contém o artigo sobre um dos membros da Academia, falecido muito moço ainda: Moacyr Souza Alves, com quem o autor destas linhas privou.

SABBÁ GUIMARÃES, Newton. *Ensayos Olvidados y Relecturas*. Ensayos. Manaus; Florianópolis: Imprensa Oficial, 2002/2003. É o trabalho acima traduzido pelo autor ao espanhol com leves alterações.

SCHWEITZER, Albert. *Kultur und Ethik*. Sonderausgabe mit Einschluss von *Verfall und Wiederaufbau der Kultur*. Munique: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1960. Discute a sempre momentosa questão da Cultura e da Ética, dentro de sua admirável formação humanista, tão elogiada pelos seus coevos e respeitada pelos leitores.

VARGAS LLOSA, Mario. *La Tía Julia y el Escribidor*. Valencia: Círculo de Lectores, 1978.

AGRADECIMENTOS:

A Gaitano Laertes Pereira Antonaccio, pelo envio generoso de vários livros de autores amazonenses e das biografias que escreveu sobre João Chrysóstomo de Oliveira, Mário Ypiranga Monteiro, Samuel Benchimol.

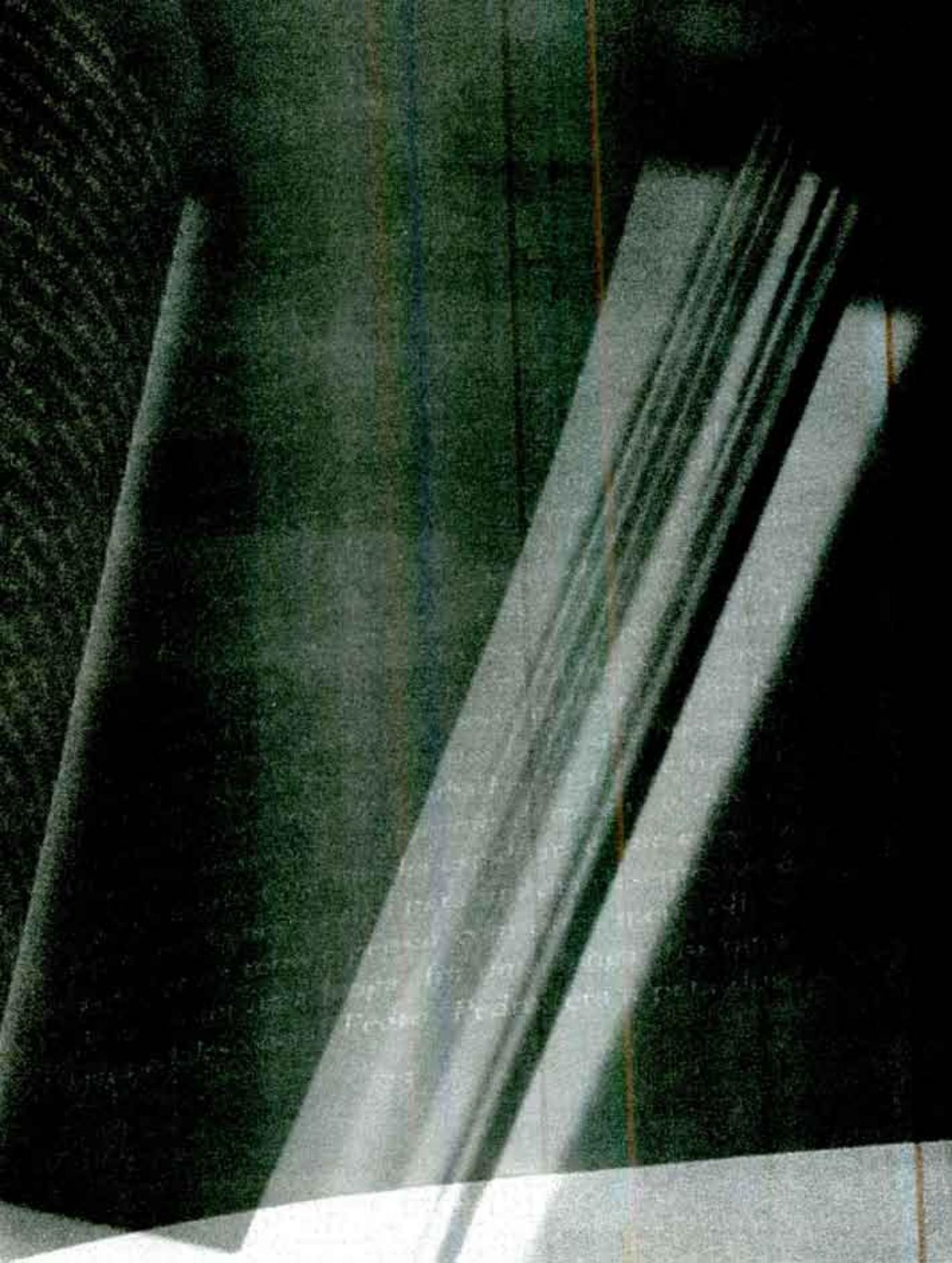
A Almir Diniz de Carvalho, pelo envio do seu *Dicionário de Biografias*, de muita valia na feitura deste artigo.

A Armando Andrade de Menezes, pelo gentil envio do seu livro *Aderson de Menezes. O Professor (Uma vida dedicada ao estudo e à educação)*. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 1997.

A Elson Farias, por haver-me encomendado estas linhas sobre a Cadeira n.º 4, da Academia que preside atualmente.

Campus de Irati, 1.º de maio de 2004.

DISCURSOS *Acadêmicos*



Homenagem a OYAMA, ARMANDO E THIAGO



• *Zemaria Pinto*

Este primeiro parágrafo está sendo escrito depois, apenas para comunicar que obrigações profissionais inadiáveis não me permitem participar dessa confraternização, onde se louva a amizade e a sabedoria de três homens notáveis. Eis, Sr. presidente, a breve oração que preparei.

Afeito à disciplina da poesia, à economia das palavras e dos gestos, tenho dificuldade em improvisar; e ainda mais quando ao improviso se junta a emoção. Por isso, resolvi, contrariando a orientação recebida de V. S.^a, escrever algumas palavras sobre os homenageados.

Cícero, o grande tribuno romano, escreveu, aos 63 anos, um tratado que, passados mais de vinte séculos, ainda é referência quando o assunto é a velhice. Cícero enumera quatro argumentos comumente usados contra a velhice e os refuta, um por um. São eles: a velhice nos afasta do trabalho; tira-nos a força física; priva-nos dos prazeres; e, por fim, nos aproxima da morte.

Se a velhice nos afasta dos trabalhos que pedem vigor físico, deve o homem maduro direcionar seus esforços aos trabalhos do espírito. A idade madura é a melhor conselheira e os estudos são fonte de prazer e de crescimento pessoal. O próprio Cícero produziu quase toda sua obra reflexiva nos dois últimos anos de vida. Evoco o caro Thiago, que, não faz muito tempo, me disse: “todos os dias leio poesia; todos os dias aprendo sobre poesia”.

Quanto à ideia de que a velhice diminui as forças do corpo, Cícero, usando Catão, o Censor, como personagem, contra-argumenta dizendo que as forças do espírito, ao contrário, aumentam com o tempo, especialmente se o agora velho teve, na juventude, a sabedoria de dosar os excessos.

Contra-pondo-se ao terceiro argumento – a velhice priva-nos do prazer –, Cícero lembra que os prazeres dos mais velhos são menos físicos e mais espirituais – e que a paixão, que a tantos reinos destruiu, não é um atributo da velhice, que sabe reconhecê-la e domá-la. Enfim, à quarta e cruel observação de que a

velhice representa a proximidade da morte, Cícero ensina-nos que há duas linhas de raciocínio a seguir: aqueles que não acreditam na vida depois da morte sabem-na inevitável, e por isso devem viver plena e intensamente cada momento. E aqueles que acreditam na imortalidade da alma devem desejá-la como um prolongamento da vida e da felicidade terrenas.

Meus caros Oyama, Armando e Thiago – vocês trazem *nas mãos a lâmina dos anos...* A idade madura é uma dádiva: são poucos os que logram alcançá-la. Quando vocês tinham a idade que tenho hoje, eu era apenas uma criança sem norte. Hoje, muito me honra pertencer à Academia Amazonense de Letras, que tem entre seus quadros pessoas da estatura moral e da nobreza de espírito de vocês.

Dr. Oyama – a quem conheci pessoalmente apenas no dia de minha posse, mas a quem aprendera a admirar à distância, porque os nomes ilustres estão sempre em evidência.

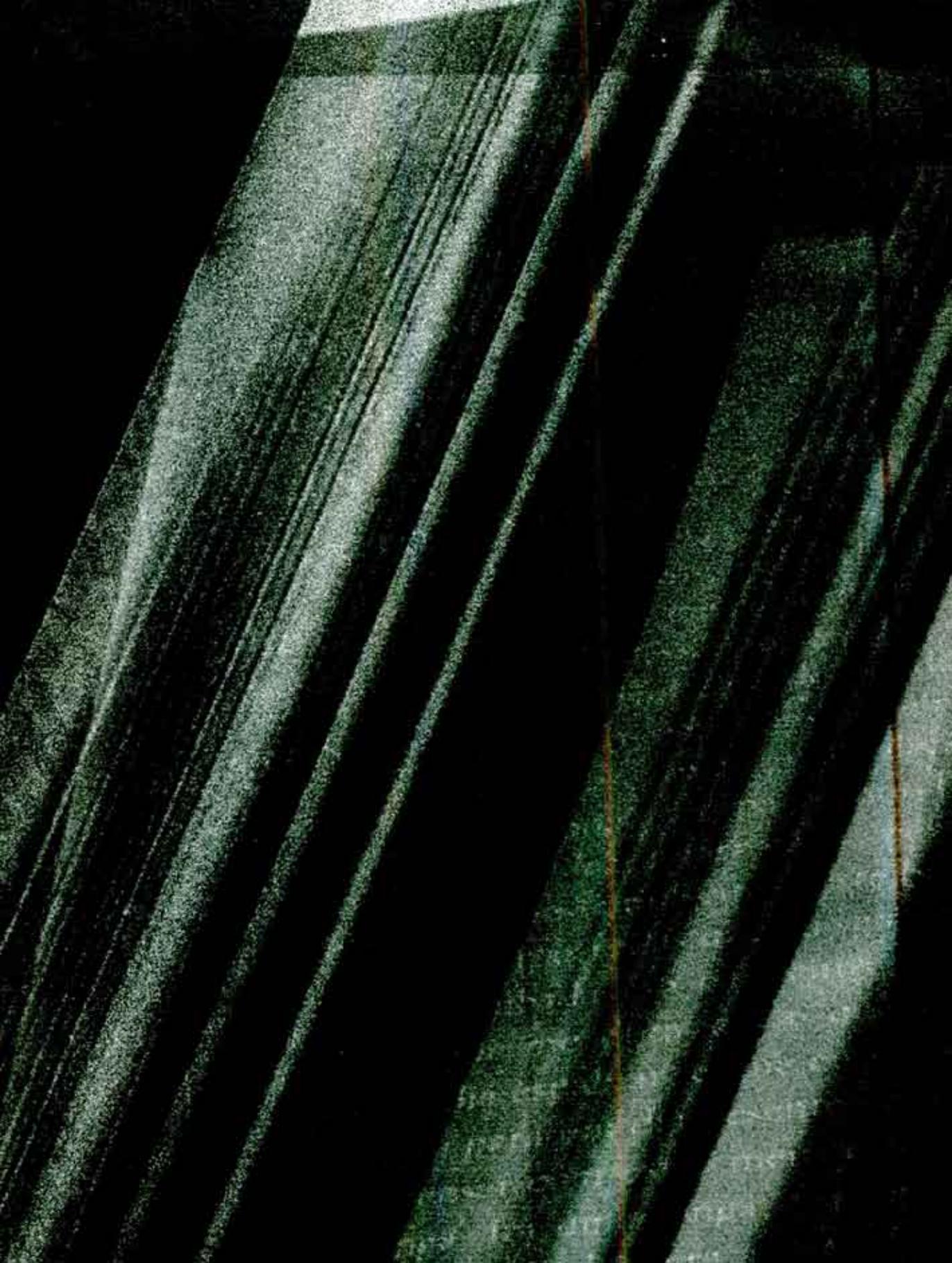
Querido Armando – sobre quem já tive oportunidade de externar de público minha admiração e meu afeto, por ocasião do lançamento de um de seus livros, pouco há que acrescentar sem me repetir. Mas, já que comecei falando em Cícero, valho-me de seu tratado *Sobre a Amizade* para sintetizar o meu pensamento sobre o amigo Armando. Cícero escreve que a amizade não se sustenta em quem não tem virtudes. Está aí a explicação de porque o Armando é um homem de tantas amizades: é porque é um homem de muitas virtudes.

Sobre o Thiago devo dizer que ouço falar dele desde sempre. Seus poemas libertários me acompanharam a adolescência e a pífia militância da época de estudante. Depois, quando de sua volta do exílio, uma feliz coincidência nos aproximou. E já lá se vão mais de 20 anos. Sacerdote da utopia, Thiago jamais deixou de ter, para mim, certa aura de herói juvenil.

Queridos Thiago, Armando e Oyama – faço votos de que, juntos, comemoremos os oitenta e os noventa anos de muitos dos nossos amigos aqui presentes.

Longa vida a todos!

RESENHAS



EDIÇÕES DA ACADEMIA – *Clássicos da Academia* • • •• *Elson Farias*

1.

Lobo d'Almada – um estadista colonial,
de Arthur Cézár Ferreira Reis, 300 pgs.

É um livro no qual o grande escritor brasileiro nascido no Amazonas estuda a personalidade e a obra do terceiro governador da Capitania de São José do Rio Negro. Foi Lobo d'Almada quem transferiu a sede da capitania da cidade de Barcelos, no alto rio Negro, para a cidade de Manaus, na confluência do encontro das águas do rio Negro com o Solimões. O grande estadista achava mais estratégica a localização da sede do poder político da Amazônia Ocidental em Manaus. Foi Lobo d'Almada quem iniciou a atividade agropecuária no espaço físico hoje ocupado pelo Estado de Roraima e que abasteceu Manaus por muito tempo. O livro traz, ainda, uma preciosa documentação sobre os eventos estudados. Não só o grande amazonólogo Arthur Reis, mas o povo de Manaus jamais deixou de lembrar esse notável estadista, adotando-lhe o nome em uma das mais movimentadas ruas do centro histórico da cidade.

Esta terceira edição do livro traz uma apresentação do Acadêmico Francisco Gomes da Silva.

Publicado em coedição com a Editora Valer e o apoio cultural da Prefeitura de Manaus, sob a interveniência da Secretaria Municipal de Cultura.

2.

Só a educação transforma os povos,
de Araújo Lima, 106 pgs.

O livro estuda as questões do antigo ensino primário hoje integrando o ensino fundamental. Baseia-se em princípios de ordem científica, bem ao estilo do célebre autor de *Amazônia, a terra e o homem*. É objeto de uma pesquisa nos procedimentos educacionais da década de 30 no Brasil, pois foi lançado em 1932, envolvendo críticas procedentes ao atraso do país em relação a outros centros do mundo. O livro se encerra com um grupo de sugestões ainda hoje atuais na melhoria das ações voltadas ao processo educacional do nosso povo.

O livro traz a apresentação do Acadêmico José dos Santos Pereira Braga.

3.

Dom João da Mata, do padre Raimundo Nonato Pinheiro, 205 pgs.

Trata-se da biografia de dom João da Mata Andrade e Amaral, o quinto bispo diocesano do Amazonas. Ao se ocupar da vida e obra do notável prelado, o autor fornece valiosas informações sobre a história eclesiástica da Amazônia. Movido pelo sentimento de veneração aos atos e exemplos do seu biografado, de que foi possuído ao escrever o livro, o padre Nonato Pinheiro consegue trazer à luz do nosso tempo os traços mais expressivos da personalidade e da figura de dom João da Mata. Mas o livro se impõe, ainda, pela forma com que foi escrito, realçando-lhe a correção vernácula e a elegância do estilo que eram as qualidades mais reconhecidas nesse nobre escritor amazonense.

Esta segunda edição do livro traz a apresentação do Acadêmico e arcebispo de Manaus, dom Luiz Soares Vieira.

4.

Amazônia em novas dimensões, de Cosme Ferreira Filho, 259 p.

Este livro é bem um exemplo da expressão do pensamento amazônico agindo nos processos de mudança da nossa realidade humana. Classifica-se no campo dos estudos sociais, mais destacadamente no setor da economia. Refletem a experiência do autor

como homem prático, empresário e agricultor – realizou a plantação de um seringal e um castanhal nas periferias de Manaus –, e a de estudioso das questões regionais, baseado numa ampla bibliografia arrolada nas suas últimas páginas. O livro tem ainda a qualidade de estimular o prazer da leitura, tal a correção e a elegância do estilo em que é lavrado.

Faz a apresentação desta segunda edição da obra o senador da República e Acadêmico Jefferson Péres.

5.

Experiências e estórias de Baíra – O grande burlão, de Nunes Pereira, 98 pgs.

Trata-se da quarta edição deste livro do mestre Nunes Pereira e traz como que a primeira manifestação do autor às pesquisas e aos estudos do nosso imaginário. Cuida-se de pura poesia, a poesia gerada pelos povos primitivos da Amazônia, trabalho que se espraiou no monumental *Moronguetá – um decameron indígena*, pesquisa da vida inteira do nobre etnólogo brasileiro, lançado em dois alentados volumes.

Esta edição traz a organização e o cotejamento de texto do Acadêmico Tenório Telles e a apresentação do Acadêmico Antonio Loureiro.

6.

A Uíara & outros poemas, de Octávio Sarmiento, 97 pgs.

A Uíara veio à luz, pela primeira vez, no *Diário Oficial* do Estado do Amazonas, no dia 7 de

setembro de 1922, numa edição comemorativa ao centenário da Independência. O poema jamais foi publicado em livro, como, de resto, os outros trabalhos agora reunidos nesta coletânea. Em verdade, no momento em que se relembram os oitenta anos de desaparecimento do autor, tem-se publicado o seu livro de estreia, numa demonstração de autêntica recuperação literária, porque o poema, escrito por um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, não deixa a desejar quanto às melhores manifestações do processo criador literário em âmbito nacional. É, sem dúvida, uma obra-prima do pensamento amazônico.

A edição traz a organização, estudo e estabelecimento de texto do Acadêmico Zemaria Pinto, e apresentação do Acadêmico Tenório Telles.

7.
Vocabulário de Rui Barbosa,
de João Leda, 166 pgs.

Constitui uma das obras fundamentais deste autor que é um dos fundadores da Academia. Nas primeiras 56 páginas trata da personalidade do grande pensador. A partir daí, até o final das 166 páginas do livro, cuida do vocabulário propriamente dito usado por aquele grande cultor do nosso idioma, como se fosse um pequeno dicionário das expressões manejadas pelo autor da *Oração aos moços*.

O livro traz uma apresentação do Acadêmico Tenório Telles.

SÉRIE GENESINO BRAGA

1.
O colonialismo e a escravidão humana,
do Acadêmico Oyama Ituassú, 117 pgs.

Neste livro, o autor, que era jurista e professor de Direito, cuida da escravidão em suas várias formas, começando por tecer considerações sobre a história do colonialismo que, a seu ver, constitui, também, um feitiço de escravidão. Em seguida estuda o caso da escravidão no Amazonas, a escravidão negra, a humana nos seringais, a escravidão pelo sexo, a escravidão na cidade grande e a ideológica. É um livro de fácil leitura, lançado em linguagem clara e envolvente.

2.
Presidentes da Academia Amazonense de Letras – 1918-2006,
do Acadêmico Robério Braga, 132 pgs.

O livro reúne estudos biográficos sobre os quinze presidentes do Silogeu, desde a sua fundação aos dias atuais. São eles os Acadêmicos Adriano Jorge, Péricles Moraes, João Leda, Waldemar Pedrosa, André Araújo, Salignac e Souza, Álvaro Maia, Djalma Batista, Genesino Braga, Mário Ypiranga Monteiro, João Mendonça de Souza, Oyama Ituassú, Robério Braga, Max Carpentier e Elson Farias. A obra revela as qualidades de pesquisador e ensaísta do autor de *Adriano Jorge, o homem, a vida, a obra*.

O livro traz a apresentação do Acadêmico Elson Farias.

1.

Em Memória de Paulo Jacob,
do Acadêmico Armando de Menezes, 53 pgs.

A plaqueta abriga a conferência que fez o autor no ciclo de palestras proferidas durante os Sábados da Academia, em memória de confrades recentemente desaparecidos. Neste trabalho o autor estuda a vida, a obra, o reconhecimento literário e o itinerário existencial de Paulo Jacob, reunindo ricas informações sobre a personalidade do autor de *Chuva Branca*. O texto conta com depoimentos oferecidos na ocasião sobre o pranteado confrade, como o da sr.^a Marilda Jacob, viúva do homenageado, dos acadêmicos Elson Farias, Antonio Loureiro e Arlindo Porto e ilustrado por expressiva memória fotográfica.

2.

Em memória de Jorge de Moraes,
do Acadêmico Ruy Alberto Costa Lins, 53 pgs.

Abriga a plaqueta conferência que fez o autor no programa dos Sábados da Academia, na segunda série do curso *A Academia e seus fundadores*, proferida no dia 6 de março de 2006. O trabalho atem-se a vários aspectos da vida e obra do homenageado, sua trajetória profissional e política, a introdução do relatório apresentado em 12.12.1904 como diretor-geral da Instrução Pública, editorial de Justa Distinção publicado pelo *Jornal do Comércio* de 26.5.1911. Traz, ainda, a publicação, um amplo álbum de imagens, notas de pé de página e informação bibliográfica.



Revista da AAL

A geração e difusão do conhecimento, do saber, da arte e da beleza são as principais expressões de nossa Academia.

Assim tem sido feito desde os seus primeiros passos. Sua *Revista*, como veículo dessa difusão, tem cumprido esse importante papel e tem representado a expressão escrita do pensamento acadêmico.

Em contraposição, a regularidade das publicações, na dependência direta de recursos, tem estabelecido descontinuidades. Grande tem sido o esforço das diferentes administrações para fazer circular pelas instituições daqui e do restante do país este seu veículo de divulgação. Recria-se somente agora a expectativa de produzi-lo e fazê-lo circular com a qualidade e regularidade desejada.

É justo que a Academia Amazonense de Letras, com tamanha produção literária, a disponibilize aos seus leitores, contribuindo e facilitando o diálogo com a sociedade que a estimula e engrandece.

MARCUS VINÍCIUS

